



MARCEL MAUSS

SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

VOLUME II

e.p.u. 1974

editora pedagógica e universitária Ltda.

edusp

editora da universidade de são paulo

SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

A. V.

SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

A. V.

ENSAIO SOBRE AS VARIAÇÕES SAZONEIRAS DAS SOCIEDADES ESQUIMÓ

Tradução de Lâmberto Puccinelli

Estudo de Morfologia Social⁽¹⁾

Propomo-nos aqui o estudo da morfologia social das sociedades esquimó. Sabe-se que designamos⁽²⁾ com essa expressão a ciência que estuda, não apenas para descrevê-lo, como também para explicá-lo, o substrato material das sociedades, isto é, a forma que elas assumem ao estabelecerem-se no solo, o volume e a densidade da população, a maneira como esta se distribui, bem como o conjunto de coisas em que se assenta a vida coletiva.

Porém, como nosso trabalho diz respeito a uma população geograficamente determinada, é necessário estar de sobreaviso para não o entender como um estudo puramente etnográfico. Nossa intenção não é igualmente a de reunir, em uma monografia descritiva, as diversas particularidades que a morfologia dos povos esquimó pode apresentar. Pretendemos, ao contrário, a propósito dos esquimó, estabelecer relações que tenham certa generalidade. E, se tomamos como objeto especial de nosso estudo essa notável população⁽³⁾, é porque as rela-

(1) Extraído de *Année Sociologique* (t. IX, 1904-1905), em colaboração com H. BEUCHAT.

(2) Ver *Année Sociologique*, nota de DURKHEIM, II, p. 520s. e os anos seguintes (VIª seção).

(3) Dizemos "população" na falta de uma palavra mais adequada. De fato seria de todo inexato falar de uma nação, de que as tribos esquimó, mal delimitadas, jamais tiveram o embrião. Mas também seria de todo inexato imaginar entre as tribos desse grupo, pouco numeroso (avalia-se seu número em apenas 60.000 indivíduos, V. H. RINK, *The Eskimo Tribes, Their distribution and Characteristics* em *Meddelelser om Gröland*, XI, p. 31s., cifra que as pesquisas ulteriores não contestaram), diferenças do tipo das que separam entre si as tribos de outras populações chamadas de primitivas. A civilização como um todo e a raça esquimó são de notável uniformidade. Sobre a unidade da

ções para as quais queremos chamar a atenção encontram-se aí como que robustecidas e amplificadas, apresentando, então, características mais nítidas que permitem a compreensão de sua natureza e importância. Ficaremos, assim, mais bem preparados para percebê-las inclusive em sociedades em que não são tão imediatamente perceptíveis, em que a trama formada pelos outros fatos sociais mais as dissimula ao observador. O que faz com que os esquimó ofereçam, sob esse aspecto, um privilegiado campo de estudo, é que a sua morfologia não é a mesma nas diferentes quadras do ano; conforme as estações, mudam completamente a maneira pela qual os homens se agrupam, a extensão e a forma de suas casas, a natureza de seus estabelecimentos. Tais variações, de que adiante se verá a amplitude excepcionalmente considerável, permitem estudar, em condições particularmente favoráveis, a maneira pela qual a forma material dos agrupamentos humanos, isto é, a natureza e a composição de seu substrato, afeta os diferentes modos de atividade coletiva.

raça, ver RINK, *ibid.*, p. 8ss. e BAHNSON, *Ethnographien*, Copenhague, 1894, I, p. 223. Sobre a unidade da língua, ver RINK, *ibid.*, e *ibid.* vol. II, p. 6ss. (nós não admitimos, naturalmente, todas as hipóteses de Rink) e, principalmente, o excelente livro de W. THALBITZER, *A Phonetical Studf of the Eskimo Language, etc. Meddelelser om Grönland*, vol. XXXI, Copenhague, 1904, p. 225s. Tal unidade era um fato bem conhecido dos mais antigos exploradores e serviu de base às instruções de Franklin e dos sucessores de Franklin. Cf. FRANKLIN, *Narrative of an Expedition to the shores of the Polar Sea*, Londres, Murray, 1823, p. 43; MIERTSCHING, *Reisetagebuch*, p. 37, p. 42; MARKHAM em *Arctic Papers*, p. 151. Sobre a unidade da situação material e moral, o livro de MURDOCH, *The Point Barrow Eskimo, Xth Annual Report of the Bureau of American Ethnology* é abundante em ensinamentos. O livro de H. P. STEENSBY, *Om Eskimo Kulturens Oprindelse, en etnografisk og antropogeografisk studie*, Copenhague, 1905, consagra-se mais especialmente à civilização material e constitui uma excelente demonstração do fato que neste momento adiantamos. Um certo número de trabalhos etnográficos especiais serve igualmente para prova; tais livros são: o de O MASON, v. adiante à p. 243, nota 19; o de MURDOCH, *The forms of the Eskimo Bows, Naturalist*, VIII, especialmente p. 869, *A Study of the Eskimo Bows, Rep. U.S.N.M.*, 1884, II, p. 307-316; o de RINK e BOAS, a respeito das lendas, *Journal of American Folk-Lore*, II, p. 122, ss. *The Folklore of the Eskimos, ibid.*, vol. XVII, p. 1-14; Cf. *The Eskimos of Baffin Land, Bull. of the Amer. Mus. of Nat. Hist.*, XV, I, 1901, p. 355 s. Os diferentes grupos esquimó têm uma única mitologia, uma única tecnologia, uma única organização social, uma única língua; só há diferenças dialetais no que diz respeito à língua e variações práticas quanto aos seus traços coletivos restantes. O presente trabalho servirá também para demonstrar que eles têm só uma morfologia. A comparação e a generalização serão, por isso, infinitamente facilitadas e garantidas.

Dir-se-á talvez que uma só e única população constitui base muito estreita para o estudo que visa a estabelecer proposições aplicáveis não apenas a um caso particular. Mas já preliminarmente é preciso não perder de vista o fato de os esquimó ocuparem uma área imensa de costas, senão de territórios (4). Há não uma, mas diversas sociedades esquimó (5), cuja civilização é suficientemente homogênea para que possam ser útilmente comparadas, e suficientemente diversificada para tornar fecundas tais comparações. Além disso, é um erro pensar que o crédito a que tem direito uma proposição científica depende estritamente do número de casos em que se crê possível a sua verificação. Quando uma relação foi estabelecida num caso, mesmo único, porém metódica e minuciosamente estudado, há aí uma certeza diferente da que se demonstra através da ilustração de fatos numerosos mas disparatados, de exemplos curiosos mas confusamente tomados de sociedades, raças e civilizações as mais heterogêneas. Stuart Mill disse uma vez que uma experiência bem feita basta para demonstrar uma lei: ela é sobretudo infinitamente mais demonstrativa do que muitas experiências mal feitas. Ora, esta regra de método aplica-se tanto à sociologia quanto às outras ciências da natureza. Indicaremos, de resto, ao término deste trabalho, alguns fatos que testemunharão que não são sem generalidade as relações que vamos constatar entre os esquimó.

Tratando desses problemas, somos levados a especificar nossa posição a respeito dos métodos utilizados pela disciplina especial que tomou o nome de antropogeografia (6). Os fatos por ela tratados são,

(4) Ver adiante.

(5) Não podemos fornecer aqui uma enumeração das sociedades esquimó com seus nomes. Contentamo-nos com indicar os principais trabalhos que se ocuparam do assunto da nomenclatura geográfica, que são, a começar pelo Alasca: DALL, *Alaska and its Resources*, 1872, I, p. 180 ss. e em *Contributions to North American Ethnology*, I, p. 1-8; os de PORTER e de WELLS e KELLEY, citados adiante, p. 11, nota 7; o de P. PETITOT, *Monographie des Esquimaux Tchigliit*, Paris, 1872, p. XIII ss.; BOAS, *The Central Eskimos, Sixth Annual Report of the Bureau of American Ethnology*, p. 414 ss. Como se verá, os diversos grupos do Labrador e da Groenlândia não parecem ostentar nomes tribais (cf. mais adiante, pp. 13-4). O mapa melhor e mais explicativo do que qualquer enumeração é o de THALBITZER, *A Phonet. Stud.*, em *Medd. Gr. XXXI*.

(6) Sabe-se que o fundador dessa disciplina foi RATZEL, cujas obras principais: *Anthropogeografie*, 1.^a Parte, 2.^a ed., 1899, II.^a Parte, 1.^a ed., 1891, *Politische Geographie*, 1897, foram reconsideradas aqui, bem como outras obras que seguem a mesma linha, ver *Année Sociologique*, II, p. 522; III, p. 550;

em certo sentido, do mesmo gênero daqueles de que nos ocuparemos. A antropogeografia também se propõe o estudo do modo de distribuição dos homens na superfície do solo e da forma material das sociedades, e não se poderia dizer, sem cometer-se injustiça, que as pesquisas por ela empreendidas nessa direção não alcançaram resultados importantes. Longe, portanto, de nosso pensamento a depreciação de descobertas positivas ou de sugestões fecundas que se devem à brilhante plêiade de seus trabalhadores. Considerando as sociedades só como grupos de homens organizados em pontos determinados do globo, não cometemos a falta de considerá-las como se fossem independentes de suas bases territoriais; é claro que a configuração do solo, sua riqueza mineral, sua fauna e sua flora afetam-lhes a organização. Mas por serem especialistas da geografia, os estudiosos dessa escola foram naturalmente induzidos a ver de um ângulo muito particular as coisas de que se ocupam; em razão dos próprios estudos a que se consagram, atribuíram ao fator telúrico uma preponderância quase exclusiva (7). Em vez de estudar o substrato material das sociedades em todos os seus elementos e em todos os seus aspectos, é sobretudo e antes de tudo no solo que se concentram a atenção; é o solo que está no primeiro plano de suas pesquisas e toda a diferença

IV, p. 565, etc.; VI, p. 539 ss., VIII, p. 612, 620. (Cf. um resumo, feito por RATZEL, *Année*, III, p. 9. Encontrar-se-á: *Anthropogeographie*, 1.º, p. 579 ss. uma exaustiva bibliografia destes trabalhos até 1899; bibliografia em continuação, sob a rubrica de Géographie humaine na *Bibliogr. des Annales de Géographie*. O mais importante dos recentes trabalhos desta escola são os da Escola francesa de Vidal de la Blache, de Martonne, Brunhes, Demangeon. (Cf. VIDAL DE LA BLACHE, *La géographie humaine, ses rapports avec la géographie de la vie*, *Rev. de Synth. Histor.*, III, 1903, p. 219-240.)

(7) Naturalmente, não podemos considerar, numa exposição tão breve, trabalhos de um gênero ainda mal classificado e que se aproximam mais da sociologia do que da geografia, pois são antes trabalhos de geografia histórica, consistindo mais de considerações de filosofia geográfica da história social, tais como o de RAMSAY, *The geographical Conditions determining History and Religion*, etc., *Geogr. Jour.*, 1902, p. 257 ss., o de MACKINDER, *The geographical Pivot of History*, *Geogr. Jour.*, 1904, p. 421 ss., e principalmente o *Tableau de la géographie de la France*, de VIDAL DE LA BLACHE, cf. C. R. de VACHER, *Année*, VIII, p. 613. Não consideramos igualmente certos esboços, devidos sobretudo a etnógrafos americanos, que se aproximam ainda mais do que aqui vamos tentar. Trata-se especialmente de mostrar a ação imediata do meio físico sobre a vida social, sobretudo técnica e religiosa; ver particularmente as lições de MAC GEE, MASON e outros, em *Report of the United States National Museum*, 1895, p. 741 ss.

que há entre eles e os geógrafos comuns está no fato de considerarem o solo mais especialmente nas suas relações com a sociedade.

De outro lado, atribuíram a tal fator não sabemos que perfeita eficácia, como se ele fosse capaz de produzir só por suas forças os efeitos que implica (8), sem ter, por assim dizer, necessidade de concorrer com outros fatores que ou o reforçam ou o neutralizam, seja total, seja parcialmente. Basta abrir as obras dos mais renomados antropogeógrafos para ver essa concepção traduzir-se nos próprios títulos dos capítulos: trata-se sucessivamente do solo nas suas relações com a habitação, do solo nas suas relações com a família, do solo nas suas relações com o Estado, etc. (9). Ora, na verdade, o solo age conjugando a própria ação à de outros mil fatores, dos quais é inseparável. Não basta a existência de tal riqueza mineral para determinar o agrupamento de homens em tal ponto do território; é, além disso, necessário que as condições da técnica industrial permitam a sua exploração. Para que os homens se aglomerem, em vez de viverem dispersos, não basta que o clima ou a configuração do solo os convide; é também preciso que sua organização moral, jurídica e religiosa permita a sua vida em aglomerado (10). Longe de ser o fato essencial para atrair quase que exclusivamente o olhar, a situação propriamente geográfica constitui apenas uma das condições das quais depende a forma material dos agrupamentos humanos; é na verdade mais frequente que seus efeitos só se produzam por intermédio de múltiplas condições sociais que ela começa por afetar e que são o que pode

(8) O último geógrafo desta escola, e também o único que talvez faça verdadeiramente exceção a este costume, DEMANGEON crê, de fato (*La Plaine Picarde*, Paris, 1905, p. 455-456), que é por intermédio da sociedade que o solo age sobre o homem, chegando assim à nossa teoria, ou, se se quiser, nós temos apenas que nos ligar à teoria dele, embora não seja sempre aplicada por ele. Uma comparação nos fará compreender melhor. DAVIS em curioso artigo, *A scheme of Geography* (*Geographical Journal*, XXII, 1903, p. 413 ss.), propõe que a geografia seja explicativa da vida humana na terra. Tenta figurar, por um esquema interessante, as linhas de correlações que a geografia tem a finalidade de traçar e os planos que tais linhas atravessam. A nosso ver, um desses planos é, precisamente e sempre, a sociedade e é atravessando a sociedade que as condições telúricas chegam a afetar, pela massa social, o indivíduo.

(9) Este é o plano do 1.º Volume da *Anthropogeographie* de RATZEL, que é dos dois o mais propriamente sociológico. Cf. *Année Soc.*, III, o resumo do próprio Ratzel.

(10) Assim, o aumento da população em Meurthe-et-Moselle deve-se não apenas à existência de minas, de canais, etc., como ainda à descoberta do tratamento das piritas de ferro e ao protecionismo.

explicar o resultado final. Em poucas palavras, o fator telúrico deve ser colocado em relação com o meio social na sua totalidade e complexidade. Não pode isolar-se deste. Assim, também, quando se estudam os efeitos, é em todas as categorias da vida coletiva que as repercussões devem ser consideradas ⁽¹¹⁾. Todas estas questões não são, portanto, questões geográficas, e sim propriamente sociológicas. E é com espírito sociológico que vamos abordar as que são objeto deste trabalho. Se ao nome de antropogeografia preferimos o de morfologia social, para designar a disciplina de que este estudo decorre, não o fazemos por um mero gosto do neologismo, mas porque esta diferença de rótulo traduz uma diferença de orientação.

Além disso, se bem a questão da antropogeografia dos esquimó tenha com frequência atraído os geógrafos, curiosos sempre a respeito dos problemas referentes às regiões polares, o tema de que nos ocuparemos só é tratado de forma incidental e fragmentária em seus trabalhos. As duas obras mais recentes são a de Steensby, *Om Eskimo Kulturens oprindelse* ⁽¹²⁾ e a de Riedel, *Die Polarvölker. Eine durch naturbedingte Züge charakterisierte Völkergruppe* ⁽¹³⁾. A primeira, por sinal a melhor, é antes um estudo de etnografia; tem por principal objetivo marcar a unidade da civilização esquimó e procurar a sua origem, que o autor acredita encontrar fora dos próprios esquimó, sem que, de resto, tal tese apóie-se em provas suficientemente demonstrativas. O outro livro é mais exclusivamente geográfico; contém, a respeito das tribos esquimó e de seu habitat, a boa descrição que nos foi dada até agora, mas nele encontra-se, sob a forma exagerada que não surpreende no trabalho de um aluno, a teoria da ação exclusivamente do fator telúrico. Quanto aos outros trabalhos publicados — os

(11) Para bem compreender nosso ponto de vista, será naturalmente necessária uma crítica completa dos trabalhos recentes. Os efeitos dos fenômenos morfológicos, segundo o nosso ponto de vista, não se limitam a certos fenômenos jurídicos, por exemplo do gênero dos que Brunhes indicou a propósito do regime das águas e dos direitos de irrigação, mas se estendem às mais elevadas esferas da fisiologia social (cf. DURKHEIM, *Division du travail*, 2.^a ed., p. 252s., cf. DURKHEIM e MAUSS, *Essai sur quelques formes primitives de classification*, *Année sociol.*, VI, p. 75s.). Além do mais, é por intermédio de fenômenos fisiológicos ou graças à ausência desses fenômenos que os fatores telúricos produzem seus efeitos. Assim, quando se relaciona, como o faz de MARTONNE, o nomadismo à estepe (Peuples du haut Nil, *Annales de Géographie*, 1896), esquece-se que a estepe nilótica é em parte cultivável e que é a ausência de toda técnica agrícola que mantém certos povos em estado de nomadismo.

(12) Copenhague, Salmonsens, 1905.

(13) Inaugur. Diss., Halle, 1902.

de Hassert ⁽¹⁴⁾, de Boas ⁽¹⁵⁾, de Wachter ⁽¹⁶⁾, de Issachsen ⁽¹⁷⁾, de Faustini ⁽¹⁸⁾ — são obras que tratam quase unicamente do problema das migrações. A terceira parte do trabalho de Mason ⁽¹⁹⁾, sobre os meios de transporte, diz respeito mais especialmente aos esquimó, no entanto, é mais um estudo tecnológico e consagrado principalmente aos meios de transporte e de viagem.

Definitivamente, Steensby é a bem dizer o único que dedicou alguma atenção à questão especial das variações sazonais da morfologia esquimó; para tratar dela, nós só podemos pois recorrer aos dados imediatos dos observadores ⁽²⁰⁾.

(14) Die Völkerwanderung der Eskimos, *Geogr., Zeitschr.*, I, 1895, p. 302-332. Este trabalho trata principalmente da origem asiática e das questões de adaptação ao solo. Do mesmo autor, *Die Polarforschung*, etc., Leipzig, 1902, encaminha o primeiro trabalho devidamente.

(15) Ueber die ehemalige Verbreitung der Eskimos in Arktischen Amerikanische Archipel, *Zeitschr. d. Gesell. f. Erdkunde Berl.*, 1893.

(16) Grönlandische Eskimos, *Natur*, 1898.

(17) Die Wanderungen der Eskimos, *Petermanns Mittheilungen*, 1903, p. 75-79. O capitão Issachsen teve o mérito de levantar e de demonstrar, por sua exploração do Devon Norte, a hipótese mais verossímil sobre o povoamento da Groenlândia Ocidental. Cf. SVERDRUP, *Nyt Land*, 1904, II, p. 275, de *New Land*, II, p. 212.

(18) L'Esodo Eskimese. Un capitolo di antropogeografia artica, *Riv. d. Fls. Mat. Sc. Nat. Pavia*, IV, 1903, p. 28. Cf. C. R., em *Geog. Jour.*, 1904, XXIII, p. 392. Faustini divide com muita razão os esquimó em dois ramos, um do S.-E., outro do N., que se teriam separado nas proximidades do cabo Nome, Alasca.

(19) O. MASON, Primitive Travel and Transport, em *Report of the United States National Museum* (Smiths. Inst.), 1896.

(20) É útil fornecer aqui uma bibliografia sumária das principais obras que utilizamos, mesmo que seja para poder citá-las abreviadamente doravante. Encontrar-se-ão bibliografias mais completas e quase exaustivas em PILLING, *Bibliography of Eskimauan Languages*, Smiths. Ints., 1893, e em STEENSBY, *op. cit.*, p. 207ss.

As mais antigas obras sobre a Groenlândia colocam-se entre as melhores e são, entre outras: H. EGEDE, *Det Gamle Grönlands Nye Perustration*, etc., Kjöbenhavn, 1741 (consultamos também as edições anteriores, mas esta é a que designaremos pela abreviação *Perlus.*), de que se encontra boa tradução francesa, publicada por M.D.R.P. (DES ROCHES DE PARTHENAY) em 1763 em Genebra, sob o título de: EGEDE, *Description et Histoire Naturelle du Groenland*; D. GRANZ, *Historie von Grönland*, Leipzig-Barby, 1745 (é a única edição boa; a edição inglesa, menos rara, *Description of Greenland*, Londres, 1757), trata das tribos mais meridionais e representa uma fonte relativamente independente; citaremos a primeira simplesmente pelo nome do autor. Vêm em seguida os livros de Rink que são, além dos já citados, *Grönland, geografisk og statistisk beskrevet*, Copenhagen, 1852-1857; *Grönlandsk Eskimoiske Eventyr*

I

Morfologia Geral

Antes de procurar quais as formas especiais que a morfologia dessas sociedades apresenta nas diferentes quadras do ano, é necessário determinar quais as suas características constantes. Sejam quais

og Sagn., Kbhvn, 1856, 1871, tradução inglesa, *Tales and Traditions of the Eskimo*, Edinburgh, 1875 (= T.T.). Todas estas obras referem-se aos esquimós da Groenlândia Ocidental. O principal trabalho consagrado aos esquimós orientais é o de HOLM, *Ethnologisk Skizze af Angmagsalikerne*, em *Meddelelser om Grønland*, 1888, vol. X (= Holm). O conjunto das publicações da (Comission for Ledelsen af de Geologiske og Geografiske Undersøgelser i Grønland" é dos mais preciosos; esta comissão quis conceder-nos um exemplar e nós agradecemos aqui a sua generosidade (citado *Meddel. Grl.*).

Sobre os esquimó do Labrador só temos fontes esparsas, cuja citação aqui não vale a pena; a única monografia que trata dos esquimó do S. do estreito de Hudson. L. M. TURNER, *The Hudson Bay Eskimo*, em *XIth. Ann. Rep. of Bur. of Amer. Ethn.* (1889-1890) (= Turner).

Sobre os esquimó centrais, os melhores documentos são, por ordem de data: W. E. PARRY, *Journal of a Second voyage of discovery of a North West Passage*, 1821, 1822, 1823, Lond., 1824 (= Parry) e G. F. LYON, *The private Journal of Capt. Lyon, during the recent Voyage of discovery with Capt. Parry*, Lond., 1824 (= Lyon); as duas relações tratam principalmente da tribo que estacionou durante dois invernos seguidos em Iglulik. Vêm a seguir os documentos de Hall, infelizmente sujeitos a cautela e, especialmente, mal impressos; os da expedição de Schwatka, principalmente a relação de KLUTSCHAK, *Als Eskimo unter den Eskimos*, Wien, 1881 (= Klutschak) e, finalmente, as duas monografias de F. BOAS, *The Central Eskimo*, em *VIIth. Ann. Rep. Amer. Bur. Ethn.*, 1884-1885 (= C.E.), e *The Eskimo of Baffin Land and Hudson Bay*, em *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, XV, 1, New York, 1901 (= E. B. L.).

Sobre os esquimó do Mackenzie só temos informações esparsas e duas obras pouco seguras de P. PETITOT; uma, *Monographie des Esquimaux Tchigliit*, Paris, 1872 (= Mon.).

As publicações tornam-se abundantes quando se trata do Alasca. Mas as melhores e as únicas das quais utilizamos constantemente são: J. MURDOCH, *Ethnological Results of the Point Barrow expedition*, em *IXth Ann. Rep. of the Bur. of Amer. Ethn.*, 1887-1888 (= Murdoch); e E. W. NELSON, *The Eskimo about Bering Strait*, *XVIIIth Ann. Rep. Bur. Amer. Ethn.*, pt. I, 1899 (= Nelson).

As outras publicações serão citadas a seu tempo. Em todo caso, se não foi possível dizer, como já se disse, que os esquimó são a família de povos mais bem conhecida, é entretanto necessário convir que dispomos, em relação a ela, de um corpo de monografias relativamente satisfatórias.

forem as mudanças por que ela passa, há certos traços fundamentais que permanecem sempre os mesmos e dos quais dependem as particularidades variáveis de que a seguir nos ocuparemos. A maneira pela qual as sociedades esquimó fixam-se no solo, o número, a natureza, a dimensão dos grupos elementares de que são formadas constituem fatores imutáveis e é sobre esse fundo permanente que se produzem as variações periódicas que deveremos descrever e explicar depois. Portanto, esse fundo é o que é preciso procurar conhecer de início. Em outros termos, antes de fazer a monografia sazonal dos esquimó, devemos constituir, no que tem de essencial, a sua morfologia geral (1).

Os esquimó situam-se atualmente (2) entre os 78° 8' de latitude norte (estabelecimento de Itah, estreito de Smith na costa noroeste da Groenlândia) (3) e os 53° 4' ao sul, na baía de Hudson (costa oeste), limite extremo que eles alcançam regularmente, onde, porém, não se detêm (4). Na costa do Labrador, chegam até os 54° e, no Pacífico,

(1) Encontra-se em STEENSBY, *Om Eskimo Kulturens*, etc., p. 50ss., grande número de dados de morfologia geral sobre cada grupo de tribos separadamente.

(2) Sobre a antiga extensão da civilização esquimó, ver STEENSBY, *ibid.*, p. 23ss., p. 50ss.. O ponto N. mais extremo que talvez tenha sido habitado está nos 83°, perto do lago Hazeu (T. de Grinnel), v. GREELY, *Three years of Arctic Service*, I, p. 379-383. Todo o arquipélago setentrional foi povoado. Encontra-se em MARKHAM, *Arctic Papers*, p. 140ss., uma lista das ruínas encontradas em viagens anteriores a 1875. Ao sul, o ponto extremo atingido no Pacífico, foi a Terra-Nova e a Nova Brunswick. Na Terra-Nova, no século XVIII, os esquimó passavam regularmente o verão. Cf. CARTWRIGHT, *Journal of Transactions and Events*, etc., Newark, 1792, III, p. 11; PACKARD, *The Labrador Coast*, p. 245; CRANZ, *Fortsetzung*, Barby, 1770, p. 301-313. Por outro lado, toda a parte meridional da baía de Hudson parece ter sido igualmente povoada pelos esquimó. Cf. A. DOBBS, *An Account of the countries adjoining to Hudsons Bay*, etc., Lond., 1754, p. 49 (segundo La France). No Pacífico, eles provavelmente ocuparam a costa americana até o rio Stikine, v. DALL, *Tribes of the Extreme North West*, *Contrib. to N. Amer. Ethn.*, I, 1877, p. 21. É precisamente de se observar que mesmo esta imensa extensão antiga tenha sido exclusivamente costeira.

(3) Sobre a tribo de Itah, ver KANE, *Arctic Explorations*, 1853, etc., Philad., 1856; HAYES, *An Arctic Boat Journey*, Lond., 1860; *The open Polar Sea*, New York, 1867 (ver o 2.º); BESSELS, *Die Amerikanische Nordpol Expedition*, Leipz., 1875 (a edição de Davis das notas do diário de Hall não tem valor); PEARY, especialmente *Northward over the Great Ice* (New York e Lond., 1898, 2 vol.); KROEBER, *The Eskimo of Smithsund*, *Bull. of Amer. Mus. Nat. Hist.*, 1896, XII, p. 256 ss.; o livro recente de M. Knud RASMUSSEN, *Nye Mennesker*, Kjbhvn, 1905, oferece um conjunto de fatos completamente novos.

(4) TURNER, p. 176.

até os 56° 44' (5) de latitude norte. Cobrem, assim, um espaço imenso de 22 graus de latitude e de quase 60 graus de longitude, que se estende até à Ásia, onde têm um estabelecimento (o de East Cape) (6).

Dessa vasta região, tanto na Ásia quanto na América, só ocupam as costas. Os esquimó são essencialmente um povo costeiro. Só algumas tribos do Alasca ocupam o interior (7) e são as que estão estabelecidas ou no delta do Yukon ou no da Kuskokwim; todavia, ainda assim, pode-se considerá-las como situadas na parte marítima dos rios.

Podemos, porém, esclarecer mais. Os esquimó não são apenas povos costeiros; são também povos das falésias, se pudermos empregar esta palavra para designar toda terminação relativamente abrupta da costa sobre o mar. É que, de fato — e é isto o que explica a profunda diferença que separa os esquimó de todos os demais povos hiperboreanos (8) — as costas por eles ocupadas, salvo os deltas e os rios ainda mal conhecidos da Terra do rei Guilherme, têm todas a mesma característica: são uma faixa de terra mais ou menos estreita, limite de um platô que cai mais ou menos bruscamente em direção do mar. Na Groenlândia, a montanha pende para o mar e, além disso, a imensa

(5) Ilha de Kadiak. Consideramos os aleuta formando um ramo muito distanciado da civilização esquimó e por isso não os incluímos; da mesma maneira consideramos misturados os kaniagmiut, habitantes da ilha de Kadiak, cf. PINART, Esquimó e Coloche, etc., *Rev. d'Anthrop.*, 1873, p. 12ss.

(6) Sobre os yuit ou yuin, de East Cape, freqüentemente confundidos, erroneamente, com os chuckchi da Península, ver NORDENSKIOLD, *Voyage de la Véga*, tr. fr., II, p. 22ss.; KRAUSE (Irmãos) em *Geographische Blätter* (Geogr. Ges. Hamburg, 1884, III).

(7) Em parte alguma há uma boa enumeração; mas é possível compor uma com a ajuda das descrições de Porter e de seus recenseadores, Schultze e Woolfe; ver PORTER, *Report on the Populations and Resources of Alaska, U.S. Eleventh Census*, 1890, Wash., 1893, pp. 99-152, 166ss.. A tribo dos kopagmiute que Petroff, *Report on the Population, etc., of Alaska, U.S. Tenth Census*, 1880, Wash., 1884, p. 121, descreve como habitantes do interior das terras entre o Kotzebue Sound e Colvillé, é uma pura invenção, cf. MURDOCH, p. 47, n. 7; cf. STEENSBY, *Esk. Kult.*, p. 120; explica-se a confusão pelo fato de que devem ter sido confundidos os kowagmiute com os nunatagmiute, tribo misturada que, com efeito, recentemente conseguiu estender suas viagens da margem N. do Kotzebue Sound às bordas do Oceano Ártico, cf. WELLS e KELLY, *English Eskimo and Eskimo English Vocabularies* (Bur. of Educ. Cir., n. 2, 1890, n. 165), Wash., 1890, sobre o nootakamute (gente do país dos bosques) p. 14, cf. Carte.

(8) Os habitantes da costa asiática do oceano glacial são de fato habitantes de tundras.

geleira a que se dá o nome de *Inlandsis* (gelo do interior) deixa só um anel montanhoso cuja parte mais larga (larga por causa dos fiordes e não por ela mesma) mede apenas 140 milhas. E mais, esse anel é cortado pelas avalanchas dos glaciares interiores que rolam em direção do mar. Só os fiordes e as ilhas dos fiordes encontram-se protegidos dos fortes ventos e, por isso, só neles tem-se uma temperatura suportável; só eles oferecem campos de pastagem à caça, bem como funduras piscosas facilmente acessíveis, onde vão pescar e onde se deixam apanhar os animais marinhos (9). Como a Groenlândia, a quase-ilha de Melville, a terra de Baffin, as costas setentrionais da baía de Hudson apresentam igualmente costas muito recortadas e escarpadas. O platô interior, se não está tomado pelos glaciares, é varrido pelo vento e está sempre coberto de neve, o que torna habitável só uma orla de praias, de vales profundos que confinam com lagos glaciares (10). O Labrador tem a mesma característica, com um clima interior ainda mais continental (11). Os terrenos laurencianos do Norte do Canadá e da Boothia Felix terminam mais suavemente numa certa extensão, principalmente no Bathurst Inlet; mas, como nas regiões restantes, o platô interior reduz a espaços relativamente mínimos a extensão que, só considerando o mapa, parece que deveria ser habitável (12). A costa a leste do Mackenzie oferece o mesmo aspecto na terminação das montanhas rochosas e até o cabo gelado no estreito de Behring. A partir deste ponto, até a ilha de Kadiak, limite meridional da zona esquimó, esta é alternativamente constituída pela tundra dos deltas e pela queda das montanhas ou do platô (13).

Mas se os esquimó são povos costeiros, a costa, para eles, não é aquilo que comumente é. Ratzel (14) definiu as costas de uma maneira

(9) Uma das melhores descrições da Groenlândia é ainda a do velho EGEBE, *Perlus*, p. 1ss.; de DALAGER, *Grönlandske Relationer*, Kbhvn, 1752; ver sobretudo KORNERUP, *Bermaerkninger om Grönlands almindelige Naturforhold*, em *Meddel. Gr.*, III, 1880, p. 87.

(10) BOAS, *C.E.*, p. 414 ss..

(11) STEARNS, *The Labrador*, p. 22ss..

(12) A melhor descrição é a mais recente, HANBURY, *Sport and Travel in Northern Canada*, Lond., 1904, p. 64ss., cf. *Geological Survey of Canada*, 1898. As anteriores expedições de Richardson, de Rae, de Dease e Simpson foram todas expedições feitas em lanchas, das quais a costa só foi vista de longe e nos desembarques.

(13) Para uma boa descrição da costa do Alasca, ver ainda agora BEECHEY, *Narrative of a voyage to the Pacific*, Lond., 1821 e *United States Coast land geodetic Survey, Bulletin 40, Alaska*, 1901.

(14) Entre outras, *Anthropogeogr.*, I, p. 286.

geral como "pontos de comunicação entre o mar e a terra, ou entre esta e outras terras mais distantes" — definição que não se aplica às costas ocupadas pelos esquimó⁽¹⁵⁾, porque entre elas e as terras situadas atrás geralmente só há pouquíssimas comunicações. Nem os povos do interior vêm à costa para maiores permanências⁽¹⁶⁾, nem os esquimó penetram o interior das terras⁽¹⁷⁾. Aqui a costa é exclusivamente um habitat: não é uma passagem, um ponto de transição.

Descrito assim o habitat dos esquimó, é preciso ver como esses povos estão distribuídos na área que ocupam, isto é, quais os agrupamentos particulares que os compõem, qual o número, a dimensão e a disposição deles.

De início, precisaríamos saber quais são os grupos políticos cuja reunião forma a população esquimó. São os esquimó agregados de tribos diferentes, ou uma nação (confederação de tribos)? Infelizmente, esta terminologia, além de carecer de precisão, é dificilmente aplicável no caso. A composição da sociedade esquimó tem, por si mesma, algo de impreciso e de flutuante, não sendo fácil distinguir as unidades de que é formada.

Um dois sinais mais seguros para reconhecer-se uma individualidade coletiva, tribo ou nação, é a sua linguagem distintiva. Sem dúvida, os esquimó apresentam uma notável unidade lingüística em espaços consideráveis. Quando nos informamos a respeito das fronteiras dos diversos dialetos⁽¹⁸⁾ — o que só acontece excepcionalmente

(15) É verdade que Ratzel descreveu alhures os esquimó como *Randwölker* — povos do limite do ecúmeno, *ibid.*, I, p. 35, p. 75ss.. Mas essa noção, sobre a qual aliás ele se estende, é puramente descritiva e não explica o que pretende explicar, ou seja, a enorme extensão e a pequena densidade da população esquimó.

(16) Naturalmente, não pode tratar-se aqui da Groenlândia, coberta no centro por uma geleira imensa, nem de todo o arquipélago ártico, povoado unicamente pelos esquimó.

(17) Os únicos lugares em que se estabeleceu um contacto regular entre índios e esquimó são: 1.º, a foz do Mackenzie, ver ANDERSON, *The Rupert Land*, 1831; ver FRANKLIN, *Narrative of a Voyage*, etc., 1821, p. 48, etc.; ver PETITOT, *Les grands Esquimaux*, Paris, 1884, pp. 35, 37ss., e ainda é preciso observar que as trocas e reuniões são causadas principalmente pelo comércio com os brancos; 2.º, o Alto Yukon, cf. PORTER, *Rep. Alaska. U.S.A. Tenth Census*, 1880, p. 123 e ainda é preciso observar que as tribos do Alto Yukon encontram-se sob a influência branca e são grandemente misturadas de índios chamados ingalik.

(18) Sobre a unidade lingüística, ver as obras citadas acima. Observe-se contudo que, para a região cuja língua é a mais bem conhecida, a Groenlândia ocidental, distinguem-se em suma só dois dialetos, um meridional, outro seten-

—, é impossível estabelecer uma relação definida entre a área de um dialeto e a de um agrupamento determinado. Assim, no norte do Alasca, dois ou três dialetos estendem-se pelos dez ou doze agrupamentos que certos observadores acreditaram distinguir e aos quais dão o nome de tribos⁽¹⁹⁾.

Outro critério para a distinção da tribo é considerar o nome coletivo usado por todos os seus membros. A nomenclatura, porém, é, nesse particular, de indeterminação extrema. Na Groenlândia, não nos é dado algum nome aplicável a uma tribo propriamente dita, isto é, a um aglomerado de estabelecimentos locais ou de clãs⁽²⁰⁾. Para o Labrador, além de os missionários morávios não nos terem conservado um só nome próprio, os únicos que temos, referentes ao distrito de Ungava (estreito de Hudson), são expressões cujo sentido é muito vago e não verdadeiros nomes próprios (gente de longe, gente das ilhas, etc.)⁽²¹⁾. É verdade que, em outros lugares, encontram-se nomenclaturas mais nitidamente mantidas⁽²²⁾. Mas, salvo a terra de Baffin e a costa oeste da baía de Hudson, onde as denominações empregadas parecem ter permanecido constantes e nos são informadas

trional, que grandes diferenças separam, THALBITZER, *A phonetical Study*, etc. *Meddel. Gr.*, XXXI, 1904, p. 396ss. e que SCHULTZ LORENTZEN, *Eskimoernes Indvandring Grönland*, *ibid.*, XXVI, 1904, p. 302ss., fala precisamente de uma antiga diferença sentida pelas duas populações, agora apagada. Quanto às informações divergentes, pouco numerosas, que tratam da impossibilidade de os esquimó distanciados entenderem-se, são informações fundamentadas em anotações fortuitas de observadores mal informados e incapazes de aguardar o tempo necessário para ver operar-se a soldagem entre os dialetos.

(19) Falamos principalmente do distrito, chamado de Ártico, do Alasca, Vº de Petroff, VIIº de Porter. Ora, não somente a nomenclatura das tribos fornecida por DALL, *Tr. Extr. N.-W. Cont. N. Amer. Ethn.*, I, p. 37ss., não é idêntica à de PETROFF, *Rep. Alaska. XIth Cens.*; mesmo entre Porter e seu correspondente há divergências (cf. p. 62 e p. 142). Finalmente, encontra-se em WELLS e KELLY, *op. cit.*, outro quadro divergente dos dialetos e de suas relações com as tribos, p. 14, 26 e 27, com um mapa excelente, evidentemente muito aproximativo.

(20) Os únicos nomes próprios que encontraríamos são os nomes dos lugares e nem nos é dito que, comportando a adição do sufixo *miut*, designam os habitantes de um lugar, seja empregada (ausente da lista de afixos dada por RINK, *Esk. Tr.*, I, p. 65, mas encontrada *T.T.*, p. 20, sem que seu uso seja especificado para os habitantes do lugar). Toda ligação entre os diferentes "wintering places" é aliás indicada como inexistente, *ibid.*, p. 23.

(21) TURNER, p. 179ss.: *itiwynmiut* (povos do norte), *koksoagmiut* (gente do Koksoak, rio), etc..

(22) Ver as nomenclaturas de RICHARDSON, *Arctic Searching Expedition*, II, p. 87, *Polar Regions*, p. 299.

uniformemente por todos os autores ⁽²³⁾, para o resto há as mais sérias divergências entre os observadores ⁽²⁴⁾.

Igual indecisão notamos no que refere às fronteiras. Pelo que se revela mais nitidamente a unidade de um grupo político que tem consciência de si, indecisão que, porém, só se coloca uma vez e a propósito de parcelas da população esquimó que são menos conhecidas ⁽²⁵⁾. As guerras tribais são outro modo de uma tribo afirmar sua existência e o sentimento que tem de si mesma, mas acontecimentos dessa natureza não se conhecem, a não ser com referência às tribos do Alasca e centrais, que, aliás, têm uma história ⁽²⁶⁾.

(23) Os mapas dados pelos esquimó a Parry e por este reproduzidos, p. 370ss., onde estão indicadas, senão fronteiras, pelo menos áreas definidas para o nomadismo de inverno; finalmente e sobretudo, BOAS, *C. E.*, p. 419-460 e o mapa que reproduzimos parcialmente mais adiante, p. 47. As nomenclaturas de Parry e de Richardson, bem como as de Boas, são idênticas às de HALL, *Life with the Esquimaux*, para a baía de Frobisher e Cumberland Sound e também à do próprio Hall para o oeste da terra de Baffin e da baía de Hudson.

Sobre as fronteiras, na terra de Baffin, ver BOAS, *C. E.*, p. 421, p. 463. (Nugumiut considerados *estrangeiros* no Cumberland Sound), p. 444. (Padlirmiut não se aproximam dos sítios de caça (de verão) dos talirpingmiut e dos kingnamiut. Os mapas dessas fronteiras, que foram fornecidos por Boas, só têm um valor inteiramente convencional, principalmente nas indicações que fazem das áreas de circulação no interior como se se tratasse de verdadeiras áreas de povoamento. Sobre as fronteiras na península Melville, na baía de Hudson, e no Back River, temos até um conjunto de afirmações de Richardson, ver n. 4, de Schwatka, em GILDER, *Schwatka's Search*, 1880, p. 38ss., KLUTSCHAK, pp. 66, 68, 227 e *Deut. Rund. f. Geogr. u. Stat.*, III, p. 418ss., mas, contra, ver BOAS, *C. E.*, p. 466.

(24) Assim no que concerne ao Alasca, mesmo num grupo único de observadores — os que passaram pelo estreito de Behring entre 1880 e 1890 — não há acordo unânime. Cf. nomenclatura de PETROFF., *Rep. Al.*, 1880, p. 15, com a que foi resumida por PORTER, p. 164; com a de NELSON, p. 13ss. e mapa, e a de Nelson com a de WOOLFE, de SCHANZ, depois com a de PORTER, *Rep. Al.* p. 108, e como a de Jacobsen, em WOLDT, *Jacobsens, Reise* (ed. alem.) Ber. 1886, 166ss..

(25) RICHARDSON, *Arctic Searching Expedition*, II, p. 128, cita o texto de Simpson sobre os territórios de caça que dizem respeito aos terrenos reservados às famílias, na ponta Barrow, The Western Eskimos, em *Arctic Papers*, p. 238 e MURDOCH, p. 27, diz não ter podido constatar esse fato.

(26) Sobre essas guerras, na terra de Baffin e a oeste da baía de Hudson, ver KUMLIEN, *Contributions to Nat. Hist. of Arctic Amer.*, em *Bull. U. S. Nat. Mus.*, n. 15, p. 28, quase contra BOAS, *C. E.*, p. 464, 465, que, entretanto, fornece fatos contrários *E.B.L.*, pp. 18, 27; para o Alasca ver, principalmente, WELLS e KELLY, *Engl. Esk. Dict.*, pp. 13, 14, história dos nunatagmiut, cf. p. 25; cf. PETROFF, *op. cit.*, p. 128, etc., cf. NELSON, p. 127, 3.

Em todos esses fatos não há uma base segura para concluirmos que a organização tribal seja completamente estranha aos esquimó ⁽²⁷⁾. Pelo contrário, acabamos de encontrar um certo número de agregados sociais que parecem apresentar determinados traços comumente considerados tribais. Concomitantemente, porém, viu-se que, na maior parte do tempo, tais agregados apresentam formas muito incertas, muito inconsistentes; mal se sabe onde começam e onde terminam; parecem misturar-se facilmente uns com os outros e formar entre eles combinações proteiformes; raramente são vistos conjugados para uma ação comum. Se, assim, a tribo não é inexistente, por certo não constitui a unidade social sólida e estável em que se baseiam os agrupamentos esquimó. Falando exatamente, ela não constitui uma unidade territorial. O que principalmente a caracteriza é a constância de certas relações entre grupos aglomerados e entre os quais as comunicações são fáceis, muito mais do que a adesão de um grupo único a um território com o qual se identifica e que fronteiras definidas distinguem nitidamente de grupos diferentes e vizinhos. O que separa as tribos esquimó umas das outras são extensões desertas, completamente desnudas, dificilmente habitáveis, cabos difíceis de dobrar em qualquer tempo e a raridade das viagens que disso resulta ⁽²⁸⁾. É mesmo de se anotar que o único grupo a dar a impressão de uma tribo propriamente dita será o dos esquimó do estreito de Smith, que certas circunstâncias geográficas isolam completamente dos demais e cujos membros, embora ocupem um espaço imenso, formam, por assim dizer, uma só família ⁽²⁹⁾.

A verdadeira unidade territorial é antes o *estabelecimento (settlement)* ⁽³⁰⁾, nome pelo qual designamos um grupo de famílias aglomeradas e unidas por laços especiais, que ocupam um habitat pelo qual se distribuem desigualmente conforme a quadra do ano, mas que, como se verá, constitui seu domínio. O estabelecimento é o maciço de casas, o conjunto dos lugares das tendas e dos lugares de caça marinha e silvestre, que pertencem a um número determinado de indivíduos, ao mesmo tempo que o sistema de caminhos e picadas, de canais e portos praticados por tais indivíduos e onde eles constante-

(27) Um grupo da terra de Baffin, o dos oqomiut, parece mesmo compor-se de um conjunto de agregados tribais, cf. BOAS, *C.E.*, p. 424.

(28) RINK, *Dansk Grönland*, II, p. 250, *T.T.*, p. 17, 21. Ver TURNER, p. 177 (a propósito dos tahagmiut); BOAS, *C.E.*, p. 424.

(29) Ver KANE, *Artic. res.*, II, p. 103.

(30) Sobre a definição do estabelecimento na Groenlândia, ver EGEDE, p. 60.

mente se encontram⁽³¹⁾. Isto tudo forma um todo que tem a sua unidade e todas as características distintivas pelas quais se reconhece um grupo social limitado.

1.º — O estabelecimento tem um nome constante⁽³²⁾. Enquanto os outros nomes, tribais ou étnicos, são flutuantes e diferentemente referidos pelos autores, este encontra-se nitidamente localizado e é sempre atribuído de modo idêntico. Podemos convencer-nos disso aproximando o quadro dos estabelecimentos do Alasca, que daremos mais adiante, com o que é dado por Petroff. Tais quadros não oferecem (salvo para o distrito denominado Ártico) variações sensíveis, enquanto a nomenclatura tribal de Porter difere muito da de Petroff⁽³³⁾.

2.º — O nome do estabelecimento é um nome próprio, que é usado por *todos* os seus membros e só por eles. Comumente, é um nome de lugar, descritivo e seguido do sufixo *miut* (originário de...)⁽³⁴⁾.

3.º — O distrito do estabelecimento tem fronteiras nitidamente fixadas. Cada um tem seu espaço de caça, de pesca em terra e no mar⁽³⁵⁾. Os próprios contos mencionam sua existência⁽³⁶⁾. Na Groenlândia, na terra de Baffin, ao norte do Labrador, os estabelecimentos estritamente localizados compreendem um fiorde com suas pastagens alpestres; algures abarcam ora uma ilha, com a sua costa fronteira,

(31) Parece mesmo que há uma espécie de volta regular do velho a seu lugar de nascimento, pelo menos em alguns casos, ver BOAS, *C.E.*, p. 466. Cf. um conto da Groenlândia, *T.T.*, n.º 36 (nivnitak), p. 247, V. um rito em Klutschak, p. 153.

(32) Entre as listas de nomes de lugares e de estabelecimentos, citaremos a melhor e a mais cientificamente estabelecida que trata da Groenlândia ocidental; ver THALBITZER, *A phonetical Study*, p. 333. É de se notar que quase todos os nomes designam particularidades naturais. Assim, o nome pelo qual o esquimó se designa não é nada além de um nome geográfico.

(33) Cf. os quadros. PETROFF, *Rep. Alaska, XIth Cens.*, p. 12s. com PORTER, *Rep. on Alaska, U.S.A. XIth Census*, p. 18ss.; sobre as nomenclaturas, ver os textos citados anteriormente, p. 51, n. 1.

(34) Há uma dificuldade insolúvel, no atual estado de nossos conhecimentos, para saber se o indivíduo designa-se pelo nome do lugar de seu nascimento ou pelo lugar de sua habitação atual. É-nos dito que, em circunstâncias muito solenes (as festas de que falaremos mais adiante) o indivíduo declina seu nome e lugar de nascimento, ver BOAS, *C.E.*, p. 605, *E.B.L.*, p. 142ss.; NELSON, p. 373, volta o uso.

(35) Ver RINK, *T.T.*, p. 23, a propósito da Groenlândia, texto particularmente demonstrativo.

(36) RINK, *T.T.*, p. 256.

ora um cabo com o seu *hinterland*⁽³⁷⁾, ora um braço de rio em um delta com um canto da costa, etc. Por toda parte e sempre, exceto após grandes catástrofes que transtornam o estabelecimento, encontram-se nos mesmos lugares as mesmas pessoas ou seus descendentes; os herdeiros das vítimas de Frobisher no século XVI conservavam ainda no século XIX a lembrança dessa expedição⁽³⁸⁾.

4.º — O estabelecimento não tem apenas um nome e um solo, como também uma unidade lingüística e uma unidade moral e religiosa. Se aproximamos assim esses dois grupos de fatos, disparatados à primeira vista, é porque a unidade lingüística para a qual queremos chamar a atenção diz respeito a causas religiosas, a noções referentes aos mortos e a suas reencarnações. Há, de fato, entre os esquimó, um notável sistema tabuístico do nome dos mortos — tabu que é observado pelo estabelecimento, do que resulta a supressão radical de todos os nomes comuns contidos nos nomes próprios dos indivíduos⁽³⁹⁾. Verifica-se em seguida o uso regular de dar o nome do último morto a quem nascer primeiro no estabelecimento; a criança é considerada a reencarnação do morto e, assim, acontece que cada localidade possui um número determinado de nomes próprios, que constituem, em consequência, um elemento de sua fisionomia⁽⁴⁰⁾.

Em resumo, não sem observar que os estabelecimentos são, em certa medida, permeáveis entre si, podemos dizer que cada um constitui uma unidade social definida e constante que contrasta com o aspecto protético das tribos. Não se exagere, porém, a importância dessa observação, pois se é exato que há troca de população de um para outro estabelecimento, tal permeabilidade⁽⁴¹⁾, tal mobilidade relativas são sempre causadas por necessidades vitais urgentes, se bem

(37) Ver uma boa descrição desses eminentes direitos de duas aldeias sobre seus interiores em MURDOCH, p. 27ss.

(38) HALL, *Life with the Eskimaux*, I, p. 320; II, p. 24, 34.

(39) Ver TURNER, p. 201; BOAS, *C.E.*, p. 613. Parece que esse tabu só deve durar até o momento em que um recém-nascido retoma o nome; ver CRANZ, *Hist. Gröl., Fortsetzung*, Barby, 1770, p. 110, n.

(40) BOAS, *C.E.*, p. 613, NELSON, p. 291, chega a nos dizer mesmo mais precisamente, p. 289, que este nome é dado, entre os malemiut, no estabelecimento de inverno, tendo a criança recebido outro provisório na tundra onde caçam seus pais. Sobre a extensão em todas as sociedades esquimó e o sentido desse uso, pensamos ser necessário um trabalho extenso, mas desde já podemos dizer que esse sistema de reencarnação perpétua empresta ao estabelecimento esquimó uma singular aparência de clã americano.

(41) Ver exemplos dessa permeabilidade relativa em PARRY, p. 124ss., a propósito da tribo de Iglulik.

que, sendo toda variação facilmente explicável, a regra não parece ser violada.

Após haver mostrado a unidade do estabelecimento que está na base da morfologia esquimó, se quisermos ter desta uma representação mais ou menos precisa, é necessário procurar ver como os estabelecimentos se distribuem no território, qual é a sua dimensão, qual é a proporção respectiva dos diversos elementos que os compõem sob o aspecto das relações entre os sexos, das relações de idade e de estado civil.

Nas tribos groenlandesas, a respeito das quais estamos bem informados, os estabelecimentos são pouco numerosos. Em 1821, Graah só encontrou 17 desde o cabo Farvel até a ilha Graah; não obstante, sua expedição foi realizada em condições suficientemente boas para dar margem à suposição de que tenha deixado escapar um estabelecimento que fosse (42). Contudo, o número deles diminuiu ainda mais. Quando da visita de Holm, em 1884, quase todos haviam desaparecido e hoje o vazio é quase completo (43). Esta rarefação progressiva é produto de duas causas. Em primeiro lugar, os estabelecimentos do sul, dados os recursos e dada a maior segurança que ofereciam, atraíram para Frederiksdal (44) os esquimó do este. Depois, os estabelecimentos mais ao norte concentraram-se perto de Angmagssalik (45). É razoável supor que a retração dos esquimó desde Scoresby-Sund — retração que precedeu a chegada de Scoresby (1804) — se deva ter operado do mesmo modo, mas já à força e não só por interesse.

Pouco numerosos e ao mesmo tempo muito espaçados e muito pequenos são os estabelecimentos. No fiorde de Angmagssalik, numa

(42) GRAAH, *Undersøegelsesreise til Østkysten af Grønland*, 1824, p. 118s.

(43) Graah havia encontrado cerca de 600 habitantes, divididos em um número desconhecido de estabelecimentos, 17 + x (a viagem foi feita no verão). Em quase o dobro de extensão de costas, Holm só encontra 182 esquimó, ver J. HANSEN, *List over Beboerne af Grønland Østkyst* em HOLM, p. 185ss.

(44) Encontra-se nos *Periodical Accounts of the United Brethren*, a partir do t. II, p. 414, a história da formação de Frederiksdal: 50 pessoas vindas de Lichtenau e 200 pagãos do sul e do este concentram-se ali, e um grande número anuncia sua vontade de ir para lá, cf. p. 423. Em 1827, 1828, 1929, a população cresceu regularmente no distrito, e em virtude de um afluxo do sudeste, ver *Per. Acc.*, X, p. 41, 68, p. 103, p. 104. Cf. HOLM, pelos arquivos da missão, p. 201.

(45) HOLM, p. 201, fala de um homem de Sermilik, que viveu em Angmagssalik e que, criança, havia visto Graah:

considerável extensão de costas, em 1883 só havia 14 estabelecimentos que compreendiam ao todo 413 habitantes. O mais povoado, Ikatek, contava 58; o menor, o de Nunakitit, só contava 14 (46). É aliás interessante seguir o movimento da população, reproduzido pelo seguinte quadro:

ANOS	TOTAL	RECENSEA- DORES	HOMENS	MULHERES	MORTOS	NASCIMENTOS	TENDAS	ESTABELECIMENTOS (CASAS)	EMIGRAÇÃO E IMIGRAÇÃO
1884 ¹	413	(Holm).	193	220	13	5	37	14 (15)	— 118 ⁸
1892 ²	293	(Ryder).	132	161	107	92 ⁷	29	11	
1894 ³	235	(Petersen- Ryberg).							+ 12
1895 ⁴	247	“	108	139	5	5		13	+ 118 ⁹
1896 ⁵	372	“	166	216	7	14	26	14	+ 20-20 ¹⁰
1897 ⁶	372	“	161	211	19	19	27	13 (14)	

(46) Ver HOLM, p. 193ss..

(1) HOLM, p. 193 ss.

(2) RYDER, *Den østgrønlandske Expedition, 1891-1892, I. Medd Gr., XVII*; 1895, p. 163 ss..

(3) RYBERG, *Fra Missions og Handelsstation ved Angmagssalik, Geogr. Tidsskrift, 1897-1898, XIV, p. 129, col. 1*. O diário de Petersen (agente da C^{te} Royale) dá apenas indicações sumárias para esse ano, data da fundação da estação. A diminuição considerável deve-se principalmente a uma forte epidemia de gripe, após a estada da expedição Ryder. Cf. HOLM, *Oprettelsen af Missions, etc. Angmagssalik, Geogr. Tidsskr., 1893-1894, XII, p. 247ss., Is og Vejrforholdene, etc., (ibid., XIII, p. 89)*.

(4) RYBERG, *ibid.* col. 2, a chegada de 12 indivíduos deu-se antes de 31 de dezembro de 1894, mas negligenciou-se a sua contagem.

(5) Petersen em RYBERG, *ibid.*: o ano de 1895-1896 foi particularmente favorável, ao contrário do ano de 1894-1895, donde a baixa cifra de mortes em relação aos nascimentos, cf. p. 118, para a cifra das tendas.

(6) RYBERG, *Fra Missions, etc. (1896-1897), Geogr. Tidsskr., XIV, p. 170*.

(7) RYDER, *Østgrönl. Exped., em Medd. Gr., XVII 1895, p. 144*, atribui a más informações referentes aos nascimentos a discrepância entre o recenseamento de Holm e o seu.

(8) RYDER, *ibid.*, diz que a emigração dirigiu-se para o sul.

(9) Os 118 emigrantes de Ryder, portanto, voltaram todos (mortes e nascimentos tendo-se equilibrado durante os quatro anos de ausência), RYBERG, *loc. cit.*, p. 119, col. 2.

(10) 3 umiak partiram, e um outro, com 20 esquimó, voltou.

Pode-se ver quanto é precária e instável a existência dessa população. Em oito anos, de 1884 a 1892, ela perdeu, ou por morte, ou pela emigração, dois terços de seu efetivo. Inversamente, em 1896, num único ano favorável e com o conforto devido à instalação definitiva de europeus, muda, num abrir e fechar de olhos, a situação: o número de habitantes passa de 247 a 372, com um aumento de 50%.

Sobre a população dos estabelecimentos da costa ocidental, temos informações pormenorizadas e muito precisas (47). Porém, como se trata de estabelecimentos posteriores à chegada dos europeus, não os levaremos muito em conta, a não ser com a finalidade de colocar em relevo as duas particularidades seguintes, encontradas também em Angmagssalik (48): trata-se, inicialmente, da cifra elevada de mortalidade masculina e, em consequência, da proporção considerável de mulheres no conjunto da população. Na Groenlândia meridional, de 1861 a 1891, entre 100 mortes, 8,3 deveram-se a acidentes de kayak, sendo, pois, exclusivamente, mortes de homens cujos perigosos batéis soçobraram; 2,3 deveram-se a outras desgraças. Vê-se como é considerável o número de mortes violentas. Na Groenlândia setentrional, as cifras eram de 4,3 para as mortes causadas pelo kayak, de 5,3 para outras mortes violentas. Em Angmagssalik, pode-se, pelas informações de Holm e de Ryder, avaliar em 25 ou 30% a parcela de mortes violentas de homens, no conjunto da mortalidade (49).

O segundo fato para o qual desejamos chamar atenção é a existência de movimentos migratórios que limitam a população de cada estabelecimento. Os quadros que Ryberg nos fornece e que remontam a 1805, chegando até 1890, demonstram esse fato para os distritos setentrionais da Groenlândia meridional: os de Godthaab e de

(47) EGEDE, *Perlus*, p. 101, para Disco, Paul EGEDE, *Efterretninger*, etc., Kbhvn, 1788, p. 235ss.; CRANZ, I, p. 380ss., para Godhavn e os estabelecimentos meridionais, fornece as informações estatísticas dos missionários dinamarqueses e meridionais; DALAGER, *op. cit.*, fornece informações concordantes. Mas, de alguma forma, todos esses documentos não são seguros e só se referem às populações flutuantes ligadas aos missionários. As cifras encontradas em RINK, *Dansk Gr.*, etc., II, p. 259ss., não interessam muito; portanto, servimo-nos apenas dos documentos mais recentes.

(48) Ver RYBERG, Om Ehrvervs og Befolknings Forholdne i Grönland, *Geogr. Tidsskr.*, XII, p. 114, 115, 121, quadro G; mesmo título, *ibid.*, XVI, p. 172; para a proporção de homens e de mulheres em Angmagssalik, os textos citados anteriormente.

(49) Ver em HOLM, J. HANSEN, p. 204ss., cf. RYDER, *loc. cit.*, p. 144.

Holstenborg aumentam regularmente, em detrimento dos do sul. Pode-se mesmo observar a esse respeito como foi lenta e, afinal de contas, mínima a influência da civilização européia (pretendemos falar da civilização material). De fato, de 1861 a 1891, a média da relação entre os nascimentos e as mortes foi de

39	33	44
—, passando de	— em 1860 a	— em 1891 (50)
40	48	35

Na outra extremidade da área esquimó, no Alasca, podemos fazer observações idênticas. As informações mais antigas de que dispomos e que se referem às tribos do sul — informações que nos são dadas pelos primeiros colonos russos — não são, é verdade, nem muito seguras, nem muito precisas e só ensejam apreciações um tanto vagas; mas no diário de bordo de Glasunov, encontramos informações mais pormenorizadas, que se referem aos esquimó do delta da Kusko-kwim. O máximo de habitantes por estabelecimento era de 250 pessoas (51). Segundo o recenseamento de Petroff (52), seguido pelo recenseamento de Porter que se encontra adiante e que é muito superior (53), a densidade máxima é atingida nesta região pelos estabelecimentos do rio Togiak. Por outro lado, a tribo dos kuskowig-

(50) Sobre as diversas flutuações e suas causas, muito nítidas, ver RYBERG, *Geogr. Tidsskr.*, XII, p. 120, 122. Uma análise das diversas informações numéricas contidas nos *Periodical Accounts* dos irmãos morávios, desde 1774, mostraria que os mesmos fatos reproduziram-se regularmente no Labrador.

Encontrar-se-á em BOAS, *C. E.*, p. 425, 426s., uma série de informações estatísticas sobre os oqomiut, suas 4 seções e seus 8 estabelecimentos, bem como sobre suas idades, sexos e estados civis. Os fatos coincidem notavelmente com os fatos groenlandeses. Os quadros do cap. Comer e do Rev. Peck, referentes aos kinipetu e aos aivillirmiut, concordam da mesma maneira. Ver BOAS, *E. B. L.*, p. 7.

(51) WRANGELL, *Statistische und Ethnographische Nachrichten*, etc., em Baer u. HELMERSEN, *Beitr. z. Kenntn. d. Russ. Reiches*, K.A.K.d.W., vol. I, São Petersburgo, 1819, p. 141s.. A viagem de Glasunov tem a vantagem de ter sido feita no inverno e conserva mesmo essa vantagem sobre os recenseamentos ulteriores. PETROFF, *Report of the Resources, etc. of Alask U. S. Tenth Census*, p. 23ss., oferece o resumo de uma discussão muito mal conduzida dos diversos recenseamentos anteriores a 1870.

(52) *Loc. cit.*, p. 4, p. 17ss..

(53) Ver mais adiante, apêndice I.

miut⁽⁵⁴⁾ é a mais forte de todas as tribos esquimó conhecidas, porém não a mais densa, considerando-se a área em que vive. É interessante notar que ela está estabelecida, como os togiagmiut, perto de rios excepcionalmente piscosos e que assim foge a certos perigos. Mas não é preciso exagerar a importância desses estabelecimentos relativamente privilegiados. Pelos quadros de Porter, parece que nenhum deles atinge as cifras consideráveis indicadas por Petroff. O estabelecimento de Kassiamiut, marcado por este com 605 indivíduos, parece ser não um estabelecimento propriamente dito, mas um agregado de aldeias⁽⁵⁵⁾, além do que compreende muitos elementos crioulos e europeus⁽⁵⁶⁾. Outra região em que os estabelecimentos são igualmente mais consideráveis e mais comprimidos é a das ilhas situadas entre o estreito de Behring e a parte meridional do Alasca⁽⁵⁷⁾; não obstante a densidade, calculada pelo conjunto de terras habitáveis (?), permanece muito baixa (13 por quilômetro quadrado)⁽⁵⁸⁾.

Decorre de todos esses fatos que há uma espécie de limite natural à expansão dos grupos esquimó, limite que eles não podem ultrapassar e que é muito estreito. A morte ou a emigração, ou estas duas causas combinadas, impedem-nos de exceder tal medida. Ter pequenas dimensões está na natureza do estabelecimento esquimó. Pode-se mesmo dizer que a dimensão restrita da unidade morfológica é tão característica da raça esquimó quanto os seus traços fisionômicos ou os traços comuns aos dialetos ali falados. Assim, nas listas de recenseamento, reconhecem-se à primeira vista os estabelecimentos que sofreram influência européia ou que não são propriamente esquimó: são os estabelecimentos cujas dimensões ultrapassam de modo muito sensível a média⁽⁵⁹⁾. Este é o caso do chamado estabelecimento de Kassiamiut, sobre o qual falaremos oportunamente; é ainda o caso

(54) PORTER, p. 154 (quadro das tribos). Encontrar-se-á em Porter uma descrição pormenorizada, p. 100-114, dos diversos estabelecimentos, um a um, com certo número de duplas indicações sobre o estabelecimento de inverno sobre o de verão (Greenfield).

(55) Cf. PETROFF, p. 12 e PORTER, p. 5. Kassiachamiut, 50 habitantes, p. 164, *ibid.*

(56) Petroff, 96 europeus habitam nesse mesmo distrito.

(57) Sobre as ilhas, ver PORTER, p. 110ss. NELSON, pp. 6, 256: King Island 400 habitantes; Nunivak, 400 habitantes.

(58) PORTER, p. 162.

(59) A bem dizer, não consideramos os casos em que a própria média está longe de ser atingida, como nas indicações do gênero de "Single House" ou de "Summercamp". PORTER, p. 165, PETROFF, pp. 11, 12.

de Port-Clarence, que serve atualmente de estação aos baleeiros europeus⁽⁶⁰⁾.

A composição do estabelecimento não é menos característica do que as suas dimensões. Compreende poucos velhos e também poucas crianças; por diversas razões, a mulher esquimó só tem geralmente poucos filhos⁽⁶¹⁾. A pirâmide de idade tem, pois, uma base estreita e se vai adelgaçando de maneira pronunciada a partir dos sessenta e cinco anos. Por outro lado, a população feminina é considerável e, nela, a parcela de viúvas é de todo excepcional⁽⁶²⁾. (Ver Apêndice II.) Esse elevado número de viúvas, tanto mais porque o celibato é quase desconhecido e porque os esquimó desposam as viúvas de preferência às jovens, deve-se quase que inteiramente aos acidentes da vida marítima. Era necessário estabelecer essas particularidades, às quais deveremos voltar adiante.

Quanto a suas causas, é preciso procurá-las no regime de vida observado pelos esquimó, que não é um regime ininteligente; pelo contrário, é uma notável aplicação das leis da biofísica e da necessária relação de simbiose entre as espécies animais. Os exploradores europeus insistiram muitas vezes a respeito do fato de, mesmo com o equipamento europeu, não haver, nessas regiões, regime alimentar e procedimentos econômicos superiores aos dos esquimó⁽⁶³⁾, que são

(60) Ver PORTER, p. 137.

(61) Trata-se de um dos fatos mais antigos observados: encontra-se já assinalado em VORMIUS, *Museum Naturale*, Kbhvn, 1618, p. 15; segundo fontes de última categoria em Coats, em J. BARROW, *The Geography of Hudson's Bay*, Lond., Hakluyt, 1852, p. 35, em EGEDE, *Perlus*, p. 60. Cf. *Nye Perlustation*, 1.^a ed., p. 27 e é de tal forma evidente que não pode haver autor que não o tenha atestado. Diz-se mesmo que as mulheres esquimó recusam-se inteiramente a crer que as mulheres européias possam ter 10 e 12 filhos. Ver Woolfe em PORTER, p. 137, o máximo parece ser de 4 a 5 crianças. O único caso contrário, que estatisticamente conhecemos, é aquele (BOAS, *E. B. L.*, p. 6, 7) de uma família kinipetu, recenseada em 1898 pelo Cap. Comer, que tinha 8 crianças, mas há provavelmente um erro de observação. (O mesmo autor fala de duas famílias também numerosas, mas apenas uma aparece em seu quadro.)

(62) Publicamos mais adiante os quadros tomados de Porter. Para o número de viúvas, encontrar-se-ão documentos concordantes no recenseamento dos aivilik (6 viúvas (?) entre 34 mulheres). Contrariamente, observar-se-á que só há duas viúvas entre os kinipetu, mas isto se deve ao grande número de casos de poligamia. BOAS, *E. B. L.*, pp. 7 e 8.

(63) Ver MARKHAM, *Arctic Geography and Ethnology Papers*, 1875, p. 163ss.; cf. PEARY, *Northward over the Great Ice*, I, App. I, prefácio p. VII; cf. SVERDRUP, *Nyt Land*, I, pref., *New Land*, 1904, I, *ibid.* Uma vez dados os recursos animais, estes autores sustentam, com razão, que pequenas expedi-

comandados pelas circunstâncias ambientais. Não tendo, como outros hiperboreanos, domesticado a rena (64), os esquimó vivem da caça ou da pesca. A caça consiste de renas selvagens (que se encontram em toda parte), de bois almiscarados, de raposas, de lebres, de alguns animais carnívoros de pele, raros aliás, de diversas espécies de pássaros (lagópedes, corvos, cisnes selvagens, pingüins, pequenas corujas). Mas, de qualquer modo, toda caça de terra é acidental e depende da sorte. E, na falta de uma técnica apropriada, não se pode caçar no inverno. Assim, a não ser graças à passagem de pássaros e de renas e graças a alguns felizes encontros, os esquimó vivem principalmente da caça marinha: os cetáceos constituem o seu principal meio de subsistência. A foca, nas suas variedades principais, é o animal mais útil; por isso diz-se que, onde há foca, deve haver esquimó (65). Entretanto, os delfínídeos (orca, baleia branca ou baleia comum) são tão ativamente caçados quanto os bandos de morsas, estes principalmente na primavera; no outono, há que lidar mesmo com a baleia (66). Os peixes de água salgada, os de água doce e os equinodermas formam um ligeiro suprimento. O kayak em água livre, uma espera paciente sobre o gelo, em terra, permitem aos homens o lançamento de seus notáveis arpões aos animais marinhos. Sabe-se que eles comem a carne deles crua e cozida.

Portanto, três coisas são necessárias a um grupo esquimó: no inverno e na primavera, água livre para a caça às focas, ou gelo em

ções mesmo não providas têm mais possibilidade de sobreviver do que expedições mais bem providas, no entanto muito grandes. As últimas explorações da América do Norte, a de Hanbury particularmente, como as mais antigas de Boas, de Hall e de Schwatka, foram feitas por viajantes associados a esquimó. O célebre destino de Franklin deveu-se precisamente ao excessivo número de homens que o acompanhavam. O primeiro a notar esta lei foi possivelmente HALL, *Life with the Esquimaux*, I, p. XII.

(64) É verossímil que a recente introdução da rena doméstica no Alasca troque a própria morfologia das sociedades esquimó que conseguirem essa criação, cf. SHELDON, *Report on the Introduction over the Reindeer in Alaska*, *Rep. U. S. N. M.*, 1894.

(65) Cf. HALL, *Life*, I, p. 138, cf. PEARY, *Northward over the Great Ice*, II, p. 15.

(66) Na ponta Barrow, no lugar de passagem das baleias que voltam periodicamente do oceano Glacial para o Pacífico e vice-versa, a caça é feita duas vezes ao ano, tornando-se cada vez menos próspera, ver MURDOCH, p. 272, Woolfe em PORTER, p. 145. Os baleeiros europeus têm levado suas mais importantes pescarias à foz do Mackenzie.

terra; no verão, um território de caça e de pesca de água doce (67). Estas três condições só se encontram combinadas, umas com as outras, em distâncias variáveis e em pontos determinados, em número limitado; é em tal lugar, e só em tal lugar, que os esquimó se podem estabelecer. Assim, jamais são encontrados nos mares fechados (68) e por certo retiraram-se de certas costas que outrora foram abertas, conforme tudo indica, mas que se fecharam depois (69). É a necessidade dessa tríplice condição que obriga os estabelecimentos esquimó a fechar-se em estreitos limites; o estudo de alguns casos particulares mostrará por quê.

Tomemos, por exemplo, os estabelecimentos de Angmagssalik (70). Angmagssalik situa-se no litoral oriental da Groenlândia, em uma latitude relativamente baixa. A costa está bloqueada pelo gelo até os 70° de latitude norte. Essa massa de gelo é mantida pela corrente polar que, descendo de Spitzberg, passa pelo estreito da Dinamarca, chegando até ao cabo Farvel e ao estreito de Davis. A leste, a costa é inabordável, mas a latitude é muito baixa e a iluminação de verão muito boa para que em tal quadra o mar se liberte sempre, em uma extensão suficiente, de modo que ali seja possível caçar. Como se vê, essas condições são instáveis e precárias. O mar pode não expandir-se; a caça esgota-se depressa e, no inverno, sobre o gelo em terra, é muito difícil apanhá-la. Por outro lado, a estreiteza da bacia de água livre, o perigo constituído pelos icebergs continuamente destacados dos gelos não permitem aos grupos um deslocamento fácil além das proximidades dos fiordes. Eles são obrigados a manter-se muito perto do ponto em que se encontram reunidas todas as condições necessárias à sua existência; se ocorre ali algum acidente, se ali algum recurso comum chega a faltar, eles não podem procurar facilmente um pouco mais longe o que os supra. Precisam transpor-

(67) Encontrar-se-á uma excelente descrição das condições gerais da vida esquimó em BOAS, *C. E.*, p. 419, 420.

(68) Sobre o encerramento dos mares no arquipélago norte-americano, ver MARKHAM, *Arctic Papers*, p. 62ss. cf. *Arctic Pilot* (Almirantado inglês) 1900-1902, Lond., 1904, I, p. 28ss.

(69) Sobre as causas do despovoamento do arquipélago setentrional, ver SVERDRUP, *Nyt Land*, I, p. 145.

(70) Sobre as condições de vida — climática, marítima e econômica ver HOLM, *Den Östgrönlandske Expedition, etc. Medd. Gr.*, IX, p. 287ss.; *Etn. Skizze*, pp. 47, 48; RYDER, *loc. cit.*, p. 138ss.; RYBERG, *loc. cit.*, antes, p. 114ss. Acrescentemos que antes da chegada de Holm, verificou-se o grave fenômeno da perda quase total de cães, *Östgr. Exped.*, p. 134. Podem-se ver, pelo quadro dado mais adiante, pelo simples movimento da população, os anos favoráveis.

tar-se imediatamente para outro ponto distante e igualmente privilegiado e essas migrações demoradas não passam sem grandes riscos, sem perdas de homens. Concebe-se que, nessas condições, seja impossível aos agrupamentos humanos alcançar dimensões mais ou menos consideráveis. Toda temeridade, toda modificação imprudente de leis físicas implacáveis, todo imprevisto infeliz do clima tem como fatal consequência uma redução do número de habitantes. Se o gelo da costa tarda a derreter, a caça primaveril dos cetáceos torna-se impossível. Se o gelo funde-se muito rapidamente pela ação de um dos grandes Föhn, é impossível sair de kayak ou caçar na terra gelada, pois as focas e as morsas não vão repousar ali a partir do início do degelo. Tenta-se partir em direção do norte ou do sul sem contar com todas as condições de êxito, e os umiaks, carregando diversas famílias, deslisam lamentavelmente (71). Se, por extrema necessidade, comem-se os cães, redobra a miséria, pois os próprios deslocamentos em trenós, sobre a neve e sobre o gelo, tornam-se impossíveis (72).

Transportemo-nos agora ao ponto mais setentrional da costa americana, à ponta Barrow (73), onde observaremos fatos do mesmo gênero. Se o mar ali raramente se fecha, raramente também encontra-se livre. A caça marinha e terrestre, de acordo com todos os europeus que por lá passaram, é justamente o de que tem necessidade a população. Ora, a caça apresenta eventualidades constantes que só se sabem conjurar por meios religiosos, além de oferecer contínuos perigos que o emprego de armas de fogo ainda não fez desaparecer. A cifra da população encontra-se assim limitada pela natureza das coisas e está tão estreitamente relacionada com os recursos alimentares, que estes não podem diminuir nem um pouco sem acarretar uma redução importante do número de habitantes. De 1851 a 1881, a população reduziu-se à metade; ora, essa redução considerável deve-se ao fato de a caça à baleia tornar-se menos frutífera após o estabelecimento dos baleeiros europeus (74).

(71) Ver NANSEN, *Eskimoleben*, Leipzig, 1904, p. 46ss..

(72) As condições de existência são igualmente precárias na terra de Baffin e, em tempos recentes, a fome dizimou regularmente as pessoas. Ver BOAS, *C. E.*, p. 426ss., o histórico de certas tribos.

(73) O quadro que traçamos da vida na ponta Barrow foi composto segundo SIMPSON, *Western Eskimos*, em MARKHAM, *Arct. Papers*, p. 245 (reprodução dos Parliamentary Reports, 1852); e segundo MURDOCH, p. 45ss..

(74) A afirmação de Wolfe, em Porter, p. 145, de que a proporção de nascimentos seria reduzida de 1 contra 5, merece apenas fé relativa; e os documentos de PETROFF, p. 14, são inteiramente inexatos, o mesmo ocorrendo com o cômputo das aldeias.

Em resumo, vê-se, pelo que fica exposto, que a limitação dos estabelecimentos esquimó liga-se ao modo pelo qual o meio age, não sobre o indivíduo, mas sobre o grupo como um todo (75).

II

Morfologia Sazoneira

Acabamos de ver qual é a morfologia geral dos esquimó, isto é, as características constantes por ela apresentadas. Sabemos, porém, que essa morfologia varia conforme as quadras do ano; é preciso procurar saber agora quais são essas variações. É principalmente delas que nos devemos ocupar neste trabalho. Se, em qualquer tempo, o estabelecimento é a unidade fundamental das sociedades esquimó, segundo as estações ele apresenta formas muito diferentes. No verão, os membros que o compõem habitam em tendas que estão dispersas; no inverno, habitam em casas próximas umas das outras. Esta observação geral é feita por todos os autores, mesmo pelos mais antigos (1), uma vez que tenham podido observar o ciclo de vida esquimó. Já de início, descreveremos esses dois tipos de habitat e as suas duas

(75) Aliás o grupo intervém violentamente, enquanto grupo, para limitar o número de membros que o sobrecarregariam: 1.º, pelo infanticídio principalmente das crianças do sexo feminino, que é atestado por diversas tribos, ver EGEDE, *Perlustr.*, p. 91, GRANZ, III, 3,21, Rasmussen, (tribo do C. York), *Nye Menneskier*, 1905, p. 29, BOAS, *C. E.*, p. 580. (BESSELS, *Naturalist*, XVIII, p. 874, *Nordpol Exped.*, p. 185 fala do infanticídio de crianças dos dois sexos em Itah), GILDER, *Schwatka's Search*, etc., p. 246, 247, MURDOCH, p. 417, cf. SIMPSON, *Western Eskimos*, p. 250, NELSON, p. 289; infanticídio que tem evidentemente a finalidade de diminuir o número de não-caçadores; 2.º pela morte, geralmente testemunhada, das crianças fracas e doentes; 3.º pelo abandono dos velhos, dos doentes, ver adiante, p. 18, n. 7; 4.º em algumas tribos, pelo abandono ou seja, expondo à morte a viúva; ver, particularmente, PARRY, pp. 529, 400, 409; LYON, p. 323; HALL, *Life with the Esqui.*, I, p. 97.

(1) FROBISHER, (1577), *Second voyage* (Beste), Hakluyt soc. ed. p. 283. Cf. Hakluyts' Voyage, 1589, p. 628; James HALL, em Luke FOXE *Fox North West Passage*, 1635, p. 56; COATS, em *The Geography of Hudsons Bay, Being the remarks of Cpt. ...*, ed. Barrow, Hakluyt, ed. 1852, p. 35, 75, 89 e 90; EGEDE, *Nye Perlustration*, 1.ª ed., 1721; p. 27; *Perlustration*, p. 60; CRANZ, livro III, 1, 4; LARS DALAGER, *Grönlandske Relationer*. Não citamos os outros autores antigos, pois todos conheceram uma das fontes que acabamos de citar; o livro de Cranz, em particular, foi extremamente popular, tendo sido utilizado por todos os viajantes e etnógrafos.

formas correspondentes de agrupamento. Esforçar-nos-emos depois para determinar as suas causas e os seus efeitos.

1 — O habitat de verão

A tenda. — Começemos pelo estudo da tenda (2), pois trata-se de uma construção mais simples do que a casa de inverno.

A tenda recebe, por parte, o mesmo nome, *tupik* (3), e, igualmente por toda parte, de Angmagssalik até à ilha de Kadiak, tem a mesma forma. Esquemáticamente, pode-se dizer que é composta de traves dispostas em forma de cone (4); sobre essas traves são colocadas peles, geralmente de rena, costuradas ou não e seguras na base por pedras grandes capazes de contrabalançar a força muitas vezes terrível do vento. Diferentemente das tendas índias, as dos esquimó não têm uma abertura no alto, pois dentro delas não há fumaça a que é preciso dar saída; a lâmpada do esquimó não a produz. A entrada pode ser hermeticamente fechada e então seus moradores encontram-se mergulhados na escuridão (5).

Naturalmente, esse tipo normal de tenda apresenta algumas variações, conforme as localidades, mas tratam-se de variações absolutamente secundárias. Onde a rena é rara (6), como em Angmagssalik e em toda a Groenlândia oriental, a tenda é feita de peles de foca; como, ao mesmo tempo, a madeira não é abundante nesses lugares, ali a forma da tenda é também um pouco diferente. É colocada em sítio cujo declive seja acentuado (7), de modo que, ao fundo, possa

(2) Sobre a tenda esquimó em geral, ver MURDOCH, p. 84.

(3) Ver os dicionários *ad verb.*, P. EGEDE, *Dictionarium Groenlandico Latinum*, p. 128; PARRY, p. 562; ERDMANN, *Eskimoisches Wörterbuch*; WELLS e KELLY, *Engl. Esk. Dict.*, p. 36, 43; ver RINK, *Meddel.*, XI, supl. p. 72ss.

(4) Cf. STEENSBY, *Esk. Kult. Opr.*, p. 143, que chegou às mesmas conclusões a que nós chegamos. O cone, conforme os casos, ou é cortado à frente ou é então um cone perfeito. A forma do cone perfeito é a da civilização esquimó ocidental. As antigas relações groenlandesas representam a tenda munida de uma espécie de porta, ver as pranchas de EGEDE, *Perlus.*, p. 61; de CRANZ, I, pr. III; GRAAH, *Undersøgelsesreise*, pr. VI, fac. p. 73. Há provavelmente um exagero de desenho, que transforma em porta a cortina de peles, perpendicular, que de fato fecha a tenda à frente.

(5) COATS observa, *loc. cit.*, p. 35, a diferença entre os modos do habitat esquimó e as tendas índias (Creets et Montagnais), cf. HEARNE, *Journey to the shores of the Arctic Sea*, p. 180.

(6) HOLM, *Ethn. Sk.*, p. 71ss. Ver pr. 10 e 11; GRAAH, *Undersøgelsesreise*, p. 73.

(7) HOLM, *ibid.*, pp. 72, 74.

apoiar-se no próprio terreno; uma trave horizontal, suportada na frente por uma estrutura angular, é enfiada no solo e é nela que estão dispostas as peles, bem como o gradeado fino de ripas. É curioso observar como, tanto em Iglulik (8) quanto na parte meridional da terra de Baffin (9), as mesmas causas produzem os mesmos efeitos: por causa da escassez de madeira, freqüentemente substituída por ossos de narval, a tenda tem uma forma singularmente análoga à de Angmagssalik.

Porém, mais importante do que todos esses pormenores de tecnologia, é saber qual é o grupo que mora na tenda. De um a outro ponto da área esquimó, esse grupo é a família (10), no mais restrito sentido da palavra, ou seja: um homem e sua mulher e, se for o caso, suas mulheres, seus filhos não casados (naturais ou adotados); excep-

(8) Ver as boas descrições de Parry e Lyon, em PARRY p. 270ss., pr. VII, a trave já era freqüentemente feita de osso de narval; na sua primeira viagem, ao norte da Terra de Baffin, Parry tinha visto um outro tipo de tendas, em que as costelas da baleia eram empregadas, provavelmente na falta de madeira, *Journ. of Voy. of Discov.*, 1819, p. 283.

(9) BOAS, *C. E.*, p. 552. Cf. CHAPPELL, *Narra. of a Voy. to Hudson's Bay*, Lond. 1817, p. 29. Para os tipos de tenda do Alasca, ver NELSON, p. 285s. As ruínas mais setentrionais encontradas pelas expedições de Hall, BESSELS, *Nordpol Expedition*, p. 235, cf. MARKHAM, *Waling Cruize*, p. 285, por GREELY, *loc. cit.*, p. 47, n. 2; por Markham e Nares, cf. MARKHAM, *The Great Frozen Sea*, 1877, p. 79, cf. p. 391; as encontradas por SVERDRUP *Nyt Land*, II, p. 171, p. 121, são todas cercos de pedras circulares que pressupõem tendas do tipo regular. Uma única ruína, vista por Lyon, outrora, em C. Montague, é inexplicável como resto de tenda, PARRY, p. 62. Não conhecemos verdadeira exceção à regra técnica além das casas de verão das ilhas do estreito de Behring; ver NELSON, pp. 255 e 256, porém, as condições de vida dos esquimó dessas ilhas, quase que completamente fixados, e habitando verdadeiras escarpas, são muito particulares e explicam a exceção. Entretanto, a existência de casas de verão isoladas parece freqüente no Alasca. Cf. NELSON, p. 260s. JACOBSEN (trad. Woldt), *Reise*, p. 161, etc.

(10) HOLM, p. 87 (Angmagssalik), RINK, *T.T.* p. 19. EGEDE, *Perlus.*, p. 60 (Grönland Occidental); BOAS, *C. E.*, p. 581 (Esquimó centrais); Klutschak e Schawtka de um lado, entre os netchillik e ukusksalik; Hall entre os aiwillik (2.ª viagem) e entre os nugumiut (1.ª viagem), Hanbury, entre o Back River e o Mackenzie, fizeram suas explorações de verão com famílias esquimó, vivendo assim na tenda ou, de acordo com o tempo, nos iglus de neve. PETITOT, *Mono-graphie*, p. xx; MURDOCH, p. 20ss. NELSON, *loc. cit.*; pode-se deduzir, das listas dadas antes, que na Groenlândia oriental cada família tem sua tenda. Parece-nos impossível que a tenda compreenda mais do que uma ou duas famílias, e cremos que seja de alguma forma inexacta a afirmação de BACK, *Narrative of a Boat Journey*, p. 383, que encontra 35 pessoas em 3 tendas (ukusksalik).

cionalmente encontra-se também um ascendente, ou uma viúva que não se casou novamente, seus filhos, ou um hóspede ou hóspedes. A relação entre a família e a tenda é tão estreita que a estrutura de uma modela-se pela estrutura da outra. É regra geral em todo o mundo esquimó que cada família tenha a sua lâmpada; assim, comumente, em cada tenda há uma lâmpada e apenas uma⁽¹¹⁾. Da mesma maneira, há apenas um banco (ou um alto leito de folhas ou de ramagens no fundo da tenda), coberto de peles, no qual se dorme; esse leito não conta com um tabique para isolar a família de seus hóspedes eventuais⁽¹²⁾. E assim a família vive perfeitamente unida nesse interior hermeticamente fechado, sendo ela a construir e a transportar tal habitação de verão, feita exatamente à sua medida.

2 — O habitat de inverno

A casa. — Do inverno para o verão, o aspecto morfológico da sociedade, a técnica do habitat, a estrutura do grupo abrigado mudam completamente; as moradias não são as mesmas, sua população é diferente e elas se dispõem sobre o solo de modo diverso.

As moradias de inverno esquimó não são tendas, mas casas⁽¹³⁾ e até mesmo casas grandes⁽¹⁴⁾. Começaremos por descrever sua forma exterior e, em seguida, veremos qual o seu conteúdo.

A casa grande esquimó compõe-se de três elementos essenciais que podem servir para caracterizá-la: 1) um corredor que começa fora e desemboca no interior através de uma entrada parcialmente subterrânea; 2) um banco com lugares para as lâmpadas; 3) tabiques que

(11) Ver Lyon, em PARRY, p. 270.

(12) GRAAH descreve-nos uma dupla tenda de tabique, *loc. cit.*, p. 93.

(13) O nome da casa é *iglu*; a respeito desta palavra, ver os dicionários citados anteriormente, e RINK, *Meddel.*, supl. XI, p. 72ss.. As exceções não são nada probantes. Se há nomes diferentes, ou se a palavra equivalente tem sentidos mais ou menos precisos, isto se deve a causas determinadas. Assim, no Alasca, a outra palavra designa de preferência o apartamento, WELLS e KELLY, *Eng. Esk. Dict.*, p. 44. Veremos por que, nas regiões centrais, a palavra *iglu* restringiu-se à casa de neve, restringindo-se a própria casa a este tipo.

(14) Cf., para tudo o que se segue, o capítulo de STEENSBY, *Esk. Kult. Opr.*, p. 182ss., com o qual concordamos a respeito do ponto mais importante, isto é, o caráter primitivo da casa grande. Mesmo o esforço de Steensby para relacionar a casa de inverno esquimó à casa grande índia (tomando como exemplos mandan e iroqueses), por mal sucedido que seja, demonstra que para esse autor e para nós, esses dois tipos de casas são homólogos.

sobre esse banco determinam um certo número de células. Esses traços distintivos são próprios da casa esquimó; não se encontram reunidos⁽¹⁵⁾ em nenhuma outra casa conhecida. Porém, conforme as regiões, eles apresentam particularmente variáveis que ocasionam certo número de variedades secundárias.

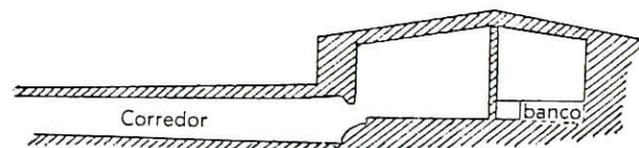


Fig. 1. — Plano transversal da casa de Angmagssalik (H.B.)

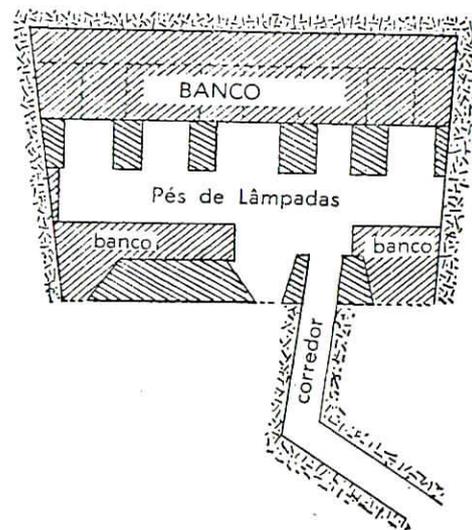


Fig. 2. — Plano da casa de Angmagssalik (H. B.)

(15) Na casa mandan, por exemplo, faltam o corredor e o banco; por isso Steensby quer aproximá-la da casa esquimó; além disso, ela tem, como todas as casas índias, um fogão central que só existe nas casas esquimó do sul do Alasca. A casa de inverno do noroeste americano compreende o banco e os tabiques cf. NIBLACK, *The Indians of the North West Coast, Rep. U. S. Nat. Mus.*, 1888, p. 95ss., cf. as obras citadas mais adiante, p. 42, n. 52, mas além da presença do fogão central, a ausência do corredor impede qualquer aproximação.

Em Angmagssalik⁽¹⁶⁾, a casa tem de 24 a 30 pés de comprimento por 12 a 16 de largura. Constrói-se em terreno geralmente de grande declive, que é escavado de modo que o muro se fixe mais ou menos ao nível do terreno circundante; tal muro é um pouco maior do que o da fachada. Essa disposição dá ao observador a falsa impressão de que a casa é subterrânea. Os muros são feitos de pedra, de madeira recoberta de relva e com freqüência de peles, sendo que a relva e as peles quase sempre os revestem na parte interna. Na frente, sempre em ângulo reto com o muro, desemboca o corredor por uma entrada tão baixa que a entrada na casa só é permitida de joelhos. No interior, o chão é coberto de pedras chatas. Todo o fundo é ocupado por um banco profundo e contínuo, de quatro a cinco pés de comprimento e com mais ou menos um pé e meio de altura; atualmente, em Angmagssalik, esse banco coloca-se sobre pedras e relva, mas antes, na Groenlândia meridional e ocidental⁽¹⁷⁾, repousava em estacas, como ainda ocorre no Mackenzie⁽¹⁸⁾ e no Alasca⁽¹⁹⁾. Esse banco está

dividido em compartimentos por um curto tabique; cada compartimento, como se verá, corresponde a uma família; na parte anterior de cada um deles coloca-se a lâmpada familiar⁽²⁰⁾. Diante do muro trazeiro, em todo o comprimento, estende-se outro banco, menor, que é reservado aos indivíduos não casados e aos hóspedes, quando estes não são admitidos a partilhar o leito da família⁽²¹⁾. Diante da casa estão os depósitos das provisões (carne congelada), os suportes dos barcos e, vez por outra, uma casa para os cães.

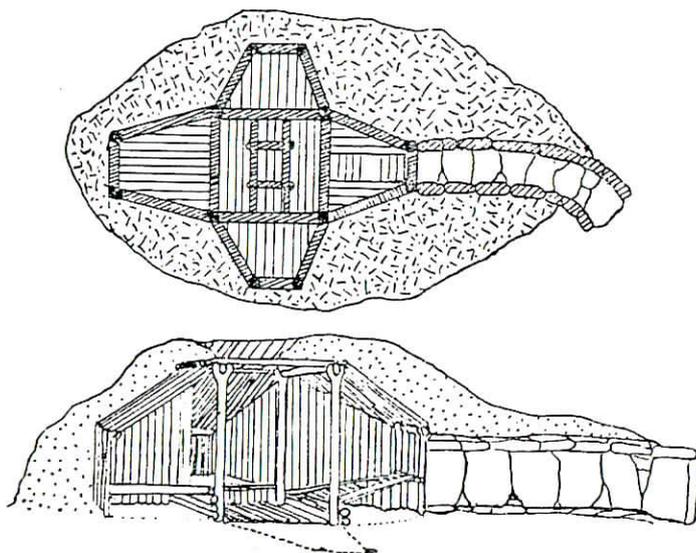


Fig. 3. — Casa do Mackenzie

Plano e corte transversal esboçados por Champion segundo nossas indicações, sendo manifestamente inexatos os planos geralmente produzidos de Petitot e sendo incompletos os da obra de Franklin, permitindo-nos esta reconstrução.

(16) HOLM, *Ethn. Sk.*, p. 66, 67. Cf. para a Groenlândia S. Oriental antiga, GRAAH, *Undersøgelsesreise*, p. 32 e pr. II, excelente. Cf. NANSEN, *Eskimoleben*, p. 67, cf. *Hanseråks Dagbog*, ed. S. Rink, p. 43.

(17) De fato, EGEDE menciona expressamente que é sob o banco e, conseqüentemente, em um vazio (cf. os cortes da casa, *Perlustration*, pr. IX face, p. 61; CRANZ, pr. IV) que se colocam os pares por ocasião das licenças sexuais, *Det gamle Grønlands Nye Perlustration*, 1.^a ed., 1721, p. 36. Cf. P. EGEDE, *Dictionarium Groenlandico Latinum*, 1765, p. 100 (s. v. *Malliserpok*). Por outro lado é notável que a casa de Angmagssalik corresponda tão bem, especialmente no que diz respeito à forma do teto, à casa da Groenlândia ocidental, de que os antigos autores conservaram a reprodução, e tão mal à que desenham os autores modernos e mesmo alguns autores antigos (DAVIS, em *Hakluyts' Voyages*, etc., 1589, p. 788) para esta mesma região (ver especialmente as madeiras que ilustram as coleções de contos, S. RINK, *T. T., passim*, especialmente p. 105, 223, 191; consultar de preferência a edição dinamarquesa, *Aeventyr og Sagn og Fortællingen*, I, II, Kbhvn., 1866-1875, a edição esquimó, *Kaladlit Assiliialit*, fasc. I-IV, 1860, Godthaab, pr. n.º 3, n.º 4, é melhor ainda). A casa de parede direita, relativamente destacada da cobertura de terra, e principalmente de teto colocado sobre traves colocadas elas mesmas sobre o muro, dá uma impressão muito nítida de casa européia e possivelmente tenha sido criada por influência dos antigos noruegueses. A respeito desta influência, cf. TYLOR, *Old Scandinavian Culture among the Modern Eskimos*, *Journ. Anthro. Inst. Gr. Brit.*, XIII, 1883, p. 275ss. (todas as aproximações de TYLOR, de resto, não nos parecem fundamentadas).

(18) Apenas, aqui, a borda do banco é assoalhada e não deixa vazio, ver fig. 3 e 4.

(19) O banco, novamente, forma o vazio, cf. MURDOCH, fig. 11, NELSON, fig. 80ss.,

(20) Cf. EGEDE, p. 63; CRANZ, mais preciso ainda no que diz respeito ao lugar da lâmpada, liv. III, cap. I, § 4. O entabamento do banco desaparece normalmente onde o compartimento propriamente dito aparece e, em suma, restringe-se provavelmente à Groenlândia. Na Groenlândia ocidental, a lâmpada esquimó só desapareceu, sendo substituída pela estufa européia, na casa dos ricos.

(21) Cf. textos citados na nota precedente, e GRAAH, *loc. cit.*, p. 35, *Hanseråks Dagbog*, ed. Signe Rink, p. 29, n.º 1.

No Mackenzie (22), como a madeira flutuante é muito abundante, toda a casa é feita de achas: grandes madeiras colocadas umas sobre as outras e em esquadro graças a cavidades abertas nos cantos. Além disso, na seção horizontal, ela toma a forma não mais de um retângulo, como a precedente, e sim de um polígono estrelado, donde uma terceira diferença: ela compreende quatro compartimentos nitidamente distintos. O banco, um pouco mais alto do que na Groenlândia, garante o fundo de cada compartimento; mas o compartimento de entrada, em vez de um banco tem dois estendidos sobre a escavação e que servem, como o banco dos hóspedes na Groenlândia, aos hóspedes e aos utensílios (23). Finalmente, o corredor, mais baixo ainda do que na Groenlândia, encaixa-se no compartimento que se volta para o mar, de preferência ao sul (24).

Encontra-se no Alasca um tipo intermediário entre os precedentes. A forma torna-se retangular (25), como na Groenlândia, mas frequentemente compreende diversos retângulos abertos para um único corredor (26). Como, principalmente, no Alasca meridional, a madeira é sempre abundante, o chão do retângulo central é assoalhado. A única característica própria das casas dessa região é a disposição do corredor que, em vez de desembocar no muro de entrada, termina sob o próprio chão da parte central (27).

(22) A respeito da casa da região do Mackenzie e do Anderson, ver principalmente PETITOT, *Mon.*, p. XXI e prancha, *Grands Esquimaux*, pp. 41, 49, 50 (esse corredor, entre os kragmalivit, será feito (*sic*) com blocos de gelo, havendo uma contradição entre o que é dito e o desenho feito segundo o croquis (?) da p. 193). FRANKLIN, *Narrative of a Second Expedition to the Shores, etc.*, p. 42, p. 121, pr.; RICHARDSON, *ibid.* (aponta Atkinson), pp. 215, 216 (um plano e um corte no corte sustentam as duas traves de sustentação do retângulo central); cf. as indicações de MIERSTSCHING, *Reisetagbuch.*, etc., p. 35, p. 37; HOOPER, *Tents of the Tuski*, p. 243; RICHARDSON, *Arctic Search. Exped.*, I, p. 30; *Polar Regions*, p. 300ss.; a descrição dada por Schultz, em *The Innuits of Our Arctic Coast*, em *Trans. Roy. Soc. Canada*, 1883, VII, p. 122, não se fundamenta em alguma observação, nem no que dizem Bompas e Sainville, sendo apenas uma cópia de Egede e de Cranz.

(23) Ver PETITOT, *Grands Esquimaux*, p. 41.

(24) RICHARDSON, em FRANKLIN, p. 21ss., conforme a prancha 8, o corredor parece muito curto.

(25) A respeito da casa na ponta Barrow, MURDOCH, p. 72ss.; SIMPSON, *Western Eskimos*, pp. 256, 258; A respeito da casa no estreito de Behring, ver NELSON, p. 253ss., fig. 80ss..

(26) Ver plano da casa do Cabo Nome, NELSON, p. 254.

(27) NELSON, fig. 74. ELLIOT, *Our Arctic Province*, p. 378, p. 379, no sul, no distrito de Nushagak, uma chaminé de madeira frequentemente utilizada, e central, afeta a própria construção e aproxima a casa esquimó do tipo

Percebe-se facilmente como esses diferentes tipos de casas são apenas variações de um único tipo fundamental, do qual o do Mackenzie talvez dê a idéia mais exatamente aproximada. Um fator que contribui largamente para determinar essas variações é a natureza variável dos materiais de que o esquimó dispõe, conforme a região. Assim, em certos pontos do estreito de Behring (28), na terra de Baffin (29), ao noroeste da baía de Hudson (30), a madeira flutuante é rara ou falta completamente (31). Empregam-se, então, as costelas de baleia, do que, porém, resulta um sistema novo de habitação: a casa é pequena, pouco alta, tem forma circular ou elíptica. A parede recobre-se de peles, por sua vez recobertas de relva; e por sobre as paredes eleva-se uma espécie de cúpula. É o que se chama *qarmang*. O *qarmang* tem também seu corredor.

Suponhamos agora que este último recurso do construtor esquimó — as costelas de baleia — venha a faltar também; então, outras formas aparecerão. Com muita frequência o esquimó recorre a uma matéria-prima que sabe utilizar maravilhosamente e que está sempre

da casa chilcotin. JACOBSEN, *Reise* (ed. Woldt) p. 321; a respeito dos diversos tipos de casa no Alasca, ver PORTER, *Rep. Alaska*, p. 146ss. e as figuras, pp. 96, 106; as antigas expedições de BEECHY, *Voy. Pacif.* II, 568, 569 e dos russos, cf. *Wrangell, loc. cit.*, p. 143ss. concordam e mostram que a divisão dos tipos é quase sempre a mesma.

(28) A respeito das casas de costelas de baleia, no estreito de Behring, ver NELSON, p. 257ss.; PETROFF, *Tenli Census*, p. 38ss.. Cf. para os esquimó siberianos, NELSON, p. 263.

(29) A respeito dessas casas, ver principalmente BOAS, *C.E.*, p. 548 ss.; KUMLIEN, *Contributions to N. Amer. Nat. Hist.* p. 43; HALL, *Life with the Esquimaux*, I, p. 131, cf. ruínas, II, p. 289. As figuras 499 a 502 de Boas são particularmente interessantes (fig. 500 segundo Kumliu) por explicarem as ruínas encontradas por Parry, p. 105, e que evidentemente são traços de *qarmang*. Hall menciona expressamente que os nugumiut só renunciaram a esse tipo de construção e fizeram iglus de neve, porque não mais possuíam costelas de baleias. Ver também MARKHAM, *Whaling Cruise in Baffins Bay*, p. 263, 264.

(30) A respeito das casas dessa região, ver PARRY, p. 280, ruínas do platô de Iglulik, pp. 258, 358, 545, Lyon, *Private Journal*, p. 115. BOAS, *E.B.L.*, p. 96.

(31) Parry fala formalmente da ausência de madeira flutuante e das dificuldades que derivam para a construção p. 390, 423. Boas também menciona a troca da cabana de ossos pelo iglu de neve. Cf. para as ruínas da ilha Bathurst BOAS, *Ehemalige Verbreitung*, etc. *Zeitschr. d. Ges. f. Erdk. Berl.*, XVIII, p. 128; John Ross, *Narra. of a Second Voy.* 1833, p. 389 (que são casas de inverno). Construções feitas com costelas de baleia são mencio-

ao alcance de sua mão: trata-se da neve (32), donde o *iglu* ou casa de neve tal como é encontrada na terra de Baffin (33) e na costa setentrional da América (34). O *iglu* apresenta, aliás, todas as caracterís-

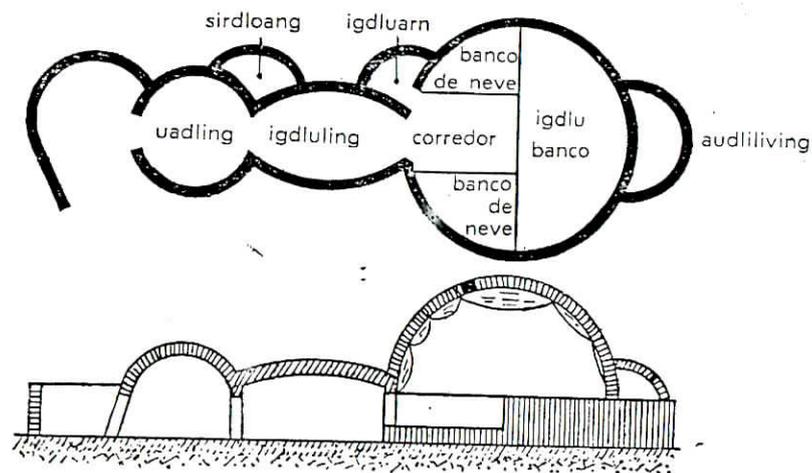


Fig. 4. — Plano e corte transversal de um iglu de neve simples, do N.O. da baía de Hudson (H. B.). *Igdluling* (corredor e nicho para os cães), *Uadling* (cozinha e depósito). Os pequenos segmentos tangentes são os depósitos para as provisões, etc.

nadas na Groenlândia pela tradição, e mesmo constatadas. CARSTENSEN, *A Summer in the Arctic*, p. 124.

(32) Pode parecer que o *iglu* de neve seja completamente primitivo entre os esquimó, pois sabe-se que o abrigo temporário sob a neve foi usado em toda parte e a necessária faca de neve faz parte do material pré-histórico esquimó. Mas há *iglu* e *iglu* e, a nosso ver, o *iglu* permanente de neve, a casa de inverno é de origem recente. O *iglu* com corredor é desconhecido em toda parte, exceto onde o assinalamos. Cf. a prancha de EGEDE, *Perlustration*, p. 71. Cf. a ilustração em RINK, *T. T.*, p. 247. Foi formalmente dito a Rasmussen pelos esquimó do estreito de Smith que foram os imigrados da terra de Baffin que lhes ensinaram a fazer o *iglu* de neve, propriamente dito, *Nye Mennesker*, p. 31.

(33) BOAS, *C.E.*, p. 539ss., *E. B. L.*, p. 95ss., fig. 40, p. 97; HALL, *Life with the Esquimaux*, I, p. 21; KUMLIEN, *Contributions*, 26, p. 40.

(34) Ver PARRY, p. 159, 160 e prancha, p. 358, 499, 500, excelente plano de um *iglu* composto. O melhor plano foi dado por Augustus, da tribo de Fort Curchill a FRANKLIN, *Narrative of a Journey to the shores of the Polar Sea*, 1823, p. 287; ver também PECK, *The Life of Rev. Peck, etc.*, pp. 47, 56, 55 e 94 com fotografia (Little Whale R.); TYRREL, *Across the Barren*

ticas essenciais da casa grande: comumente, é múltiplo, compósito (35), isto é: dois ou três *iglus* aglomeram-se, desembocando em um único corredor; é sempre escavado na terra; tem sempre um corredor que desemboca semi-subterraneamente; por fim, apresenta no mínimo dois bancos de neve, com dois lugares para lâmpadas (36). Pode-se, quanto ao resto, estabelecer historicamente que o *iglu* é um sucedâneo da casa retangular ou poligonal. Em 1582, Frobisher, na *Meta Incognita*, descreve-nos cabanas de terra e de relva (37). Um pouco mais tarde Coats encontra mais longe o mesmo tipo de cabana (38). Ora, naquele momento, o clima e as correntes eram diferentes dos que lentamente se estabeleceram entre os séculos XVI e XIX (39); é, pois, bem possível que a madeira flutuante, já rara no século XVI, se tenha tornado tão rara a ponto de sua utilização ficar reservada aos utensílios, às armas. Construíram-se, então, mais e mais, os *qarmang*. Em 1829, Parry encontra ainda aldeias inteiras compostas de casas feitas de ossos de baleias (40). Mas até essas aldeias tornaram-se impossíveis na me-

Grounds, etc., pp. 136, 137, cf. 179, com plano, reporta-se ao Labrador e à região do fiorde de Chesterfield; HANBURY, *Sport and Travel*, pp. 77 e 78, um plano (lago Bake); GILDER, *Schwatkar Search*, etc., p. 256; SCHWATKA, *Nimrod in the North*, p. 18; KLUTSCHAK, p. 23, etc., John Ross, *Narrative of a Second Voyage*, etc. 1833, p. 230 (Netchillirmiut); HALL, *Narrative of the Second Arctic Exped.*, ed. Nourse, p. 128. — O *iglu* de neve seria, a crer-se em alguns autores informados pouco seguramente, a forma da casa de inverno no Labrador, MACLEAN, *Twenty five years service*, etc., II, pp. 145, 146; BALLANTYNE, *Ungava Bay*,... p. 28ss.; porém, cf. TURNER, p. 224ss.; além de o *iglu* de Ungava não ter corredor (TURNER, fig. 48), o fato deve ser restrito aos esquimó, um tanto degenerados, do estreito de Hudson e da baía de Ungava e é certo que a casa de tipo groenlandês precedeu até ali o *iglu* de neve, ver MURDOCH, p. 228; para uma descrição da velha casa do Labrador, ver *Moravians in Labrador*, p. 17.

(35) Ver os planos, BOAS, *C.E.*, p. 546ss., *E. B. L.*, p. 96.

(36) Ver PARRY, p. 502.

(37) BESTE, *The voyages of Martin Frobisher* (relato), Hakluyt, ed. Collinson, 1.^a viagem, pp. 82, 84; 2.^a viagem, cabo Warwick, pp. 137, 138, descreve uma aldeia *qarmang*.

(38) COATS, em J. BARROW, *The Geogr. of Hudsons' Bay*, Lond. Hakluyt, 1852, pp. 35, 76; Henri ELLIS, *A voyage to Hudsons Bay*, etc., 1746, 1747, Lond. 1758, p. 879; cf. Ruínas na península Melville, BELLOT, *Journal d'un voyage aux mers polaires*, p. 354.

(39) É certo que os mares atualmente fechados não o eram há poucos séculos e que o fenômeno deve ter resultado de um deslocamento das correntes polares. Sobre o assunto, ver *Arctic Pilot* (Almirantado inglês), *Sailing Directions*, 1905, p. 11ss., Cf. RICHARDSON, *Polar Regions*, p. 210ss..

(40) Ver textos citados anteriormente, p. 39, n. 30. Cf. LYON, *A Brief Narrative of Insuccesful attempt*, etc., 1825, p. 67.

dida em que os baleeiros europeus devastaram os estreitos e as baías do arquipélago ártico ⁽⁴¹⁾.

Em outras condições, na falta simultânea de madeira e de ossos de baleias, recorreu-se à pedra. Foi o que aconteceu na tribo do estreito de Smith ⁽⁴²⁾. À chegada dos primeiros europeus, esta tribo encontrava-se em lamentável estado ⁽⁴³⁾. A considerável extensão de gelo em terra e a persistência, durante quase todo o ano, do gelo à deriva, não só impediam a chegada de madeira flutuante, como também prendiam as baleias e tornavam impossível a caça às morsas, aos focídeos e aos delfínídeos ⁽⁴⁴⁾. Na falta da madeira, o arco desapareceu como desapareceu o kayak, o umiak e a maior parte dos trenós. Os infelizes esquimó encontravam-se assim reduzidos à conservação da lembrança de sua antiga técnica ⁽⁴⁵⁾. Daí adveio para eles a necessidade de construir casas feitas exclusivamente de pedras e de relva. Com a natureza dos materiais, só a forma da casa modificou-se. Sendo muito difícil construir casas grandes de pedras, aquelas miseráveis populações tiveram que se contentar com fazê-las pequenas ⁽⁴⁶⁾. Mas o vínculo de parentesco que unia os indivíduos ao tipo da casa grande permanece ainda evidente, malgrado suas modificações. Por seus traços essenciais, a casa pequena assemelha-se ainda à casa grande groenlandesa, da qual, no fundo, é apenas uma miniatura: encontra-se nesta a entrada subterrânea, a janela no mesmo lugar, o

(41) Ver HALL, *Life with the Esqui.*, I.

(42) Sobre as mudanças morfológicas ocorridas nessa tribo, ver PREUSS, *Die Ethnographische Veränderung der Eskimos des Smithsundes*, etc. *Ethnolog. Notizblatt*, Kgl. Mus. Völkerk. Berl., II, I, 1899, pp. 38-43.

(43) Ver J. ROSS, *A voyage of Discovery... explor. Baffins Bay*, Lond., 1819, I, p. 114ss., KANE, *Arctic Researches*, 1853, etc., I, p. 206, 416ss.; HAYES, *Boat Expedition*, p. 224; a mudança já é sensível em 1861, quando da segunda expedição de Hayes, *Open Polar Sea*, N. Y., 1867, p. 245, Hans Hendrik, o esquimó groenlandês, refugiou-se entre eles e foi por volta dessa época que se deve ter produzido a grande imigração cujo relato é transmitido por RASMUSSEN, *Nye Mennesker*, p. 21ss. e cuja importância, não se sabe como, Peary parece ignorar e Hayes, como Hall e Bessels, parecem esconder. A respeito da situação atual, ver PEARY, *Northward over the Great Tce*, ap. I e I, p. XLIX. ASTRUP, *With Peary Toward the Pole*, p. 138ss., e principalmente o livro infinitamente mais verídico de Rasmussen.

(44) Não se praticava mais a caça aos ursos, aos pássaros e às renas, assim como a caça perigosa nas bordas do gelo.

(45) A palavra umiak persistira perfeitamente, KANE, II, p. 124ss..

(46) A respeito dessas pequenas casas, ver principalmente PEARY, *Northward*, I, p. 113ss., com os planos e cortes de Astrup, p. 108 (aldeia de Keate, Ilha de Northumberland), cf. a respeito da construção I, pp. 91, 87, ilustração,

banco construído em compartimento ⁽⁴⁷⁾. Por fim, e principalmente, ela é com freqüência habitada por diversas famílias, o que, como se vê a todo instante, é um traço distintivo da casa grande.

Esta pequena casa de pedra, portanto, é, para nós, apenas uma transformação da casa grande da Groenlândia ou do Mackenzie. Não obstante certos arqueólogos sustentaram que, ao contrário, era ela que constituía o fato primitivo. O único fato a apoiar esta hipótese, porém, é o seguinte: na Groenlândia do noroeste de um lado, à terra de Francisco-José, ao Scoresby Sound ⁽⁴⁸⁾, ao arquipélago Parry ⁽⁴⁹⁾ de outro, encontraram-se ruínas de antigos estabelecimentos de inverno que parecem ter sido pequenas casas de pedra, análogas às do estreito de Smith — fato único que não é nada probante. Encontra-se, de fato, alhures, um grande número de ruínas de casas grandes cujas características são relativamente uniformes ⁽⁵⁰⁾; além disso, nada prova que essas ruínas sejam verdadeiramente os mais antigos restos de casas de inverno que possuímos; finalmente, se a pequena casa havia sido o fato inicial, dificilmente se explicaria a generalidade e a persistência, em modalidades diversas, do tipo da casa grande ⁽⁵¹⁾. Seria necessário admitir que em um dado momento, mas mal determinado, e por causas igualmente indeterminadas e

cf. J. D. PEARY, *My arctic Journal*, etc., Lond., 1893; *Children of the Arctic*, Lond., 1903 (Etah, com fotografias), p. 67. Cf. RASMUSSEN, *Nye Menn.*, p. 9ss.. O iglu de neve substitui agora, de fato, a casa de pedras.

(47) Ver principalmente KANE, I, p. 124, II, face p. 113, cabana de Itah; o desenho, por certo, é feito com grande habilidade. Cf. ROSS, *Voy.*, 1819, p. 130.

(48) Ver RYDER, *Om den tidligere, eskimoiske Bebyggelse af Scoresby Sund*, 1895, *Meddel. Grönl.*, XVII, p. 290ss.. A afirmação de que esta casa só tinha um lugar para a lâmpada (p. 299) e que, portanto, só abrigava uma família, não nos parece justificada. Cf. von DRYGALSKI, *Deutsche Nordpol Expedition*, I, p. 585.

(49) Ver BOAS, *Ehemalige Verbreitung*, etc., p. 128 e textos citados. Cf. GREELY, *Three Years of Arctic Service*, 1875, p. 379ss..

(50) Ver Catálogo das ruínas em MARKHAM, *Arctic Geogr., Papers*, p. 115ss.

(51) Ademais, todas essas ruínas ultra-setentrionais são evidentemente os restos de populações prontas para emigrar ou muito perto de extinção. Ora, na relação de Neu-Herrnhut, 1757, CRANZ (*History of Greenland*, Lond. II, p. 258, n.) relata que, quando de uma fome, na ilha de Kangek, 15 pessoas, que não podiam mais acender as lâmpadas por falta de óleo, refugiaram-se numa casa muito pequena de pedras, onde se aqueciam mais facilmente pelo contacto. É razoável supor que casas desse gênero produziram o mesmo efeito de retração, senão da família de inverno, pelo menos de seu conteúdo.

muito difíceis de serem percebidas, os esquimó teriam passado, no inverno, da família isolada à família aglomerada. Não se atribui nenhuma razão a esta transformação; pelo contrário, nós mostramos, a propósito da tribo do estreito de Smith, como a transformação em sentido inverso é facilmente explicável.

O conteúdo da casa. — Agora que se conhecem as acomodações da casa, vejamos qual é a natureza do grupo que a habita.

Enquanto a tenda compreende só uma família, o habitat de inverno, em todas as suas formas, contém normalmente diversas⁽⁵²⁾, fato de que já se pôde ter uma noção pela descrição precedente. O número de famílias que coabitam, de resto, é variável. Eleva-se até a seis⁽⁵³⁾, sete e mesmo a nove nas tribos groenlandesas orientais⁽⁵⁴⁾; outrora, de dez na Groenlândia ocidental⁽⁵⁵⁾, baixou a duas nas pequenas casas de neve e nas pequenas casas de pedra do estreito de Smith. A existência de um mínimo de famílias por casa é tão característica do estabelecimento de inverno esquimó, que, onde quer que se veja este traço regredir, é possível ter certeza de que há, ao mesmo tempo, uma destruição da civilização esquimó. Assim, nos recenseamentos relativos ao Alasca, pode-se, segundo a relação entre o número de famílias e o número de casas, dizer se o que se depara é uma aldeia esquimó ou uma aldeia índia⁽⁵⁶⁾.

No interior da casa groenlandesa, cada família tem seu lugar determinado. No iglu de neve, cada família tem seu banco especial⁽⁵⁷⁾

(52) Quase todos os textos citados anteriormente contém ensinamentos a respeito dessa questão, evidente para todas as casas grandes, ou para as casas compostas. Basta indicar que na única pequena casa atualmente habitada, a do estreito de Smith, moram e moravam normalmente pelo menos duas famílias ver HAYES, *Boat Expedition*, p. 64; KANE, *Arctic Explorations*, II, pp. 114, 116 (contém inverossimilhanças); HAYES, *Open Solar Sea*, p. 262, 270 (uma família se vai instalar, além de outras três Kalutunah e Ittiblik (Itiblu de Peary). A introdução do iglu de neve, aliás, modificou a própria morfologia.

(53) O máximo atingido no Alasca, cf. PORTER, *Eleventh Census*, p. 164. Jacobson descreve uma casa de um rico malemiut, até mesmo chefe em Owirognak, em que moram cerca de sete grupos de parentes (adotivos e outros), WOLDT, *Jacobsens' Reise*, p. 241.

(54) O máximo atingido em Angmagssalik, onde a casa, aliás, confunde-se com o estabelecimento de inverno, cf. HOLM, *Ethn. Sk.*, p. 87ss. Cf. quadro anterior.

(55) CRANZ, III, I, § 4.

(56) Ver ap. I, as aldeias do Alasca em que o número de famílias e o de casas coincide, são índias.

(57) Ver os textos citados, p. 40, s. 34, a descrição dada por Lyon de

e seu compartimento na casa poligonal⁽⁵⁸⁾; tem sua parte no banco tabicado nas casas da Groenlândia⁽⁵⁹⁾, sua parte na casa retangular⁽⁶⁰⁾. Há, assim, uma relação estreita entre o aspecto morfológico da casa e a estrutura do grupo complexo que ela abriga. Todavia, é curioso constatar que o espaço que cada família ocupa não pode ser proporcional ao número de seus membros. As famílias são consideradas como tantas unidades equivalentes umas às outras. Uma família reduzida a um indivíduo ocupa um lugar tão grande quanto o lugar que ocupa, com seus descendentes, a que tem uma descendência numerosa⁽⁶¹⁾.

O *kashim*. — Porém, além das habitações privadas, há uma outra construção de inverno que merece chamar a atenção de modo particular, pois termina por dar relevo às características particulares da vida que os esquimó levam durante essa estação: trata-se do *Kashim*, palavra européia abreviada de uma palavra esquimó que significa *meu lugar de reunião*⁽⁶²⁾.

O *kashim*, é certo, não existe mais hoje em dia, por toda parte. Entretanto, é ainda encontrado em todo o Alasca⁽⁶³⁾ e em todas as

uma casa de Iglulik, que representa duas famílias em um só banco de iglu de neve, deve ser ligeiramente errônea.

(58) Ver os textos da p. 39, n. 22, ver PETITOT, *Monographie*, p. xxviii.

(59) Ver as pranchas em RINK, *T.T.*, pp. 74, 86, etc. Cf. para o Labrador, *Periodical Accounts*, 1790.

(60) Ver MURDOCH, p. 83; em Nunvak Island a casa compreende normalmente quatro famílias, PORTER, *Report Alaska*, p. 126, igualmente no distrito de Nushagak, ver PORTER, p. 108. Foi provavelmente partindo desse fato que Boas acreditou poder relacionar definitivamente a casa de inverno esquimó à dos índios do noroeste americano (*Rep. Northwestern Tribes of Canada*, British Association Advancement Sciences, Bristol, 1887).

(61) Isto pode ser deduzido de diversas descrições indicadas, mas é formalmente afirmado, bem como provado em um plano, para Angmagssalik, cf. HOLM, *Ethn. Sk.*, pl. XXIII, cf. p. 66. O n.º 7, avô viúvo, ocupa todo um lugar, mas não tem lâmpada.

(62) Sobre o *kashim* em geral, ver RICHARDSON, *Polar Regions*, p. 318, 319; *Arctic Searching Exped.*, I, p. 365.

(63) Sobre o *kashim* no Alasca, ver principalmente NELSON, p. 241ss.; os mais antigos textos fazem-lhe expressa menção, ver GLASUNOV, em WRANGELL, *Statistische Ergebnisse*, etc., pp. 149, 145, 151, 154; BEECHY, *Voyage to the Pacific*, I, p. 267, etc., II, p. 569, cf. p. 542, 550; o tenente Zagoskin, em PETROFF, *Report Alaska*, p. 38ss.; SIMPSON, *Western Eskimos*, p. 259 (ponta Barrow). Os recenseamentos de DALL, *Alaska*, p. 406, etc.; os de PETROFF, p. 35ss., os de PORTER, *Rep. Al.*, p. 103ss., são abundantes em informações, cf. ELLIOT, *Our Arctic Province*, pp. 385, 386. As aldeias prósperas têm até dois e três *kashims*, ver NELSON, p. 242ss., cf. p. 391. (Kushunuk, cabo Vancouver,

tribos da costa ocidental americana, até a ponta Atkinson⁽⁶⁴⁾. Quando das últimas explorações, cujo relato possuímos, existia ainda na terra de Baffin e na costa noroeste da baía de Hudson, bem como na costa meridional do estreito de Hudson⁽⁶⁵⁾. Por outro lado, as primeiras missões morávias do Labrador assinalam a sua existência⁽⁶⁶⁾. Na Groenlândia, se bem não se encontre vestígio dele nem nas ruínas (a não ser um caso duvidoso)⁽⁶⁷⁾, nem a sua menção nos antigos autores dinamarqueses, a linguagem⁽⁶⁸⁾, alguns contos conservam sua lembrança. Há, pois, boas razões para pensar que ele entrava normalmente na composição de qualquer estação esquimó primitiva.

O kashim é uma casa de inverno, porém maior. O parentesco

onde está expressamente estabelecido que os dois kashims são usados ao mesmo tempo). PORTER, pp. 105, 107, 114, 115, etc. Existe a lenda de uma aldeia à entrada de Yukon, de cem kashims, diz JACOBSEN, *Reise* (ed. Woldt), pp. 179, 207, cf. NELSON, p. 242. Ver outras enumerações em Jacobsen de aldeias com diversos kashims, pp. 225, 226, 228. É difícil saber a que estrutura social correspondem esses dois kashims, e qual é a sua utilidade. Relacionar-se-ão eles à espécie de organização em clãs que Nelson assinalou? A aldeia da ponta Barrow que tinha três kashims em 1851 só tinha dois em 1956, ver MURDOCH, p. 79ss., cf. Woolfe em PORTER, p. 144 (não entendemos que esses kashims fossem construídos em gelo em 1889).

(64) Sobre o kashim, na ponta Warren, MIERTSCHING, *Reiselagebuch*, p. 121; cf. ARMSTRONG, *A Personal Narrative of Discovery of the North West Passage*, p. 159; PETITOT, *Monographie*, p. xxx; Richardson (ponta Atkinson) em FRANKLIN, *Narra. Second Exped.* pp. 215, 216, descrição importante (cf. textos citados anteriormente, etc., e *Arctic Search. Exped.*, I, pp. 254, 255).

(65) BOAS, *C.E.*, p. 601ss.; cf. HALL, *Narra. Second. Exped.*, ed. Nourse, p. 220. As ruínas de Parry, p. 362 ss., são evidentemente as de antigos kashims de costas de baleias. A lembrança das festas e práticas foi conservada. Beechey, que fez parte da primeira expedição de Parry, aproxima, *Voy. to the Pacific*, etc., II, p. 542, o kashim da ponta Hope ao dos esquimó orientais, Cf. (Gore Bay) LYON, *Journal* p. 61. Cf. conto n.º 16, em BOAS, *E. B. L.* (kashim de pedra).

(66) Carta de OKKAK, 1791, em *Periodical Accounts rel. t. t. Missions of the church of the United Brethren*, Lond., 1792, I, p. 86. "The Kivalek people built a snow house to game and dance in, and being reproved for it, their answer was "that it was so difficult to catch whales, they would have a katche-game to allure them". Porém algumas mulheres, que haviam dançado, morreram subitamente e então a casa de diversões foi demolida. É de se observar que o dicionário de Erdmann (se bem o folheamos) não contém referência à palavra *Kache* (?) *gagche* (?). Ver também TURNER, *American Naturalist*, 1887 (Un-gava Bay).

(67) RINK, em *Geogr. Tidskr.*, VIII, p. 141. (Disco), cf. com mais precisão conto em THALBITZER, *A Phonetical Study*, etc., p. 275, cf. p. 297.

(68) Cf. RINK, *T. T.*, p. 8, contos, pp. 273, 275, 276, cf. KLEINSCHMIDT, *Grönlandske Ordbog*, Copenhagen, 1871, p. 124, col., e 125 col. a. RINK, *Esk.*

entre essas duas construções é tão estreito, que as formas diversas que o kashim toma, conforme as regiões, são paralelas à forma tomada pela casa. As diferenças essenciais são duas. De início, o kashim tem um fogão central, enquanto a casa não tem (salvo no extremo sul do Alasca, onde a influência da casa índia se faz sentir). Este fogão é encontrado não só onde se evidencia uma razão prática, por causa do emprego da madeira como combustível⁽⁶⁹⁾, como também nos kashim de neve provisórios da terra de Baffin⁽⁷⁰⁾. A seguir o kashim quase nunca tem compartimentos ou bancos e freqüentemente tem assentos⁽⁷¹⁾. Mesmo quando é construído com neve e quando, por esse motivo, não é possível construir uma grande cúpola única, pois tal matéria-prima não serviria para isso, o modo pelo qual as cúpulas se unem e as paredes se alargam empresta-lhe a forma de grande sala com pilastras.

Essas diferenças no arranjo interior correspondem a diferenças funcionais. Se nele não há nem divisão, nem compartimentos, se há um fogão central, isto se deve ao fato de o kashim ser a casa comum de toda a estação⁽⁷²⁾. Nele, nas regiões a respeito das quais estamos bem informados, têm lugar cerimônias que reúnem toda a comunidade.⁽⁷³⁾ No Alasca, é mais especialmente a casa dos homens,⁽⁷⁴⁾ é nele que os adultos, casados ou não, dormem separados das mulheres e das crianças. Nas tribos do sul do Alasca, serve como "casa de suor"⁽⁷⁵⁾, mas pensamos que esta finalidade é relativamente recente e de origem índia, ou, quem sabe, russa.

O kashim é exclusivamente uma construção de inverno. Eis o que coloca bem em evidência o traço distintivo da vida invernal. O que o caracteriza é a extrema concentração do grupo. Em tal ocasião,

Tribes, p. 26, *ibid.*, supl., sec. 20, n.º 16; cf. *ibid.*, sec. 29, n.º 11. Provavelmente de CRANZ, entre outros, *History of Greenland* (ed. ingl.), II, p. 29, cf. p. 73 (Relat. de Neu Herrnhut, 1743, 1744), cf. pp. 365, 367, podem fazer supor a existência de algo do gênero do kashim.

(69) Ver ELLIOT, *Our Arctic Prov.*, pp. 385, 386; cf. JACOBSEN, *Reise* p. 321.

dade⁽⁷³⁾. No Alasca, é mais especialmente a casa dos homens⁽⁷⁴⁾; é

(70) BOAS, *C.E.*, pp. 601, 602. *E.B. L.* (Nugumiut) p. 141; HALL, *Life with the Esqui.*, II, p. 320.

(71) Cf. JACOBSEN, *Reise*, p. 323.

(72) Cf. mais adiante.

(73) BOAS, *E. B. L.*, p. 141. (Nugumiut); MURDOCH, p. 83.

(74) Schanz, em PORTER, p. 102 (parece ter sido copiado de Glasunov); NELSON, p. 285, etc.

(75) NELSON, p. 287; JACOBSEN, *Reise*, p. 212, etc., ELLIOT, *loc. cit.*

não somente se vêem diversas famílias aproximar-se em uma só casa e coabitar, como ainda todas as famílias de uma mesma estação, ou, pelo menos, toda a população masculina experimenta a necessidade de reunir-se num só local e de ali viver uma vida comum. O kashim surgiu para satisfazer essa necessidade (76).

3 — *A distribuição das habitações no solo, de acordo com as estações.*

É o que vai mostrar melhor ainda a maneira pela qual as habitações são dispostas sobre o solo, conforme a estação, pois não só elas são diferentes na forma e na extensão, não só abrigam grupos sociais de tamanho muito desigual, conforme acabamos de ver, como ainda são distribuídas de modo muito diferente no inverno e no verão. Passando do inverno ao verão, veremos que elas ou se aproximam muito, ou, pelo contrário, se espalham por grandes extensões. As duas estações, do ponto de vista desta relação, oferecem dois espetáculos inteiramente opostos.

Distribuição das habitações de inverno. — De fato, se a densidade interior de cada casa, considerada separadamente, é, conforme mostramos, variável segundo as regiões, em contrapartida pode dizer-se que a densidade da estação, considerada no seu conjunto, é sempre a maior possível, relativamente, é claro, às facilidades de subsistên-

(76) Além do kashim, da tenda e da casa grande, há algumas outras construções, mas especiais e temporárias, que não oferecem grande interesse ao nosso tema e que nos limitamos, portanto, a mencionar brevemente. Tais são as casas de uma forma intermediária entre a tenda e o iglu, que só são de utilização regular nas regiões centrais. Na terra de Baffin, na primavera, quando a abóbada da casa de neve começa a fundir-se, como não se pode ainda viver na tenda, constróem-se iglus cujas paredes são feitas de neve, sendo a cúpula feita de peles. (Cf. entre outros, HARRY, p. 358, boas descrições.) Inversamente, na entrada do inverno, recobre-se algumas vezes a tenda com relva, espinhos, musgo, reveste-se a seguir de peles essa primeira camada e instala-se à entrada uma abóbada de neve. Esta instalação torna-se algumas vezes definitiva. BOAS, *C.E.*, pp. 551, 553. Recorre-se a essas construções mistas um pouco por toda parte, especialmente quando, durante um deslocamento, mesmo de verão, uma série de maus dias obriga à construção de um abrigo. Kane descreve essas instalações mistas em 851, em DISCO, *Grinnell Expedition*, p. 46. Nós nos contentamos com assinalar as pequenas casas e tendas de emprego muito generalizado para isolar a mulher tabuízada. Ver principalmente MURDOCH, p. 86. Woolfe, em PORTER, p. 141 (ponta Barrow). Trata-se de uma reação da fisiologia social em relação à morfologia, e há ainda outras. Deixamos de lado a questão das casas de verão no Alasca, um tanto técnica para ser discutida aqui.

cia (77). Nesse momento, o volume social, isto é, a área efetivamente ocupada e explorada pelo grupo, é mínimo. A caça aos focídeos, que obriga o caçador a distanciar-se um tanto, é exclusivamente tarefa dos homens, que ainda não ultrapassam a praia ou as praias a não ser por finalidades determinadas ou passageiras; e seja qual for a importância dos deslocamentos em trens, efetuados principalmente pelos homens (78), tais deslocamentos só afetam realmente a densidade total da estação quando esta apresenta, como um todo, um excesso de população (79).

Há um caso em que esse aperto é tão grande quanto possível: é o de Angmagssalik, onde toda a estação ocupa uma única casa, que compreende, em consequência, todos os habitantes da unidade social. Enquanto alhures uma casa comporta de duas a oito famílias, em Angmagssalik chega-se ao máximo de onze famílias e até de cinquenta e oito habitantes. Atualmente, numa extensão de costas de mais de 120 milhas, há treze estações, treze casas que os 392 habitantes da região partilham, numa média de 30 cada casa (80). Essa concentração extrema, porém, não é um fato primitivo; é, por certo, o resultado de uma revolução.

Por outro lado, em todos os outros casos em que se observaram casas de inverno isoladas, não agrupadas, estas eram, de acordo com todas as evidências, habitadas por famílias que haviam sido levadas a separar-se de seu grupo original por motivos diversos (81). As *single*

(77) As cifras dadas anteriormente, referentes ao estabelecimento esquimó, dizem respeito à estação de inverno. A concentração de toda a "unidade social" em um ponto resulta, evidentemente, num máximo de concentração. Discussão em RINK, *Dansk Grönland*, II, p. 253 e muito boas descrições em CRANZ, XII, 1, § 4 e § 5; BOAS, *C.E.*, p. 561, cf. 482ss.; cf. PORTER (Woolfe), p. 148 (Schanz), p. 101ss. (Porter), p. 164.

(78) Os deslocamentos de inverno só são fortemente praticados na terra de Baffin, ver BOAS, p. 421. O mapa que Boas fornece desses deslocamentos (mapa II) todavia não deve causar ilusão sobre a amplitude de tais movimentos.

(79) A única tribo que talvez faça exceção à regra é a do estreito de Smith. Ver KROEBER, *The Esk. of Sound*, p. 41ss.; PEARY, *Northward*, etc. I, p. 502 ss., mas nós explicamos que há, para esta tribo, condições muito especiais.

(80) Ver anteriormente, p. 17, cf. HOLM, p. 89 ss.

(81) Os contos conservam muito particularmente o tema de pessoas que vivem em casas isoladas; mas isto se deve precisamente ao caráter romanesco desse gênero de vida. *T. T.*, pp. 278, 568; BOAS, *E. B. L.*, p. 202, etc.; Hayes explica a existência dos isolados da ilha de Northumberland (estrito de Smith), *An Arctic Boat Journey*, 1860, pp. 242-244 (a mulher de um deles é feiticeira).

houses notadas por Petroff no Alasca ⁽⁸²⁾ parecem desaparecer praticamente no recenseamento de Porter e, de qualquer modo, o primeiro grande recenseamento dessa região, o de Glasunov, em 1924, que felizmente foi feito no inverno, só menciona aldeias de 8 a 15 casas, compreendendo de 200 a 400 habitantes ⁽⁸³⁾. Quanto às ruínas do arquipélago Parry, bem como do N. Devon, onde freqüentemente se encontram estações de inverno reduzidas a uma só casa, tal redução, por considerável que pareça em relação à média, não deve causar admiração se se considerar que tais ruínas datam evidentemente de uma época em que os esquimó empobrecidos deixavam de habitar essas regiões ⁽⁸⁴⁾.

Em resumo, feita a eliminação dos fatos aparentemente contrários, é possível dizer, de modo geral, que uma estação de inverno compõe-se de diversas casas, próximas umas das outras ⁽⁸⁵⁾. Quanto à maneira pela qual elas estão dispostas, não nos é dito que tenha algo de metódico ⁽⁸⁶⁾, salvo, conforme é do nosso conhecimento, em dois casos relativos às tribos meridionais do Alasca ⁽⁸⁷⁾. O fato tem importância.

Essa disposição das habitações basta para mostrar quanto a população, nesse momento, está concentrada. Pode porém ser que essa concentração tenha sido maior outrora. A conjectura, sem dúvida, no estado atual de nossas informações, não pode ser demonstrada com rigor; todavia, não deixa de ser plausível. De fato, os velhos viajantes ingleses falam-nos de aldeias esquimó afundadas na terra, como buracos de toupeiras, cujas cabanas agrupavam-se ao redor de uma cabana central, maior do que as outras ⁽⁸⁸⁾. É bastante provável que se tra-

(82) *Rep. Alas.*, pp. 125, 126ss.

(83) Ver Ap. II. E os textos citados anteriormente.

(84) Ver, anteriormente, Cf. SVERDRUP, *Nyt Land*, I, p. 150; II, p. 179, cf. mapas, I, p. 320, II, p. 128; de resto, há também nessas regiões ruínas de casas agrupadas, cf. SVERDRUP, I, p. 211, II, p. 371.

(85) Na maioria, os textos citados anteriormente são extraídos de descrições de estações de inverno às quais remetemos definitivamente; Steensby, *Esk. Kult. Opr.*, pp. 51-141 fornece abundantes referências que nós não temos necessidade de completar.

(86) Os planos de Lichtenfels, de Neu Herrnhut dados em CRANZ, II, devem-se aos missionários europeus.

(87) (Rasbinzsky) NELSON, p. 247; JACOBSEN, *Reise*, p. 314; cf. PORTER, p. 107. Um deles foi por certo construído sob a influência russa. Comporta uma aldeia de inverno alinhada diante de uma aldeia de verão.

(88) Ver anteriormente, n. 5. O texto de Coats que fala de um único caso é evidentemente exagerado.

taria do kashim. Por outro lado, em relação às tribos do oeste do Mackenzie, fala-se expressamente de comunicações entre as casas e até entre as casas e o kashim ⁽⁸⁹⁾. Representa-se, assim, o grupo de inverno como um grupo que outrora pôde ter sido constituído por uma espécie de casa grande única e múltipla ao mesmo tempo. Poder-se-ia desse modo explicar como foi possível a formação de estações reduzidas a uma única casa, como as de Angmagssalik.

Distribuição dos habitantes durante o verão. — No verão, a distribuição dos grupos é completamente diferente ⁽⁹⁰⁾. A densidade de inverno cede lugar ao fenômeno contrário. Não apenas cada tenda compreende uma só família, como ainda encontra-se muito distante uma da outra. A aglomeração das famílias na casa e das casas no interior da estação, sucede uma dispersão das famílias; dissemina-se o grupo. Ao mesmo tempo, à imobilidade relativa de inverno opõem-se viagens e migrações freqüentemente consideráveis.

De acordo com as circunstâncias locais, essa dispersão é feita de maneiras diferentes. A maneira mais normal é a difusão ao longo das costas e pelo interior. Na Groenlândia, chegado o verão, que chega depressa ⁽⁹¹⁾, as famílias concentradas nos iglus da estação carregam nos seus *umiaks* (botes das mulheres) as tendas de duas ou três famílias associadas. Em muito pouco tempo, esvaziam-se as casas e instalam-se as tendas ao longo das margens dos fiordes. São geralmente erguidas a distâncias relativamente consideráveis umas das outras ⁽⁹²⁾. Em Angmagssalik, para treze casas de inverno (que, como

(89) RICHARDSON, texto citado anteriormente, n. 62. Cf. ruínas comunicando-se todas ao norte da península Melville, BELLOT, *Voyages aux mers polaires*. Paris. 1854, p. 207. Richardson diz, falando dos iglus Netchillirmint: "social intercourse promoted by building houses contiguously, and cutting doors of communication between them, or by erecting covered passages", *Arctic Search. Exped.*, I, p. 350. É finalmente notável que em Cook Inlet, no limite de fusão entre as sociedades índias e as sociedades esquimó, uma aldeia em que todas as casas de inverno têm comunicação com o kashim, seja indicada, JACOBSEN, *Reise*, p. 362.

(90) Encontrar-se-ão abundantes informações gerais sobre um grande número de acampamentos de verão em STEENSBY, *Esk Kult. Opr.*, pp. 50-130, e concl., p. 142ss.

(91) Ver pormenores meteorológicos, em KORNERUP, *Bemerkninger*, etc., *Meddel*, III, p. 28ss.; HOLM, tabelas em *östgrönl. Exped.*, p. 227ss. Cf. WARMING, *Om Naturen i det Nordligste Grönland*, *Geogr. Tidskr.* IX, p. 139ss.

(92) Ver descrição NANSEN, *Eskimoleben*, p. 72ss.; EGEDE, *Nye Perillustration*, ed., 1725, p. 25; *Perlustra*, p. 90; CRANZ, livro III, I, § 5; RINK, *T. T.*, p. 7, *Eventyr og Sagn*, Supl., p. XIII. Os contos marcam muito bem a passagem do inverno para o verão, cf. *T. T.*, pp. 189, 132, etc.

dissemos, constituem, cada uma, uma estação), vinte e sete tendas espalham-se pelas ilhas mais à frente do mar e depois são transportadas para os raros campos onde pasta a rena, a quase cinquenta lugares, pelo menos. Segundo os bons documentos do velho Granz (93), entre a estação de Neu Herrnhut e a de Lichtenfels, a costa era o palco de uma dispersão bastante grande, pois, para oito estações no máximo, contava-se nada menos do que vinte e dois lugares de tendas e de acampamentos; e por certo Granz enganou-se para menos, não para mais. Além dessa dispersão ao longo dos fiordes (94), há ainda, na Groenlândia, excursões às pastagens de renas, bem como ao longo dos rios do salmão (95). O mesmo acontece no Labrador (96).

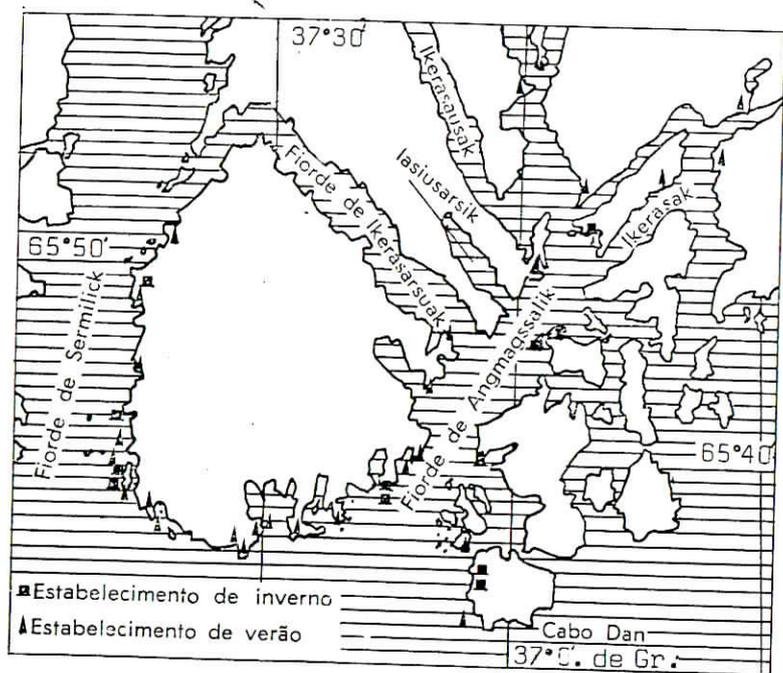


Fig. 5. — Estabelecimentos de inverno e estabelecimentos de verão de Angmagssalik (H. B.) (97).

(93) CRANZ, *Fortsetzung*, Barby, 1770, p. 247.

(94) Nos distritos do sul, formam-se grandes acampamentos de verão para a pesca ao capelão, mas são acampamentos eminentemente temporários e instáveis.

(95) Cf. RINK, *Danskgrönland*, II, p. 250ss.

(96) Podem ser extraídas, para o Labrador, das relações dos irmãos Mo-

Estamos bem informados a respeito da expansão da tribo de Iglulik, à época de Parry, graças aos excelentes mapas esquimó que por ele nos foram transmitidos (98) e nos quais se vê como a tribo dispersa-se no verão. Esta pequena tribo não só se espalha em uma faixa costeira por mais de sessenta etapas, como ainda enxameia ao longo dos rios e dos lagos interiores; numerosas famílias, procurando madeira, passam para o outro lado da península Melville e para a terra de Baffin, chegando mesmo a atravessá-la. Quando se pensa que essas migrações sazonais são feitas pela família, que levam de seis a doze dias de caminhada, vê-se que esse modo de dispersão implica uma mobilidade extrema dos grupos e dos indivíduos (99). Segundo Boas (100), os oqomiut, ao norte da terra de Baffin, chegaram a atravessar o estreito de Lancaster por ocasião do degelo, subindo à terra de Ellesmere e chegando até ao estreito de Smith. É sempre certo que os estabelecimentos arruinados do Devon setentrional tiveram uma área de dispersão igualmente ampla, pois, para oito estações de inverno, contam-se trinta ruínas de estações de verão em uma imensa linha de costas. Os exemplos poderiam ser multiplicados. Publicamos aqui o mapa das áreas de nomadismo de três tribos da terra de Baffin.

Ao longo da costa americana (101) reproduzem-se os mesmos fenô-

RÁVIOS, *Per. Accounts*, etc., para a Groenlândia, das relações de CRANZ (livro V, e seg., *Forts.* p. 4ss.) e de Paul EGEDE *Continuation of Relationerne*, etc., Kbhvn., 1741, *Efterretninger om Grönland*, Kbhvn., 1788, p. 245, a história das dispersões e das passagens periódicas às diferentes missões durante os primeiros anos de seu estabelecimento. Não temos espaço para publicar aqui o trabalho que fizemos sobre o assunto.

(97) O mapa da pág. anterior foi construído segundo HOLM, *Oprettelsen* jantes, entre outros FRANKLIN, *Narr. Sec. Exped.*, pp. 120, 121, etc. e principais de verão, ver mapas em MIERTSCHING, *Reisetagebuch*, pp. 70-80) em *Eskimos*, p. 243, PORTER (Woolfe), *Rep. Alaska*, p. 137 ss.

(98) Mapas de Chesterfield Inlet em Repulse Bay (face p. 198, cf. p. 195).

(99) Cf. pp. 271, 278, e especialmente LYON, *Private Journal*, p. 343.

(100) A respeito das migrações das tribos da terra de Baffin e de suas áreas de nomadismo no verão, ver BOAS, *C.E.*, p. 421ss., onde a maioria dos textos encontra-se resumida.

(101) Encontrar-se-ão abundantes informações em quase todos os viajantes, entre outros FRANKLIN, *Narr. Sec. Exped.*, pp. 120, 121, etc. e principalmente nos que foram enviados à procura de Franklin, que nas suas explorações de verão, ver mapas em MIERTSCHING, *Reisetagebuch*, pp. 70-80) encontram por toda parte aldeias de inverno abandonadas, as tendas espalhadas, os acampamentos dispersos. Não podemos, por falta de espaço, indicar todas as nossas referências, aliás bem dadas por Steensby, acrescentando apenas às dele e às de Boas; HANBURY, *Sport and Travel in Northern Canada*, 1904, pp. 42, 124, 126, 127, 142, 144, 145, 176, 214, 216; TYRRELL, *Accros the*

menos, com amplitudes diferentes; o máximo atingido foi a dupla viagem comercial da tribo da ponta Barrow ao Icy Cape por um lado, para apanhar as mercadorias européias que ali chegam, atingindo Barter Island para trocá-las com os kupungmiut⁽¹⁰²⁾ do Mackenzie.

Os três deltas, os três estuários são as únicas regiões em que se encontram modalidades de dispersão que divergem um tanto do tipo normal; cada divergência, porém, deve-se a circunstâncias particulares e acidentais cuja indicação é possível. De fato, no Mackenzie⁽¹⁰³⁾, no Yukon e na Kuskokwin, encontram-se agrupamentos de verão relativamente grandes. Fala-se de 300 pessoas da tribo do Mackenzie reunidas no cabo Bathurst⁽¹⁰⁴⁾, mas tal agrupamento, na ocasião em

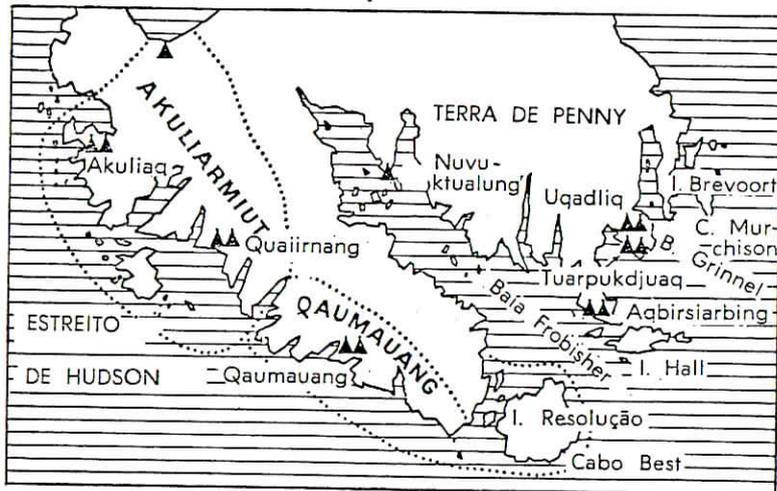


Fig. 6. — Áreas de dispersão de verão dos akuliarmiut, dos qaumaung e dos nugumiut. Os estabelecimentos de inverno estão só indicados. Dois triângulos juntos indicam os lugares extremo das tendas de verão (H.B.)

Barren, etc., pp. 105, 110, etc., a respeito das regiões menos conhecidas, entre o Chesterfield Inlet e o Mackenzie.

(102) A respeito dessas viagens, algumas vezes com duração de dois anos, ver MURDOCH, pp. 43, 45, cf. e os textos citados. Cf. SIMPSON, *Western Eskimos*, p. 243, PORTER (Woolfe), *Rep. Alaska*, p. 137ss.

(103) PETITOT, *Grands Esquimaux*, p. 28, etc., mas na maioria são assembléias de comércio, com europeus ou índios e alhures encontram-se essas mesmas tribos completamente dispersas, ex. *ibid.*, pp. 166, 179, 197. Na ilha Herschel, um grande campo de duzentas tendas (julho, 1850), em HOOPER, *Tents of the Tuski*, p. 260; cf. MAC CLURE, *North-Western Passage*, p. 92.

(104) HOOPER, *ibid.*, p. 348, cf. imagem, face p. 350; cf. RICHARDSON, *Arct. Search. Exp. I*, p. 248.

que foi observado, era simplesmente temporário⁽¹⁰⁵⁾: uma caça excepcionalmente abundante de baleias, em particular de baleias brancas, o havia determinado. Em outras ocasiões, essa mesma tribo foi vista dispersa durante o verão. Diz-se que em algumas aldeias da Kuskokwin, os iglus de inverno são ocupados no verão, mas parece que tal ocupação é apenas momentânea, verificando-se quando o grupo, que se fez ao mar para efetuar trocas, volta e se dispersa rio acima para a pesca do salmão, em seguida pela tundra, para caçar as renas e as aves que estão de passagem⁽¹⁰⁶⁾. Alhures, especialmente nas aldeias dos rios marítimos, acontece que as tendas ou as casas de inverno são colocadas, em ordem e a pequena distância umas das outras, diante das casas de inverno abandonadas⁽¹⁰⁷⁾. No entanto⁽¹⁰⁸⁾, além de a densidade da população ser então mais baixa do que no inverno, esse fato particular deve-se a um motivo igualmente particular: o grupo, tanto no verão como no inverno, observa um regime relativamente idêntico de ictiofagia; é até curioso observar que, mesmo nesse caso desfavorável, a dualidade morfológica é mantida apesar de o grupo permanecer no mesmo lugar e de terem desaparecido as razões de sua dispersão estival⁽¹⁰⁹⁾.

A dispersão de verão deve ser colocada em relação a um traço da mentalidade coletiva esquimó cuja análise permite uma compreensão melhor do que seja exatamente essa organização de verão, tão diferente da do inverno. Conhece-se o que Ratzel denominou *volume geográfico* e *volume mental* das sociedades⁽¹¹⁰⁾. O volume geográfico é a extensão espacial realmente ocupada pela sociedade considerada; o volume mental é a área geográfica que ela chega a abarcar com

(105) Fenômenos igualmente temporários explicam os grandes acampamentos observados por BEECHY, *Voy. Pac.*, I, pp. 247, 256, que estão muito próximos de outros pequenos acampamentos.

(106) A respeito dessas aldeias, ver principalmente, de preferência, a NELSON, p. 285ss. PORTER (Schanz e Weber), p. 180ss.

(107) A aldeia observada, em Hotham Inlet (NELSON, p. 261), é uma aldeia temporária de comércio.

(108) A respeito dessas aldeias, ver NELSON, p. 242ss. que restringe a existência das aldeias permanentes de verão à região da Kuskokwin.

(109) Cf. PORTER, p. 123; ELLIOT, *Our Arct. Prov.*, pp. 402, 404. Todavia, os togiagmiut, segundo JACOBSEN, *Reise*, p. 347; ELLIOT, p. 401, viviam em tendas de verão embora estivessem sob o mesmo regime dos kuskokwmiut e dos kvikkpagmiut, ikogmiut, etc. Suspeitamos, por isso, que o uso da casa e da aldeia de verão (de madeira) sejam de origem russa, nessas regiões.

(110) RATZEL, *Politische Räume, Geogr. Zeitschr.*, I, p. 163ss.; cf. *Anthropogeogr.*, I, 217ss.; *Pol. Geogr.*, pp. 263-267; cf. *An. Sociol.*, III, 565.

o pensamento. Ora, já existe um notável contraste entre as modestas dimensões de uma pobre tribo esquimó e a imensa extensão de costas pela qual ela se expande ou as enormes distâncias que as tribos centrais alcançam pelo interior das terras ⁽¹¹¹⁾. O volume geográfico dos esquimó é a área de seus agrupamentos de verão. Mas maior ainda é o seu volume mental, ou seja, a extensão de seu conhecimento geográfico. Os casos de viagens distantes, feitas em trenós antes de a neve derreter-se na primavera, feitas em umiaks no verão, pelas famílias, ou pelos indivíduos no inverno, são menos do que raras ⁽¹¹²⁾. Disso resulta, entre os esquimó, um conhecimento tradicional de países extremamente distantes, mesmo para os que não fizeram tais viagens; todos os exploradores também aproveitaram o talento geográfico de que até as mulheres esquimó são grandemente dotadas ⁽¹¹³⁾. Devemos, portanto, representar a sociedade de verão não apenas dispersa pelo espaço imenso que ela ocupa ou percorre, como ainda impulsionando para além, para muito longe, famílias ou indivíduos isolados, crianças perdidas que voltam ao grupo nativo quando chega o inverno, ou quando chega um novo verão, depois de um invernar a esmo; poderíamos compará-las a imensas antenas lançadas à frente de um organismo já por si extraordinariamente sensível.

III

As Causas dessas Variações Sazoneiras

É muito difícil encontrar todas as causas que chegam a fixar os diferentes traços dessa dupla organização, pois elas agiram no curso

(111) Ver BOAS, C.E., p. 421ss.; cf. mapa *supra*; cf. mapa em PARRY, p. 198. As grandes expedições de HALL e de Schwatka, à Boothia Felix e à terra do Rei Guilherme, de Hanbury por toda a costa ártica, foram feitas com famílias esquimó.

(112) O caso mais notável é o da viagem de pessoas da terra de Baffin ao estreito de Smith e de sua tentativa de retorno; ver RASMUSSEN, *Nye Mennesker*, 1905, p. 21ss.; cf. BOAS C.E., pp. 443, 459. As travessias de esquimó da Groenlândia ocidental para a Groenlândia meridional foram frequentes. Ver HOLM, *Ethn. Esk.*, p. 56.

(113) PARRY, p. XIII, pp. 185, 195, 198 251, 276, 513, 514, 253; cf. LYON, *Priv. Jour.*, p. 250, 160, 161, 177;; FRANKLIN (Herschel Isl.), *Second Exped.*, p. 132. Cf. PETITOT, *Grands Esqui.*, p. 73, absurdo; BEECHY, II, pp. 331, 291. SIMPSON, *Discoveries on the shores of the Arctic Sea*, etc., p. 149; MIERTSCHING, *Reisetagebuch*, p. 83; HALL, *Life with the Esqui.*, II, p. 331, p. 342; BOAS, C.E., pp. 643-648; HOLM, p. 143, *Meddel.*, X tabelas pr. XXXI (mapas de madeira).

de um desenvolvimento histórico provavelmente muito longo e de migrações de extraordinária amplitude. Gostaríamos, porém, de indicar pelo menos alguns fatores dos quais depende o fenômeno, só para mostrar que parte das causas puramente físicas e restritas está relacionada à parte que se deve a causas sociais.

Os observadores, geralmente, contentaram-se com explicações simplistas. Observam que a casa ⁽¹⁾ comum e quase subterrânea conserva de modo melhor o calor, que a presença de um certo número de indivíduos sob o mesmo teto basta para elevar a temperatura, que a aglomeração de diversas famílias economiza o combustível. Vêem, pois, nessa organização, apenas um meio de lutar contra o frio. Mas se as suas considerações têm algum fundamento, a verdade nelas contida é de todo parcial. De início, não é absolutamente exato que os esquimó habitam as regiões mais frias do mundo ⁽²⁾. Certo número deles está estabelecido em regiões relativamente temperadas, como, por exemplo, ao sul da Groenlândia e do Labrador, onde a maior oposição entre inverno e verão se deve mais à proximidade dos gelos que descem pela corrente glacial ou de *inlandsis* do que a uma real inferioridade de temperatura. Em segundo lugar, habitando em latitudes superiores e em climas continentais mais rudes do que os de seus vizinhos esquimó das costas, os índios do interior do Labrador, os montanhesees, os crees das Barren Lands ⁽³⁾, os da floresta do Alasca ⁽⁴⁾ vivem na tenda o ano todo; e não somente essa tenda tem a mesma forma da dos esquimó, como ainda a abertura do alto, que deixa passar a fumaça, que os esquimó não conhecem, torna-a muito menos eficaz contra o frio, mesmo no verão. É de admirar que os índios não tivessem aproveitado de seus vizinhos uma invenção tão útil quanto a casa; este é mais um fato a contrariar as teorias que julgam explicar uma instituição social, indicando-a como emprestada. Em terceiro lugar — e isto prova que a casa de inverno, por assim dizer, faz parte da idiossincrasia das sociedades esquimó — onde haveria razões para

(1) É sempre necessário eliminar a noção clássica da "casa ártica", que se encontra ainda em BERGHAUS, *Physikalischer Atlas*, p. 67.

(2) Ver os isotermos, mesmo de inverno, em BARTHOLOMEW, *Physical Atlas, Metereology*, mapa XVII. A suprimir porém o pólo de frio de Werchojansk (Sibéria). Cf. *Geogr. Jour.*, 1904.

(3) HEARNE, um dos primeiros exploradores, faz esta oposição, *Journey*, etc., p. 160, 162; COATS, igualmente, *loc. cit.*, p. 33; cf. PETITOT, *Grands Esqui-maux*, p. 26.

(4) Jacobsen observa precisamente a maior tolerância dos índios do Alasca, WOLDT, *Jacobsens Reise*.

alterar a forma da casa, a alteração não se produz. Assim, nos distritos arborizados do Alasca, algumas tribos que ultrapassaram a parte marítima dos rios e cujos estabelecimentos de inverno estão mais perto dos bosques do que dos sítios de caça à foca, em vez de construírem casas de madeira e de fazerem nos tetos uma abertura para libertar a fumaça, preferem comprar, e por alto preço ⁽⁵⁾ dos vizinhos que o têm, o óleo para as lâmpadas.

Uma explicação que desperta um sentimento mais vivo do problema e da sua complexidade é a que foi proposta por Steensby ⁽⁶⁾, de acordo com a qual a civilização primitiva dos esquimó teria sido do tipo índio e mais parecida com a que eles atualmente apresentam no verão; por outro lado, a forma de suas casas seria do tipo da casa dos índios do prado (dos mandan aos iroqueses); resultaria de um primitivo empréstimo e se teria desenvolvido juntamente com toda a técnica de inverno, na medida em que os esquimó se foram aproximando e depois apossando-se do oceano Glacial. Porém, não se encontra em parte alguma um sinal sequer de esquimó cuja ocupação principal tivesse sido a caça e cuja habitação única tivesse sido a tenda. Desde que foram considerados como um grupo de sociedades determinadas, os esquimó têm a sua dupla cultura perfeitamente constituída e os mais antigos estabelecimentos de verão estão sempre perto de antigos estabelecimentos de inverno. Por outro lado, é relativamente inexata a comparação entre a casa grande índia e a casa esquimó, pois não há naquela nem corredor, nem banco, nem lugares para lâmpadas — três traços característicos desta.

Afastadas essas explicações, procuremos de início como é possível explicar a concentração de inverno e a dispersão de verão.

Tivemos já oportunidade de mostrar como é forte o apego dos esquimó a seu regime de vida, por pobre que seja; eles não podem nem mesmo conceber que uma existência diferente lhes seja possível. Parece que jamais fizeram esforços para modificar sua técnica. Nem os exemplos de outros povos vizinhos, com os quais estão em contato, exemplos que se colocam sob os olhos deles, nem a perspectiva clara de uma vida melhor chegam a despertar neles o desejo de mudar. Se, como os atapaskan e os algonquin, seus vizinhos, com os quais alguns comerciam constantemente, os esquimó do norte da América tivessem adotado a raqueta para andar na neve, em lugar do calçado impermeável, poderiam, em pleno inverno, perseguir, em pequenos grupos,

(5) Ver PORTER, *Rep. Al.*, p. 103; ELLIOT, *Our Arctic Prov.*, p. 405.

(6) *Esk Kult. Opr.*, p. 199ss.; cf. p. 105, tese 2.

a caça que só podem apanhar quando está de passagem, no verão ⁽⁷⁾. Mas eles apegam-se de tal maneira à sua organização tradicional, que nem pensam em modificá-la.

Em consequência dessa técnica, que é fenômeno social, há um verdadeiro fenômeno de simbiose que obriga o grupo a viver como a sua caça. No inverno, as morsas e principalmente as focas reúnem-se em certos pontos da costa. A própria foca tem necessidade de gelo em terra para poder abrigar seus filhotes; também tem necessidade de um sítio em que o gelo da terra permaneça livre o maior tempo possível, para poder vir com facilidade respirar na superfície; e o número desses sítios, pouco fundos, praias, ilhas, cabos, é muito restrito, apesar da grande faixa de costas. Nessa época, portanto, é só nesses pontos que é possível caçá-la, principalmente em virtude do estágio em que se encontra a técnica dos esquimó. Ao contrário, quando a água se liberta, quando os leads aparecem, a foca se dispersa, vai movimentar-se no mar, no fundo dos fiordes, sobre as falésias abruptas, e os caçadores precisam dispersar-se para alcançá-la, dispersa como ela se encontra, pois é de todo excepcional encontrá-la em bando. Ao mesmo tempo, a pesca de água doce, do salmão e dos diversos salmónídeos, a caça à rena e ao cervo ⁽⁸⁾ nas pastagens altas ou na tundra dos deltas, convida à vida nômade e à dispersão na perseguição da caça. No verão, essa dispersão é tão fácil para os esquimó quanto para os índios seus vizinhos, pois então eles não têm necessidade de raquetas para marchar e para perseguir. Quanto à pesca nos rios, é praticada nas vizinhanças dos sítios onde a caça transita ⁽⁹⁾.

(7) A raqueta está em uso há muito tempo só entre os únicos esquimó da ponta Barrow, cf. MURDOCH, p. 344ss. e parece que mesmo ali foi importada. De qualquer forma, as que mencionam KUMLIEN, *Contributions*, etc., p. 42; BOAS, *E. B. L.*, p. 41, eram por certo raras e recentes, provavelmente importadas pelos baleeiros. Seu uso foi generalizado pelos europeus na Groenlândia e pelos esquimó da terra de Baffin no estreito de Smith. MAC LEAN, *Twenty five years Service*, etc. I, p. 139, relaciona precisamente à ausência de raquetas a fixação do esquimó na costa. STEENSBY fala muito imprópriamente de "Snesko", *Esk. Kult. Opr.*, p. 10, etc., provavelmente para designar o calçado impermeável. A única exceção é a dos nooatok do Alasca; mas estes têm mistura com índios e, podendo seguir a caça, vivem no interior; ora, eles têm precisamente uma morfologia quase parecida à dos cree ou dos tinneh. (Cf. WELLS e KELLY, *Engl. Esk. Dict.*, pp. 26, 27, cf. pp. 14, 15; PORTER, p. 125; NELSON, p. 18, aliás, a bem dizer, nada sabemos a respeito dessa tribo).

(8) Em 1822, a bem dizer não há verão em Igloulilik; as pessoas fazem Parry observá-lo e indicam que não se dispersam para ir à caça das renas (p. 357).

(9) A descrição precedente parece-se, em grande parte, à que é dada

Em resumo, enquanto o verão abre de modo quase ilimitado o campo da caça e da pesca, o inverno, pelo contrário, restringe-o ao máximo (10). É essa alternância que exprime o ritmo de concentração e de dispersão que essa organização morfológica apresenta. A população concentra-se ou dispersa-se como a caça. O movimento que anima a sociedade é sincrônico em relação à vida ambiental.

Todavia, por certa que seja essa influência dos fatores biológicos e técnicos, não a consideramos suficiente para explicar todo o fenômeno, pois se permite a compreensão da razão pela qual os esquimó se reúnem no inverno e se separam no verão, não explica, já de início, porque essa concentração atinge o grau de intimidade que já pudemos asinalar e que este estudo confirmará a seguir; não nos fornece ainda resposta a razão do kashim e nem do vínculo estreito que, em determinados casos, parece unir o kashim às demais casas. As habitações dos esquimó poderiam unir-se sem concentrar-se a tal ponto e sem criar essa intensa vida coletiva que teremos oportunidade de observar ao estudar os efeitos dessa organização. Poderiam ainda não ser casas grandes. Os indígenas poderiam erguer suas tendas umas ao lado das outras e protegê-las mais, ou construir pequenas casas em vez de habitarem em grupos de famílias sob o mesmo teto. É preciso não esquecer, além do mais, que o kashim, isto é, a casa dos homens, e a casa grande em que coabitam diversos troncos da mesma família, não são particularidades da vida dos esquimó, mas encontradas entre outros povos e que, por isso, não podem ser atribuídas como sendo particularidades especiais da organização característica dessas sociedades setentrionais. Devem depender, em parte, de certas características que a civilização esquimó tem em comum com outras civilizações. Quais são essas características — eis do que nos poderemos ocupar agora. O problema, por sua generalidade, ultrapassa os limites de nosso estudo. Mas o que o estágio da técnica pode

por BOAS, *C.E.*, pp. 419, 420; cf. RICHARDSON, *Polar Regions*, p. 300ss. A exceção formada pelos esquimó da ponta BARROW, que se entregam, no inverno, à caça das renas (cf. SIMPSON, *W. Esk.*, pp. 261-263; MURDOCH, p. 45ss.) confirma justamente a regra, pois é graças a suas raquetas que eles a praticam.

(10) Deixamos de lado, provisoriamente, a questão da duração dos dias e das noites árticas; a obscuridade tem por efeito a lentidão geral da vida vegetal e animal e a enorme insolação de verão, ao contrário, provoca um crescimento incomparável. Cf. a respeito desse assunto, Gunnar ANDERSON, *Zur Pflanzengeogr. der Arktis, Geogr. Zeitschr.*, 1902, VIII; O. M. RIKLI, *Die Pflanzenwelt des hohen Norden*, Saint-Gall, 1903.

explicar é só o momento do ano em que os dois movimentos de concentração e de dispersão se verificam, o tempo de duração de ambos, o modo pelo qual se sucedem e a forma clara pela qual se opõem (11).

IV

Os Efeitos

Depois de termos descrito a natureza das variações pelas quais passa, conforme as estações, a organização morfológica dos esquimó e depois de termos determinado suas causas, devemos estudar agora seus efeitos (1). Vamos procurar identificar a maneira pela qual essas variações afetam a vida religiosa e a vida jurídica do grupo. Esta não é a parte menos instrutiva do nosso tema.

1.) Efeitos na vida religiosa

A religião dos esquimó tem o mesmo ritmo da sua organização. Há, por assim dizer, uma religião de verão e uma religião de inverno, ou melhor, não há religião no verão (2). O único culto que então se pratica é o culto privado, doméstico: tudo reduz-se aos ritos do nasci-

(11) Não podemos tratar aqui, por falta de espaço, do modo progressivo e variável como se operam essa dispersão e essa desconcentração. Mas lamentaríamos não citar a descrição de Parry, do perfeito acordo, da natureza mecânica desses movimentos (p. 531). "In all their movements they seem to be actuated by one simultaneous feeling that is truly admirable".

(1) Não nos obrigaremos aqui, como fizemos em relação à morfologia, a dar um quadro de cada tipo de religião e de direito esquimó, nem a dar, para cada traço dos mores, uma lista de equivalentes para todas as sociedades esquimó bem ou mal conhecidas, nem a indicar, na falta de equivalentes, a causa da ausência de tal ou qual fato. A tarefa seria a um tempo difícil, se não impossível, e ilusória, dado o nosso tema. Basta lembrar a notável uniformidade de toda a civilização esquimó (ver, anteriormente,) e basta mostrar a extensão de alguns fenômenos principais, indicando no devido tempo os diferentes efeitos nas diversas sociedades, para que nos sintamos autorizados a concluir.

Não nos demos, igualmente, ao trabalho de oferecer um quadro das duas tecnologias de inverno e de verão, cuja oposição não é menor do que a dos direitos ou das duas religiões. STEENSBY tratou o assunto em excelentes termos, *Esk. Kult. Opr.*, p. 142ss.

(2) Estamos, naturalmente, mal informados pelos europeus viajantes (que apenas passaram pela região) ou sedentários (que não puderam seguir as migrações) a respeito dos fenômenos religiosos do verão. Eles nada indicam,

mento⁽³⁾ e da morte⁽⁴⁾ e à observância de algumas interdições. Todos os mitos que, como veremos, enchem, durante o inverno, a consciência do esquimó parecem ser esquecidos durante o verão. A vida é como que laicizada. Mesmo a magia, que, com maior frequência, é coisa puramente privada, só aparece como ciência médica muito simples⁽⁵⁾ e com um cerimonial muito reduzido.

Ao contrário, o estabelecimento de inverno vive, por assim dizer, num estado de exaltação religiosa contínua. É o momento em que os mitos, os contos são transmitidos de uma geração à outra. O mais simples acontecimento reclama a intervenção mais ou menos solene de mágicos, de *angekoks*⁽⁶⁾. O tabu mais simples é levantado através de cerimônias públicas⁽⁷⁾, por visitas a toda a comunidade⁽⁸⁾. Fazem-se, a cada momento, sessões solenes de xamanismo público para conjurar a fome que ameaça o grupo, principalmente nos meses de março a maio, quando as provisões ou desapareceram ou se encontram

mas nós, conforme fazemos, podemos induzir. Festas coletivas de verão, no Alasca (ver PORTER [Woolfe], *Eleventh Cens.*, pp. 141, 142; NELSON, p. 295), na Groenlândia, ver CRANZ, IV, 1, 5, cf. Contos, RINK, *T.T.*, pp. 125; 137ss. (em parte fantástico) são simplesmente excepcionais e devidas aos mercados. As festas de junho na ponta Barrow, MURDOCH, p. 375, Woolfe, em PORTER, p. 142, devem-se sobretudo ao fato de ali a pesca da baleia prolongar o agrupamento de inverno. Além disso, as festas parecem ser diferentes das festas "formais" de inverno, MURDOCH, p. 365.

(3) De resto, algumas vezes diferentes no inverno e no verão, cf. NELSON, p. 289 (nome provisório — unalit), cf. mais adiante o costume de Angmagssalik.

(4) Diferentes ainda naturalmente pelo número e pela natureza das pessoas e dos objetos interessados, ex. TURNER, p. 193. (Ungava); EGEDE, *Perlustr.* pp. 82, 83 (Grönland).

(5) Na sua maior parte, as sessões de *angekok* descritas relacionam-se a casas; conseqüentemente, realizam-se durante o inverno. Ver, entretanto, PARRY, p. 369, HOLM diz: "De rigtige Angekokkunster foregan kun om Vintren", *Ethn. Sk.*, p. 123 (Angmagssalik).

(6) A respeito dessas sessões na Groenlândia, ver EGEDE, *Nye Perlustr.*, 1721, p. 45; *Perlustra.*, p. 115; CRANZ, III, 5, § 39, § 41, em que se diz que a excursão do mágico pelo Torngarsuk não pode ser feita antes do outono e que é mais curta no inverno; RINK, *T. T.*, pp. 37, 60 (a grande arte parece reservar-se para o inverno); Labrador, TURNER, p. 194 ss.; Regiões centrais, BOAS, *C.E.*, p. 592ss; *E. B. L.*, 121, 128ss.; cf. 240, contos n.º 53, HALL, *Life with the Esqui.*, II, p. 319; (Mackenzie) PETITOT, *Monogr.*, p. XXIV; (ponta Barrow), MURDOCH, p. 430 ss.; SIMPSON, *West Esk.*, p. 271; Alasca, NELSON, p. 435ss.; etc.

(7) NELSON, pp. 284, 288; PORTER (Woolfe), *Rep. Alaska*, p. 149.

(8) PARRY, p. 509, cf. p. 182; HALL, *Life with the Esqui.*, II, p. 197.

em mau estado e quando a caça é incerta⁽⁹⁾. Pode-se, em resumo, representar toda a vida de inverno como uma espécie de festa contínua. Aquilo que os antigos autores relatam a respeito das danças perpétuas dos esquimó na Groenlândia⁽¹⁰⁾, danças que são em sua maioria, por certo, de natureza religiosa, é, com toda probabilidade, outra prova dessa continuidade da vida religiosa, especialmente se se tiverem em conta as dificuldades de observação-e de expressão. A consciência religiosa do grupo é mesmo levada a tal grau de paroxismo que, em diversas sociedades esquimó⁽¹¹⁾, as transgressões de caráter religioso tornam-se então objeto de uma vigilância excepcionalmente rigorosa: qualquer infelicidade coletiva — tempestade prolongada, fuga da caça, inesperado rompimento do gelo, etc. — é atribuída à transgressão de alguma interdição ritual, que deve ser confessada publicamente, para que seus efeitos possam ser atenuados. O costume da confissão pública põe em relevo o caráter de santidade que impregna toda a vida social no inverno⁽¹²⁾.

Tal vida religiosa não só é intensa⁽¹³⁾, como também apresenta um caráter muito particular, pelo qual contrasta com a vida de verão: é eminentemente coletiva. Não queremos com isto dizer simplesmente que as festas são celebradas em comum, e sim que o sentimento que a comunidade tem de si mesma, de sua unidade, nelas transparece de todas as maneiras. As festas não são coletivas apenas porque uma pluralidade de indivíduos reunidos delas participa, mas porque são atividades do grupo e porque é o grupo que elas exprimem.

O que dá destaque a esse fato é que essas festas são realizadas no kashim⁽¹⁴⁾, onde quer que ele exista. E, como se viu, o kashim,

(9) Cf. BOAS (esquimó centrais), "C. E.", p. 611, It is a busy season"; *E. B. L.*, p. 121ss., Cf. uma anedota admirável, RASMUSSEN, *Nye Mennesker*, p. 29.

(10) EGEDE, *Perlus.*, p. 85ss.; CRANZ, III, 5, § 30ss.; cf. relações de Neu-Herrnhut.

(11) A respeito da confissão, ver BOAS, *E. B. L.*, p. 128ss.; cf. PECK, em *Life of Rev. Peck*, etc., p. 63; LYON, *Priv. Jour.*, p. 375ss. indica os mesmos fatos.

(12) Daí, provavelmente, a necessidade de um *angekok* para a estação de inverno. Cf. RASMUSSEN, (Smith-Sund), *Nye Mennesker*, p. 161 e CRANZ, (Grönl. W.) *History of Greenland*, II, p. 304, n.

(13) Cf. PETROFF, *Rep. Al.*, p. 132; WELLS e KELLY, *Engl. Esk. Dict.*, p. 24; Schanz em PORTER, p. 94.

(14) O kashim é, para os nugumiut, dedicado a um espírito e tudo quanto nele se passa tem, portanto, caráter religioso. BOAS, *C.E.*, p. 601; *E. B. L.*, p. 148, cf. p. 332, conto. A palavra que na Groenlândia significa festa e

outrora, deve ter existido por toda parte, provavelmente. Ora, seja qual for a sua modalidade, o kashim é sempre e essencialmente *um lugar público*, que exprime a unidade do grupo, unidade que é tão forte a ponto de, no interior do kashim, desaparecer a individualidade das famílias e das casas particulares, que se tornam indistintas na massa total da sociedade. De fato, no kashim, os indivíduos dispõem-se não por famílias e casas, mas de acordo com as funções sociais, ainda muito indiferenciadas, que exercem ⁽¹⁵⁾.

A própria natureza das circunstâncias e dos ritos que se celebram durante essas festas expressa o mesmo caráter. É notadamente o caso da festa chamada "das bexigas", tal como é realizada no Alasca, particularmente entre os unalit da baía de São Miguel ⁽¹⁶⁾. Compreende, inicialmente, numerosas danças com máscaras, o que se faz na presença de toda a comunidade, que canta; no final, são atiradas ao mar, de um só golpe, todas as bexigas de todos os animais marinhos sacrificados por todo o grupo durante o ano todo. As almas animais, que se considera contidas nas bexigas, reencarnam em focas e morsas fêmeas. É pois a estação invernal, no seu todo, que, através de um rito único, assegura a subsistência contínua.

Outra festa observada entre os mesmos unalit ⁽¹⁷⁾, mas cujo equivalente parece encontrar-se em todos os países esquimó ⁽¹⁸⁾, é a festa

reunião, contém o radical qagse. Ver referências citadas anteriormente, p. 278, n. 66.

(15) NELSON, p. 285ss.; MURDOCH, p. 374; BOAS, *C.E.*, p. 602.

(16) NELSON, p. 368ss.; ELLIOT, *Arctic. Prov.*, p. 393ss. cf. Zogoskin em PETROFF, *Rep. Al.*; cf. PORTER (Woolfe), p. 143. WELLS e KELLY, *Engl. Esk. Dict.*, p. 24. Cf. MURDOCH, p. 434, e as reaproximações feitas em notas.

(17) NELSON, p. 358ss.

(18) PORTER (Woolfe), pp. 140, 141; JACOBSEN, festa em Igmitkok, *Reise*, ed. Woldt, p. 260 (esses dois viajantes cometem o mesmo erro e não compreendem que se trata de namesakes), Wassilieff em WRANGELL, *-Stat. Ergebn.*, p. 130ss.; ELLIOT, *Our Arc. Province*, pp. 390, 393; cf. a relação de Zagoskin em PETROFF, *Rep. Al.*, p. 130; WELLS e KELLY, *ibid.* Não temos nenhuma informação sobre a presença ou ausência desse rito na ponta Barrow. A respeito das regiões centrais até Chesterfield Inlet, estamos mal informados; ver, contudo, PETITOT, *Grands Esqui.*, pp. 156, 167 (incerto). Sobre os esquimó do centro, cf. (BOAS, *C.E.* p. 608, 610; cf. p. 628, n.º 6, *E. B. L.*, pp. 146, 148; cf. conto, p. 330, 186, HALL, *Life with the Esqui.*, II, p. 120; KUMLIEN, *Contributions*, etc., p. 48; PECK, em *The Life of Rev. Peck*, p. 41ss. (tribo do forte Churchill) p. 242 (Blacklead Isl.). — No que diz respeito à Groenlândia, só conhecemos traços de ritos; ver P. EGEDE, *Dictionarium Groenlandico Latinum*, 1758 p. 5 "Attekessiotok, dat cui quid nominis gratia", Cf. (Labrador) ERDMANN, *Eskimoisches Wörterbuch*, pp. 42, col. 2 Cf. RINK, *T. T.*,

dos mortos, compreendida por duas partes essenciais: começa-se por pedir às almas dos mortos que aquiesçam em reencarnar-se momentaneamente nos homônimos que cada morto tem em cada estação (é costume dar o nome do último morto ao último recém-nascido); depois, esses homônimos vivos que representam os mortos são sobrecarregados de presentes; os presentes são trocados entre todos os indivíduos reunidos e despedem-se as almas, que abandonam suas habitações humanas para voltar ao país dos mortos. Assim, em tal momento, o grupo não só encontra sua unidade, como vê formar-se em um mesmo rito o grupo ideal composto de todas as gerações que se sucederam desde os tempos mais recuados. Os ancestrais míticos e históricos, bem como os recentes, vêm misturar-se aos vivos e todos comungam junto através da troca de presentes.

As festas solsticiais de inverno têm a mesma importância. O rito essencial, entre os esquimó do centro ⁽¹⁹⁾ e do este, consiste, ou pelo menos consistiu, em acender e apagar *simultaneamente* todas as lâmpadas da estação. Se observarmos que o fogo era por certo aceso em uma única chama, produzida por fricção, vê-se que aí há uma espécie de culto do fogo coletivo.

Acrescente-se por fim que essas diferentes festas acompanham-se sempre e por toda parte de fenômenos muito importantes de licença sexual, a respeito dos quais teremos que voltar, a propósito do estatuto pessoal ⁽²⁰⁾. Ora, o comunismo sexual é uma forma de comunhão, talvez a mais íntima que há. Quando ele se verifica, produz-se uma espécie de fusão das personalidades individuais, umas nas outras. Eis-nos bem distanciados do estado de individuação e de isolamento em que vivem, durante o verão, os pequenos grupos familiares dispersos em vastas extensões de costas.

Essa oposição entre a vida de inverno e a vida de verão, porém,

no conto n.º 47, um rito de oferenda a uma criança que tem o mesmo nome de um morto; CRANZ, *Fortz*, pp. 110, 334.

(19) HALL, *Life with the Esqui.*, II, p. 320 (nugumiut); cr. BOAS, *C.E.*, p. 606. Segundo pensamos, o rito de extinção das lâmpadas, propagado na Groenlândia, e que, de acordo com os observadores (cf. adiante, p. 83) teria sido apenas um rito de licença sexual freqüentemente relacionado a uma sessão de angekok alado, provavelmente outrora. O acompanhamento da festa do sol sumariamente indicado por CRANZ, III, § 24, § 23. Cf. HANSEKÅKS', *Dagbog* (ed. Rink, 1901), p. 44 (qumarmiut), a propósito da troca de mulheres que se segue à extinção das lâmpadas "som Skik var over hele Kysten baade hvergang det var Nymaane og efter visse Fester" (como era uso em toda a costa, em cada lua nova ou após determinadas festas).

(20) Cf. adiante.

não se traduz somente pelos ritos, pelas festas, pelas cerimônias religiosas de toda natureza: afeta também profundamente as idéias, as representações coletivas, numa só palavra, toda a mentalidade do grupo.

Entre os oqomiut da terra de Baffin, os nugumiut da baía de Frobisher (21), no decurso de um conjunto de festas, vêem-se todas as pessoas do grupo dividir-se em dois campos. Um compreende todos os que nasceram no inverno; estes têm um nome coletivo especial, chamam-se *axigirn*, isto é, lagópedes. No outro encontram-se todos os que nasceram no verão, que são chamados de *aggim*, ou seja, de ádens. Os primeiros tomam a direção da terra, os segundos a direção da água. Cada campo puxa a ponta de uma corda e, conforme vença este ou aquele campo, vence o inverno ou o verão. Ora, esta divisão das pessoas em dois grupos, de acordo com a estação em que nasceram, não é privativa desse rito especial, sendo encontrada na base de outros costumes, entre todos os esquimó do centro. Diz-se, efetivamente, que as pessoas levam, durante toda a vida, porém mais especialmente nas festas citadas, um amuleto feito com a pele de um animal ou de um pássaro, que é o que preside seus meses de nascimento (22). Parece que há no fato a tendência de classificar as pessoas em grupos diferentes, de acordo com a estação em que nasceram, sendo que os pássaros terrestres são, provavelmente, pássaros de inverno, e os pássaros aquáticos, provavelmente, pássaros de verão (23). O que é certo é que em Angmagssalik (24), a uma enorme distância da região em que se observam esses costumes, os ritos de nascimento variam de modo muito sensível se nasce uma criança de inverno ou uma de verão. Se a criança nasce no verão, sua primeira alimentação é feita com um caldo da carne de um animal terrestre ou de um peixe de rio cozida em água doce, e com um caldo de carne de animal marinho cozida na água do mar, se a criança nasce no inverno.

Essa divisão das pessoas em duas grandes categorias parece, porém, ligar-se a uma divisão mais vasta e mais geral, que compreende todas as coisas. Sem falar de certo número de mitos nos quais se nota o conjunto das espécies animais e dos acontecimentos importantes

(21) BOAS, C. E., p. 604, cf. Ap. n. 6; E. B. L., p. 141.

(22) C. E., p. 611; cf. E. B. L., p. 140. HALL alude, *Life with the Esqui.*, II, p. 313 a um rito que consiste em apertar a cabeça da criança, após o nascimento, com uma pele de pássaro.

(23) Um texto de BOAS, E. B. L., p. 140, permite essa conjectura.

(24) HOLM, p. 91. Cf. texto obscuro, EGEDÉ, *Perlus.*, p. 81.

da natureza dividirem-se em dois grupos, um de inverno e outro de verão (25), encontramos a mesma idéia na base de uma multiplicidade de interdições rituais. Há coisas de inverno e coisas de verão e a oposição entre esses dois gêneros fundamentais é tão vivamente sentida pela consciência esquimó, que qualquer mistura entre eles é proibida (26). Nas regiões centrais, o contacto entre peles de rena (animal de verão) e peles de morsa (animais de inverno) é proibido; há até objetos diversos que podem ser empregados na caça dessas duas categorias de animais (27). Quando chega o verão, só se pode comer o caribu (animal de verão) depois de terem sido guardadas todas as vestes usadas durante o inverno e depois de vestirem-se roupas novas ou que pelo menos não chegaram a ser tocadas durante a estação de caça às morsas (28). As pequenas tendas em que os caçadores se abrigaram durante o verão devem, assim como as vestes destes, ser escondidas sob pedras; são consideradas *shongegew*, isto é, estão tabuízadas (29). Nenhuma coberta ou correia de couro de morsa deve ser levada aos lugares em que se caça a rena, sob pena de o caçador voltar de mãos vazias. Os agasalhos de inverno, caso sejam feitos com peles de caribu, devem ficar prontos antes de os homens partirem para a caça às morsas (30). Durante todo o tempo em que vivem sob o gelo,

(25) Fazemos alusão ao mito de Sedna, do qual acreditamos poder encontrar exemplos em toda a civilização esquimó e que parece ser principalmente a figura nítida destinada a explicar, a sancionar os tabus referentes aos animais marinhos e, consequentemente, entre outros, os tabus sazoneiros. A respeito desse mito, ver principalmente LYON, *Priv. Jour.*, p. 362, BOAS, C. E., p. 585 ss., E. B. L., p. 120, p. 145 ss., p. 163; cf. HALL, II, p. 321; a respeito da extensão e da origem desse mito, cf. BOAS, *The Folklore of the Eskimos*, J. Amer. Folklore, XIII, 1904; cf. nosso C. R. *Année Sociol.*, VIII, p. 349.

(26) Crenças como as que supõe o conto de Igludtsialek (Grönland, RINK, T. T., p. 150ss.) são precisamente o produto desses tabus e de um mito de Sedna perfeitamente autótone. A mulher angekok, para subir à montanha a fim de liquidar e quebrar o gelo, pede a sua "vestimenta de verão".

(27) HALL, *Life with the Esqui.*, II, p. 321; BOAS, E. B. L., p. 122; cf. TYRREL, *Accross the Subarctic of Canada*, p. 160ss.; PECK, *Life*, etc., p. 43, 122, etc.; HANBURY, *Sport and Travel*, p. 46ss., pp. 68, 87, 100 (pormenores muito interessantes; a proibição de trabalhar as peles de rena sobre o gelo de terra, as peles de foca sobre a terra, etc.).

(28) BOAS, E. B. L., p. 122; HALL, *Life with the Esqui.*, pp. 201, 202; uma aventura que aconteceu com os fundadores da missão do Labrador prova que a mesma crença ali ocorria. Cf. *The Moravians in Labrador* (Loskiel, Lond, 1825), p. 100.

(29) BOAS, E. B. L., p. 123.

(30) *Id.*, *ibid.*, p. 123 (cf. o mito e C. E., p. 587, 588). Parece, além

as pessoas não podem cuidar de nenhuma pele de caribu ou de rena⁽³¹⁾. A carne de salmão, produto da pesca de verão, não pode absolutamente ser colocada em contacto com a carne de um animal marinho, seja qual for, mesmo no estômago das pessoas. Ao contrário, o contacto com a carne da foca, animal caçado durante o ano todo e simultaneamente com os outros animais, é submetida a regras menos severas. A violação de um destes tabus imprime no transgressor uma marca que a caça vê e que se comunica contagiosamente a quem dele se aproximar. Então a caça foge e sobrevém a fome em toda a região⁽³²⁾. A instituição desses tabus requer a formação de uma classe especial de correios cuja função é anunciar a captura da primeira morsa⁽³³⁾. É o sinal de que o inverno chegou. Imediatamente cessa todo o trabalho com a pele do caribu. A vida muda completamente de aspecto.

Assim, a própria maneira como são classificados, os homens e as coisas têm o cunho dessa oposição cardeal entre as duas estações. Cada estação define todo um gênero de seres e de coisas. Ora, nós já tivemos a oportunidade de mostrar, aqui mesmo, que papel fundamental desempenham essas classificações na mentalidade dos povos. Pode-se dizer que a noção de inverno e a noção de verão são como dois pólos em torno dos quais gravita o sistema de idéias dos esquimó⁽³⁴⁾.

2.º) *Efeitos na vida jurídica*

Um sistema jurídico tem por finalidade a regulamentação das relações materiais possíveis entre os membros de uma sociedade. Trate-se de exprimir os direitos e os deveres respectivos das pessoas em relação umas com as outras (regime de pessoas), ou em relação com as coisas de que o grupo ou os indivíduos se apropriaram (regime de bens), as diversas instituições jurídicas e morais só exprimem

disso, que o mito teve diversas formas, mesmo entre os aivilik, cf. HANBURY, *Sport and Travel*, loc. cit.

(31) *Id.*, *ibid.*, p. 124.

(32) *Id.*, *ibid.*

(33) *Ibid.*, p. 122.

(34) Cf. DURKHEIM e MAUSS, *Classification primitives*, *Année Sociol.* V. Os zuñi precisamente pareceram-nos classificar as coisas, segundo duas frações, em coisas de inverno e coisas de verão. A divisão em coisas do mar e coisas da terra entre os esquimó parece-nos que coincide com a de verão e de inverno.

à consciência coletiva as condições necessárias da vida em comum⁽³⁵⁾. É, pois, de se esperar que a influência dessa dupla morfologia seja ainda mais marcante na vida jurídica esquimó do que na vida religiosa. De fato, veremos que há um direito de inverno e um direito de verão⁽³⁶⁾ ao mesmo tempo que há reação de um sobre o outro.

A família. — Não temos que fazer aqui um estudo a respeito da família esquimó, mas vamos mostrar que os principais traços da organização doméstica deles são função da dupla organização morfológica já descrita.

Sabe-se que a nomenclatura familiar é um dos meios mais seguros de descobrir os vínculos que unem os diversos membros de um mesmo grupo doméstico, internamente. Esse estudo é relativamente possível graças aos quadros, embora um tanto sumários, que DALL e MORGAN publicaram⁽³⁷⁾. Vê-se de início que há duas espécies de famílias: uma, cujo parentesco é coletivo, remonta ao tipo que MORGAN chamou de classificatório; outra em que o parentesco é individual. Na verdade, dois traços do primeiro sistema subsistem. Em linha descendente, o nome *Eng'-ota* é dado aos netos bem como aos indivíduos, consangüíneos ou adotados, que têm um parentesco mais distante, isto é, aos filhos dos sobrinhos e dos primos da geração dos filhos. Da mesma maneira, os nomes *E-tu-ah* e *Ninge-o-wa* são dados não apenas ao avô e à avó (consangüíneos ou por adoção), como ainda aos seus irmãos e às suas irmãs e a todos os parentes de sua geração. Em linha colateral, os primos em diversos graus não se distinguem de outros grupos de parentes e levam um nome

(35) Cf. DURKHEIM, *Division du travail*, *passim*.

(36) A observação desta oposição já foi feita por PARRY, p. 534, por LYON, *Priv. Jour.*, p. 250, por BOAS, *C.E.*, p. 562ss., cf. PECK, loc. cit., p. 52, por RICHARDSON, *Polar Regions*, p. 318 ss.; por GLASUNOV e WRANGELL, *Stat. Ergeb.*, p. 130 ss. (Alasca); por PORTER (Schanz), p. 106, *Rep. Alas.*, por PETROFF (generalidades), *Rep. Al.*, p. 125ss., Os livros excelentes, além disso, de RINK, *T. T.*, p. 23ss., cf. *Esk. Tr., Meddel.*, XI, I, p. 26, de NELSON, de MURDOCH não a mencionam expressamente, se bem que fornecem um considerável número de fatos que apóiam nossa teoria. Também há uma lacuna no trabalho de Steensby, que, embora vendo a oposição das duas tecnologias, não viu a das duas estruturas jurídicas da sociedade esquimó.

(37) (Grönland occidental, Cumberland Sound, Rio Churchill). L. H. MORGAN, *Systems of Consanguinity of Human Families*; Smithsonian, *Contrib. to Knowledge*, vol. XVII, Washington, 1872, p. 275s. Outra lista da Cumberland Sound foi publicada por DALL, em *Contr. to North. Amer. Ethn.*, I, p. 95ss.

que os confunde com os moradores da casa (38). Em resumo, qualquer grau de parentesco, seja uterino, seja masculino, é igual, exceto no caso dos parentes seguintes: pai, mãe, filho e filha; irmãos e irmãs do pai, irmãos e irmãs da mãe, filhos dos primeiros e filhos dos segundos. Assim, no interior de uma família muito grande, mas cujas relações de parentesco são indiferenciadas, surge outra muito restrita, em que, ao contrário, o parentesco é individualizado.

Essas duas espécies de sociedades domésticas, que a nomenclatura faz perceber, existem realmente: uma é a família de verão (39); a outra é a família de inverno. Como cada uma tem composição diferente, cada uma tem seu direito próprio.

O direito da família de verão é relativamente patriarcal. O papel predominante é nele desempenhado pelo pai, ou, como se diz em inglês, pelo *provider* (40) e pelos filhos homens já em idade de caçar. Mais do que seus chefes, eles constituem seu único fundamento. Se eles desaparecem, o desaparecimento *completo* da família resulta necessariamente; os filhos, se são jovens ainda e se não podem ser adotados em qualquer outra tenda, são abandonados à morte (41). Convém porém acrescentar que o papel da mãe não é menos essencial, pois também ela não pode desaparecer sem causar o desaparecimento de toda a família (42). Esses dois personagens são tão indispensáveis, que, mesmo que os filhos tenham atingido uma certa idade, o marido que perdeu a mulher ou a mulher que perdeu o marido tratam imediatamente de casar-se. A existência desse agrupamento, portanto, é a mais precária: ele todo repousa em uma ou duas pessoas. Verifica-se, pois, uma organização familiar muito particular e de todo característica da civilização esquimó. Em resumo, seu elemento essencial é a dúpla conjugal, como ocorre nas civilizações mais evoluídas — fato esse que é mais notável porque o vínculo conjugal é ali de uma fragilidade extrema.

(38) Cf. mais adiante.

(39) A respeito da composição da família de verão, ver principalmente RINK, *T. T.*, p. 20ss., TURNER, p. 183.

(40) O papel dos *providers* foi percebido pelos primeiros autores dinamarqueses. CRANZ, III, 3 e 4, cf. numerosos fatos em relação de 1738, 1743, etc.

(41) Ver *T. T.*, p. 28, cf. contos, p. 169, etc.

(42) Salvo se o indivíduo tem em sua companhia duas filhas solteiras. No caso de as crianças serem muito novas, deixá-las morrer parece regular (*Contra*, MURDOCH, p. 318, mas a população da ponta Barrow é, sabe-se, extremamente reduzida.

Outros traços reforçam essa fisionomia da família de verão. De início, o poder relativo do chefe da família, *igluar*, na Groenlândia (43), que tem direito de comando absoluto mesmo sobre os filhos adultos, parecendo extraordinariamente raros os casos de desobediência. É ele quem fixa os deslocamentos e as partilhas (44). Tem o direito absoluto de punir, até mesmo sua mulher, mas não o exerce abusivamente, porque se tem o direito de repudiá-la, ela, por sua vez, conta igualmente com a faculdade de abandoná-lo (45).

A organização da família paternal liga-se comumente à necessidade de descendência — e essa característica não falta à família esquimó. Tal necessidade é ali mais acentuada do que alhures. De fato, a existência de pessoas velhas sem filhos é impossível. Sem filhos homens adultos que aquiesçam em caçar para eles, especialmente no verão, os casais envelhecidos, e com mais razão as velhas viúvas, não têm com que viver (46). As últimas não têm nem mesmo o recurso do casamento ou da adoção que não se tem interesse de praticar a não ser em favor dos jovens. Essa necessidade, em alguns casos pelo menos, pode assumir uma forma religiosa. Os ascendentes sabem que, após a morte, deverão reencarnar nos corpos de seus “homônimos”, os que nascem por último na estação e o culto que se deve prestar a suas almas na pessoa desses representantes é devolvido a seus filhos. Em conseqüência, não ter filhos, legítimos ou adotivos, coloca em questão até a vida de suas almas (47).

Completamente diferente é o direito doméstico de inverno. A pequena família de verão, tão nitidamente individualizada, perde-se então parcialmente num grupo muito mais extenso, uma espécie de *joint-family* que lembra a Zadruga eslava e que então constitui a so-

(43) RINK, *T. T.*, p. 24; HOLM, p. 97.

(44) RINK, *ibid.*; TURNER, p. 190 (especialmente claro); HALL, *Life with the Esqui.*, I, p. 370; BOAS, *C.E.*, p. 545ss.; NELSON, p. 285ss.

(45) RINK, *T. T.*, p. 25; HOLM, p. 88; BOAS, *C.E.*, p. 566.

(46) Ver p. 49, n.º 2. LYON menciona ainda o fato de que a jovem viúva teria sido comum, por algum tempo, antes de deixarem-na morrer, a todos os membros da estação, *Priv. Journ.*, p. 353.

(47) Este último fato (cf. textos citados anteriormente) poderia servir para explicar outro, muito curioso e até mesmo desconcertante à primeira vista: é a absoluta independência da criança e mesmo o respeito que por ela têm os pais. Eles jamais lhe batem e até obedecem às ordens dela. É que a criança não é apenas a esperança da família, no sentido que hoje se daria a essa expressão; é o ancestral reencarnado. No interior da família de verão, restrita, isolada e autônoma, ela é como o pólo para o qual convergem as crenças e os interesses.

cidade doméstica por excelência: é o grupo que ocupa o iglu ou a casa grande em comum (48).

É certo que há, entre os indivíduos que assim moram sob o mesmo teto, não só relações econômicas, como vínculos morais propriamente ditos, relações de parentesco *sui generis* que se revelam já pela nomenclatura (49). De início, há um nome para designar esse gênero de parentes: eles são *igloqā atigit* (50) (parentes de casa), palavra que os observadores ingleses e dinamarqueses traduzem muito bem por *Husfoeller* e *housemates* e que designa também *todos os primos*. Está formalmente atestado que o conjunto desses *housemates* forma o círculo de parentesco mais próximo do indivíduo, depois de sua família restrita (51). Além disso, onde se encontra o tipo de casa que nos parece o mais primitivo, o grupo que a ocupa é de fato composto de consangüíneos e aliados. Em Utiakwim (52) (ponta Barrow), assim, malgrado o estado de desintegração a que chegou a sociedade, uma casa grande compreendia um homem, sua mulher e sua filha adotiva, dois filhos casados, cada qual com sua mulher e um filho, uma irmã viúva com seu filho e sua nora e uma neta. Alhures (53), os quadros quase genealógicos que possuímos mostram que os princípios pelos quais a casa é recrutada são sensivelmente os mesmos.

Um fato bem característico desse parentesco especial é a proibição de casamento entre *housemates*; pelo menos, a proibição parece ser a regra, pois, de um lado, é geralmente proibido o casamento entre primos-irmãos (54) e sabe-se que eles têm o mesmo nome dos

(48) A aproximação entre o regime moral da casa grande esquimó e o da casa índia foi pela primeira vez feita por RINK, *Esk. Tr. Meddel*, XI, p. 23. Cf. TYRREL, *Accross the Subarctics of Canada*, 1898, p. 68.

(49) Cf. MORGAN, citado anteriormente.

(50) Cf. RINK, *Esk. Tr.*, p. 93ss. com os equivalentes, cf. P. EGEDE, *Dictionarium*, etc., s. v. iglu, p. 32; KLEINSCHMIDT, *Grönlandsk Ordbook*, s. v. igldo, p. 75; ERDMANN, *Eskimoisches Wörterbuch*, pp. 52, 63; PETITOT, *Monographie*, p. XLIII; cf. EGEDE, *Nye Perustration*, 1.^a ed., 1725, p. 45.

(51) RINK, II, p. 9, 26; PETITOT, *Monographie*, p. XXIX.

(52) MURDOCH, p. 75.

(53) JACOBSEN, *Reise*, pp. 240, 241. (Na maioria, os "meilagers" são pessoas adotadas pelo quase-chefe, Isaac.) Ver uma descrição da família de inverno, HOLM, p. 66, tabela XXIII, cf. p. 95 para os nomes e genealogias.

(54) *T. T.*, p. 25. Cf. EGEDE, *Perlus.*, p. 79; CRANZ, III, 2, § 13; HOLM, pp. 85, 94; TURNER, pp. 188, 189; BOAS, *C.E.*, p. 579. — *Contra*, v. LYON, *Priv. Jour.*, p. 252, 354; WELLS e KELLY, *Engl. Esk. Dict.*, p. 22 (por certo inexatos; talvez façam alusão às licenças sexuais).

housemates, que em geral são irmãos e irmãs e descendentes dos irmãos e irmãs que vivem juntos no inverno. Desse modo, no que é apenas uma interdição entre parentes, é possível que tenha havido erros de observação e, de outro lado, na Groenlândia, a interdição de casamento entre indivíduos criados na mesma casa está bem definida (55). Os próprios textos que nos dão conta desse fato (trata-se justamente dos textos mais antigos) parecem identificar de modo singularmente estreito o parentesco entre primos-irmãos com o dos habitantes de uma mesma casa. Há uma espécie de fraternidade especial que empresta um caráter incestuoso (56) às uniões sexuais entre membros de um mesmo iglu. É verdade que dois fatos parecem contradizer a regra de direito que acabamos de expor. Nelson diz formalmente que entre os unalit da baía de Saint-Michael (57) há casamentos entre primos-irmãos e Holm menciona exceções muito freqüentes ao costume de tomar esposa fora da casa, em Angmagssalik (58). Não se pode, porém, perder de vista que em Angmagssalik a confusão da casa grande com a estação de inverno (cada estação só compreende uma casa) altera essa organização no que tem de mais essencial. O caso é muito excepcional e a sua não conformação estrita à regra não causa surpresa. Como toda a estação mora sob o mesmo teto, é evidentemente necessária a permissão de casamento entre coabitantes e que, em consequência, o princípio da proibição caduque. Por outro lado, os primos-irmãos de que Nelson fala podem muito bem pertencer a casas diferentes, isto é, a estações diferentes (59). Como se trata justamente da única tribo em que foi cons-

(55) De EGEDE a HOLM, p. 194, todos os autores dinamarqueses empregaram o termo "sammenbragde", cf. EGEDE, *Nye Perustration*, 1.^a ed., que acrescenta, o que não é feito pelos seguintes "in dit saadan Huse", *Perlus.*, p. 79. Um conto fala, porém, *T. T.*, p. 291, de um irmão adotivo que teria desposado sua irmã adotiva, na Groenlândia, mas a adoção fora recente e as crianças não haviam sido criadas junto.

(56) Os primos são aliás freqüentemente considerados irmãos e irmãs na ponta Barrow, MUR., p. 421.

(57) NELSON, p. 291.

(58) Pode-se de fato extrair do quadro genealógico de HOLM, p. 95, o fato de os primos, Angitinguak (♂), Angmalilik (♂), Kutuluk (♀), Nakitilik (♀) serem todos casados com pessoas de seus estabelecimentos e de seus filhos casarem-se igualmente no estabelecimento em que se encontrassem fixados.

(59) NELSON, p. 291.

tatada a existência de uma espécie de clã totêmico⁽⁶⁰⁾, esses primos que podem casar-se são talvez os membros de dois clãs que entre si têm o *connubium*.

Porque se compõe diferentemente da família de verão, essa grande família de inverno organiza-se também de outro modo. Não tem qualquer caráter patriarcal. Seu chefe⁽⁶¹⁾ não é designado pelo nascimento, e sim por características pessoais. É geralmente um velho, bom caçador ou pai de um bom caçador, ou um homem rico, freqüentemente dono do umiak, um *angedkok*, mágico. Seus poderes não são muito extensos: suas funções são a de receber os estrangeiros, a de distribuir os lugares e fazer as partilhas. Para resolver as questões internas, é ele quem é procurado. Mas seus direitos sobre seus companheiros são, realmente, bastante limitados.

Além desse círculo familiar já bastante extenso, há outro, que surge no inverno, mas só no inverno: o da estação. É possível, por isso, perguntar se a estação não constitui uma espécie de família grande, ou, numa palavra, um clã⁽⁶²⁾.

É já notável que todos os habitantes de uma mesma estação sejam designados por um nome especial que testemunha, entre eles, a existência de vínculos morais muito particulares. Os autores dinamarqueses traduzem esse nome por *Bopladsfaeller, place-fellows*⁽⁶³⁾. A seguir, a existência do kashim entre todos os esquimó (salvo entre os da Groenlândia e os do Labrador, onde por certo ele existiu) prova que todos os homens da estação formavam uma sociedade *una*, entre cujos membros há uma real fraternidade⁽⁶⁴⁾. Enfim, o fato de, em Angmagssalik, a casa confundir-se com a estação de inverno, mostra quanto o parentesco da casa grande está próximo do que une as diferentes famílias associadas na estação invernal. E se for admitida nossa hipótese de que, onde não se verifica essa con-

(60) A respeito do clã totêmico unalit e sua exogamia, ver NELSON, p. 322ss.

(61) RINK, *T. T.*, pp. 25, 26, a existência de chefes de casa propriamente ditos só é verdadeiramente apontada no norte do Alasca. Cf. SIMPSON, *Western Eskimos*, p. 272; MURDOCH, p. 429; PETROFF, *Rep. Al.*, p. 125; PORTER (Woolfe), *Rep. Al.*, p. 135.

(62) A respeito desse ponto, ver RINK, *Esk. Tr.* p. 22, cf. II, p. 26, p. 54. Cf. CRANZ, *Forsetzanz*, 1770, p. 329.

(63) *Munagatigit* en Grönlandais, cf. RINK, *Esk. Tr.*, suppl. *Meddel*, XI, p. 93, sec. 29 e os dicionários *ad verba*.

(64) Aliás reforçada pelo perpétuo banquete comunal que é a vida no kashim ou nos iglus de inverno.

fusão, as diferentes casas foram, sem dúvida, na origem, estreitamente ligadas entre si e ao kashim⁽⁶⁵⁾, a observação precedente terá alcance ainda mais geral.

Seja qual for a natureza desse fato particular, tudo, no regime moral da estação de inverno, prova que os indivíduos ali se encontram como que imersos numa atmosfera familiar. A estação não é um simples conjunto de casas, uma unidade exclusivamente territorial e política: é também uma unidade doméstica, em que os membros estão unidos por um vínculo muito forte e real de afeto, inteiramente análogo ao que, em outras sociedades, une as diferentes famílias de um mesmo clã. O direito da estação não é apenas a soma dos direitos próprios de cada casa: é um direito *sui generis*, que lembra o dos grandes agrupamentos familiares.

A maioria dos observadores⁽⁶⁶⁾, dos mais antigos até Nansen, que transformou suas observações em ditirambo, surpreenderam-se com a doçura, a intimidade, a alegria geral que reinam numa estação esquimó. Uma espécie de bondade afetuosa parece espalhar-se sobre todos, os crimes parecem ser relativamente raros⁽⁶⁷⁾, o roubo é quase inexistente e, de resto, devido ao direito de propriedade, há poucas oportunidades de cometê-lo⁽⁶⁸⁾. O adultério é quase desconhecido⁽⁶⁹⁾.

Um dos traços característicos do clã é a indulgência extrema que nele se tem para com as faltas ou os crimes cometidos por seus membros: as sanções são principalmente morais. Pois essa mesma indulgência é encontrada na estação esquimó⁽⁷⁰⁾. Quando ali ocorre, o

(65) Ver anteriormente.

(66) EGEDE, *Nye Perustration*, 1.^a ed., p. 37; *Perustr.*, p. 91; CRANZ, III, 3, § 20; DALAGER, *Grönlandske Relationer*; COATS, *loc. cit.*, "gentile and sociable", anteriormente, p. 34, n. 1, PARRY, pp. 500, 533 (trata a um tempo do regime moral da estação de inverno e do da casa grande de inverno). LYON, *Priv. Jour.*, p. 530; WRANGELL (Wassilieff e Glasunov), *Stat. Ergeb.*, p. 129. Só citamos os autores mais antigos, tornando-se depois as observações completamente diferentes no estilo. Cf. NANSEN, p. 293ss., p. 138ss. e *passim*.

(67) Cf. principalmente CRANZ, III, 4, § 28. Uma espécie de quadro histórico dos fatos diversos no Alasca, em 1881, 1882, é dado por NELSON, p. 301s.

(68) RINK, *T. T.*, p. 34.

(69) Ex. MURDOCH, p. 420, cf. SIMPSON, *West Esk.*, p. 252; PARRY (Iglulik), p. 529; Woolfe em PORTER, *Rep. Alaska*, p. 135; WELLS e KELLY, *Engl. Esk. Dict.*, p. 19. O fenômeno da fidelidade matrimonial parece contraditório a estes últimos autores, por causa do costume de trocar as mulheres, mas não há contradição.

(70) RINK, *T. T.*, p. 34ss; *Esk. Tr.*, p. 24; NELSON, p. 293; Schanz em

homicídio é freqüentemente considerado acidental⁽⁷¹⁾. Os indivíduos que se tornam perigosos pela violência são considerados loucos e, se se chega a matá-los, são mortos em razão de serem considerados loucos⁽⁷²⁾. A única sanção que se aplica no interior da estação é, pelo menos na Groenlândia, de uma verdadeira bonomia: trata-se do famoso "duelo cantado", uma dança ao som do tambor⁽⁷³⁾ durante a qual, alternadamente, em versos rimados e em refrãos, os dois adversários, o queixoso e o que se defende, cobrem-se de injúrias, até que a capacidade de invenção de um lhe assegure vitória sobre o outro. O aplauso dos assistentes é a única recompensa e sua censura a única penalidade que resultam desse julgamento singular⁽⁷⁴⁾. A estação de inverno esquimó responde, pois, maravilhosamente, à definição árabe do clã: *lugar onde a vingança sangrenta não se verifica*⁽⁷⁵⁾. Mesmo os crimes públicos são geralmente objeto de apenas penalidades morais. Afora a magia maléfica⁽⁷⁶⁾, que geralmente é atribuída às pessoas de uma estação vizinha⁽⁷⁷⁾, acreditamos que ali não haja crimes sancionados de outra maneira. Até as graves trans-

PORTER, *Rep. Al.*, p. 103; BOAS, *C.E.*, p. 582; *E. B. L.*, p. 116; PECK, *The life of Rev. Peck*, p. 32.

(71) RINK, *T. T.*, p. 35, 36. Diz-se expressamente que a ameaça de um "housemate" não comporta vingança de sangue (porém, *contra*, numerosos contos, de n.ºs 30, 38 etc.). Cf. HANBURY, *Sport and Travel*, p. 46. TYRREL menciona uma regra (Labrador? Cherterfield Inlet?) que obrigaria o assassino a adotar simplesmente a família da vítima, *Accross*, etc., p. 170; cremos que tenha havido uma confusão com o costume índio. Todavia, ver BOAS, *E. B. L.*, p. 118, um fato que poderia ter gerado o erro.

(72) Ver ex. em contos, RINK, *T. T.*, n.º 22. Angutisugssuk, etc., BOAS, *E. B. L.*, embaixo, p. 72.

(73) EGEDE, *Nye Perlustration*, 1.ª ed., p. 43; *Perlustr.*, p. 86; CRANZ, III, 3 § 23; RINK, *T. T.*, pp. 33, 67; HOLM (Angmagssalik), p. 157ss., contos, n.º 47s.; RASMUSSEN (cabo York e estreito de Smith) *Nye Mennesker*.

(74) Cf. STEINMETZ, *Studien zur Ersten Entwicklung der Strafe*, Leiden, 1896, II, p. 67. Segundo TYLOR, *Scandinavian Culture*, etc., *Jour. Anthr. Inst. Gr. Br.*, XIII, p. 268, os cantos seriam de origem escandinava. É possível. Mas é difícil sustentar que a censura pública exercida no Alasca (cf. NELSON, p. 293) e que chega mesmo a executar a sentença, seja de origem européia. Ora, uma instituição semelhante pode muitíssimo bem gerar a instituição groenlandesa. Por outro lado, ela tem outros equivalentes propriamente esquimó; ex. (Forte Churchill) em FRANKLIN, *Narrative of a second Voyage of the Shores*, Lond., p. 182, etc., p. 197; Cf. TYRREL, *Accross*, etc., p. 132, GILDER, *Schwatkas' Search* p. 245.

(75) Cf. CRANZ, III, 4, § 33.

(76) RINK, *T. T.*, pp. 34, 35; HOLM, p. 58; cf. NELSON, p. 430.

(77) RINK, *ibid.*

gressões das interdições rituais, entre as quais algumas julga-se que ameaçam toda a vida da sociedade⁽⁷⁸⁾, só são punidas, nas regiões centrais⁽⁷⁹⁾ pelo reconhecimento, pela confissão e pelas penitências impostas. Essa extrema doçura do sistema repressivo é a prova da intimidade familiar que reina no interior do grupo.

Essa intimidade opõe-se da maneira mais clara ao isolamento que as estações vizinhas observam umas em relação às outras. Os *place-fellows* tinham o dever de vingar seus mortos quando o agressor pertencia a outra localidade⁽⁸⁰⁾. Pelo menos os contos falam abundantemente de prolongadas *vendettas* praticadas de uma para outra estação na Groenlândia⁽⁸¹⁾. Fala-se também que, outrora, em quase toda a extensão da terra de Baffin e a nordeste da baía de Hudson, houve verdadeiras guerras⁽⁸²⁾. Na Groenlândia oriental, segundo Holm e Hanserâk, ter-se-ia mesmo verificado uma espécie de hostilidade e de constante desprezo entre as estações dos diferentes fiordes⁽⁸³⁾. As cerimônias de recepção ao estrangeiro na Groenlândia⁽⁸⁴⁾, na terra de Baffin e na do rei Guilherme⁽⁸⁵⁾ e, outrora, no Alasca⁽⁸⁶⁾, compreendiam regularmente sessões de luta. Pretende-se mesmo, sem dúvida com exagero, que, quando um grupo fazia visita a uma estação vizinha, o duelo regulamentado ou o jogo violento⁽⁸⁷⁾ que se estabelecia entre dois campeões escolhidos, terminava com a morte de um dos combatentes.

Mas o que estabelece mais claramente que há um verdadeiro parentesco entre os membros da mesma estação, é o costume da troca

(78) BOAS, *E. B. L.*, p. 121ss.; ver, porém, uma anedota, em RASMUSSEN, *Nye Mennesker*, p. 31 (jovem *angekok* da terra de Baffin abandonada pelo pai por violação de tabu, não confessada).

(79) BOAS, *loc. cit.*

(80) RINK, *T. T.*, p. 34; NELSON, p. 291ss., ver um rito notável, WELLS e KELLY, *Engl. Esk. Dict.* (de declaração de guerra?), p. 24, WRANGELL, *Stat. Ergebn.*, p. 132 (Wassilieff).

(81) RINK, *T. T.*, p. 35, cf. contos, pp. 235, 174, 175; p. 206, 207, cf. p. 211; *contra*; pp. 357, 358, Cf. SCHULTZ LORENTZEN, *Eskimoernes Indvandring, Meddel. Gr.*, 1904, XXVI, p. 320 (tribos do norte contra tribos do sul).

(82) BOAS, *C.E.*, p. 465; *E.B.L.*, p. 116, n.º 72ss.; KUMLIEN, *Contributions*, p. 12; KLUTSCHAK, p. 228.

(83) HOLM, *Ethn. Sk.*, p. 87; *Kanserâks Dagbog*, p. 45.

(84) RINK, *T. T.*, p. 157, contos n.º 39, 40.

(85) BOAS, *C.E.*, *loc. ult. cit.*, *E. B. L.*; *loc. ult. cit. C.E.*, p. 609; cf. KLUTSCHAK, p. 67ss. SCHWATKA, em *Science*, IV, 98, 545.

(86) NELSON, p. 294ss.

(87) BOAS, *C.E.*, p. 609; *E. B. L.*, p. 609; cf. contos, em RINK, *T. T.*, pp. 211, 226 (fim sangrento de um jogo de bala).

de mulheres⁽⁸⁸⁾, assinalado em quase todas as sociedades esquimó. Essas trocas verificam-se no inverno, entre todos os homens e todas as mulheres da estação. Em certos casos, por exemplo na Groenlândia ocidental, a troca restringia-se outrora⁽⁸⁹⁾ aos pares casados, mas a regra geral é que todos os indivíduos casadouros intervenham. Ordinariamente, essa prática liga-se às festas coletivas de inverno⁽⁹⁰⁾, mas algumas vezes, não obstante, ela tornou-se independente, notadamente na Groenlândia. Ali, pelo menos nas regiões que não sofreram a influência cristã, esse velho costume sobrevive integralmente. Em certo momento, as lâmpadas são apagadas e ocorrem verdadeiras orgias⁽⁹¹⁾. Estamos mal informados sobre se há mulheres determinadas que são atribuídas a homens determinados⁽⁹²⁾, com exceção de dois casos, que são, porém, os mais típicos. Nas festas mascaradas de Cumberland Sound⁽⁹³⁾, das quais já falamos, uma das máscaras, que representa a deusa Sedna, emparelha os homens e as mulheres sem considerar

(88) A respeito da generalidade da troca de mulheres entre os esquimó, ver RICHARDSON, *Polar Regions*, p. 319; MURDOCH, p. 413.

(89) EGEDE, *Perlustr.*, p. 78; Paul EGEDE, *Dictionarium* na palavra Mal-liserpok, p. 100. Se Cranz não fala desse costume em sua descrição, isto se deve a suas tendências apologéticas, mas menciona uma "extinção de lâmpada" para a caça à baleia (III, 5, 43), e na relação das missões encontraríamos outros traços, ex. em 1743, *Hist. of Green.*, ed. ingl. II, p. 70. É notável que Rink não fale a respeito e nem tenha deixado um conto que se relacione propriamente ao assunto, salvo, talvez, o conto, universal entre os esquimó, do sol e da lua, *T. T.*, p. 326, incesto que nas versões para nós mais primitivas, passa-se sempre em um kashim e, naturalmente, por ocasião das cerimônias de extinção das lâmpadas. Cf. bibliografia desse conto em BOAS, *E. B. L.*, p. 359; acrescentar: THALBITZER, *A Phonetical Study*, p. 275, muito importante, prova que a cena passa-se conforme dizemos; RASMUSSEN, *Nye Mennesker*, p. 194.

(90) Ver anteriormente, cf. PETITOT, *Grandes Esqui.*, 166; PECK, *The life, etc.*, pp. 55, 242; depois de cada cerimônia de angekok (Kinipetu); BOAS, *E. B. L.*, pp. 158, 139; KLUTSCHAK, p. 210; TURNER, pp. 200, 178. A única exceção provável é a tribo da ponta Barrow, onde MURDOCH procurou inutilmente (quem sabe insuficientemente?) esse fato, ver p. 375. O costume de troca temporária é em todo caso ali praticado e MURDOCH aproxima-o do comunismo sexual, p. 415.

(91) As proibições de relações sexuais entre consanguíneos parece que são respeitadas (HOLM, p. 98, e cf. o conto citado, da lua e do sol).

(92) WRANGELL, *Stat. Ergebn.*, fala do modo como as mulheres velhas se oferecem (baixo Yukon) em virtude de parentescos distantes. Mas o fato talvez seja o mesmo que o citado adiante.

(93) HALL, *Life with the Esqui.*, II, p. 323; PECK, *Life of Rev. Peck*, etc. p. 41; BOAS, *loc. cit.* anteriormente, pp. 82 e 83.

seu parentesco, mas unicamente seus nomes. Deve-se entender por isso que homens e mulheres unem-se como outrora se uniam os ancestrais míticos, dos quais os indivíduos atuais trazem os nomes e são os representantes vivos. O mesmo fato é registrado no Alasca⁽⁹⁴⁾ e parece que é indicado alhures. Em tal momento, assim, toda a organização da família restrita e das pessoas que a casa reúne desaparece com a sua regulamentação ordinária das relações sexuais: perdem-se todos esses grupos particulares no grupo total que forma a estação e cuja organização mítica, reconstituída temporariamente, apaga as demais. Por um instante, pode-se dizer, o clã, em todo seu amorfismo⁽⁹⁵⁾, aborveu a família.

Além dessas trocas gerais que ocorrem entre todos os membros do grupo e que são antes ritos sexuais, há outras, mais ou menos permanentes, que se fazem entre particulares, por razões particulares⁽⁹⁶⁾. Algumas são praticadas na casa de inverno⁽⁹⁷⁾, outras são contratadas antes da dispersão de junho⁽⁹⁸⁾, à entrada do verão; as últimas acompanham-se de uma troca de presentes⁽⁹⁹⁾. Mas tanto umas quanto as outras parece que só se verificam entre pessoas da mesma estação. No estreito de Smith⁽¹⁰⁰⁾, são numerosas durante os primeiros anos de casamento e só podem efetuar-se entre indivíduos determinados⁽¹⁰¹⁾; operam-se mais tarde, por curtos períodos, entre quaisquer membros dessa espécie de "família única"⁽¹⁰²⁾ que é a tribo do Cabo York. O Alasca é a única região em que as trocas entre habitantes de estações diferentes são assinaladas⁽¹⁰³⁾. A ex-

(94) NELSON (Ikogmiut), p. 379, cf. p. 494.

(95) Aliás, a troca momentânea volta do mesmo modo a este último ponto de vista, cf. MURDOCH, p. 419; cf. PORTER, p. 39.

(96) Ver PORTER, *Alaska*, p. 103 (Weber); WELLS e KELLY, *Engl. Esk. Dict.*, p. 19, MURDOCH, p. 413; PARRY (Anedota do angekok Toolemak), p. 300; LYON, *Journ.*, p. 354 (fala da troca de irmãs, bem possível), etc.

(97) Ver LYON, *loc. cit.*

(98) PARRY, p. 530; MURDOCH, pp. 413, 419; BOAS, *C.E.*, p. 579; KUMLIEN, *Contrib.*, p. 42; PECK, *loc. cit.*, p. 55.

(99) O angekok parece mesmo ter um direito particular (anedota de PARRY, p. 300, cf. TURNER, p. 200).

(100) PEARY, *Northward over the Great Ice*, I, p. 497; KROEBER, *The Eskimos of Smith Sound*, p. 56.

(101) PEARY, *ibid.*; RASMUSSEN não menciona esse pormenor no seu excelente quadro de troca de mulheres, *Nye Mennesker*, p. 64.

(102) KANE, *Arctic Explorations*, II, p. 221.

(103) NELSON, p. 493; PORTER, *Alaska*, p. 103 (naturalmente não exclusivos desses fatos no interior da estação, e que de resto levam aos mesmos direitos), cf. WELLS e KELLY, *Engl. Esk. dict.*, p. 29.

ção, porém, confirma a regra. De fato, os homens que procederam a essas trocas tornam-se irmãos adotivos, as mulheres trocadas são consideradas irmãs e o mesmo acontece com todas as crianças nascidas dessas uniões (104). As relações que assim se estabelecem são em todos os pontos idênticas às que decorrem do parentesco natural (105). Eis uma nova prova de que os grupos em que se pratica o comunismo sexual são grupos de parentes, pois, mesmo ocorrendo entre estranhos, ele cria um vínculo de parentesco.

Definitivamente, a única característica do clã que falta à estação é a exogamia. É verdade que Nansen (106) acreditou que as estações de Angmagssalik eram uns tantos clãs exogâmicos, mas, infelizmente, a observação parece fundamentada unicamente nas informações de Holm, que se referem não à estação, mas à casa. Além disso, outros documentos de Holm, entre os quais o quadro genealógico de uma família que tem representantes nas diversas estações desse fiorde, prova que é bem possível o casamento no interior da estação em que se habita (107). É verdade que o casamento poderia ser proibido entre todos os indivíduos originários da mesma estação e permitido somente quando se habita uma estação que não é aquela em que se nasceu. Todavia, é notável que o único autor a falar do clã propriamente totemico entre os esquimó não mencione a exogamia (108).

Assim, sob o aspecto da vida doméstica como sob o aspecto da vida religiosa, o contraste entre o inverno e o verão é tão pronunciado quanto possível. No verão, a família do esquimó não é maior do que a nossa família atual. No inverno, esse pequeno círculo familiar é absorvido em agrupamentos muito maiores; é um outro tipo doméstico que se forma e que toma primazia; é a grande família da casa grande, é essa espécie de clã que é a estação. Dir-se-ia que se trata de dois povos diferentes e poder-se-iam classificar os esquimó em

(104) NELSON, *ibid.*

(105) Os mesmos termos são empregados só por aqueles que designam o parentesco natural na Groenlândia. E os recenseadores americanos pensam que a mistura dos sangues e dos direitos é de tal maneira perfeita que é quase impossível o estabelecimento de genealogias.

(106) *Eskimoleben*, p. 146, cf. p. 204, n.º 1. Cf. uma informação obscura de KLUTSCHAK, p. 234.

(107) Cf. anteriormente.

(108) Nelson não fala, de fato, a propósito dos unalut. É notável que nas festas mascaradas das tribos vizinhas (ahpokagamiut, ikogmiut), as trocas de mulheres são feitas sem exceção de parentesco. PORTER, *Rep. Al.*, p. 103; NELSON, p. 379.

duas rubricas se se considerassem apenas essas duas estruturas jurídicas da sociedade deles.

3.º) *Efeito no regime dos bens*

Os direitos reais talvez estejam sujeitos a variações sazonais ainda mais importantes do que os direitos e os deveres pessoais, o que acontece por dois motivos. De um lado, as coisas em uso variam com as estações; o material, os objetos de consumo são completamente diferentes no inverno e no verão. Em segundo lugar, as relações de interesse que se estabelecem entre os indivíduos não variam menos em número e em natureza (109). A uma dupla morfologia e a uma dupla tecnologia corresponde um duplo direito de propriedade.

No verão, os indivíduos e as famílias restritas vivem isolados em suas tendas; além do mais, reúnem-se em acampamentos provisórios; a caça não é feita em comum, salvo a caça à baleia, e cada ousado pescador ou caçador aventureiro leva sua presa para a sua tenda ou guarda-a em seu "esconderijo" sem ter que dar satisfação a alguém (110). O indivíduo assim se diferencia tanto quanto a pequena família. Vêem-se também constituir-se nitidamente dois âmbitos para as coisas, e apenas dois: um compreende as coisas de que o indivíduo se apropria; o outro compreende as coisas de que se apropria o pequeno grupo familiar (111).

Os bens individuais são: as vestes e os amuletos; a seguir, o kayak e as armas, que naturalmente os homens possuem com exclusividade. A mulher geralmente tem como propriedade a lâmpada (112) da família, as vasilhas de esteatita e o conjunto de utensílios. Todos esses objetos domésticos estão ligados de modo mágico-religioso à

(109) Cf. RINK, *T. T.*, p. 28.

(110) Cf. CRANZ, III, 3, § 22; *C.E.*, p. 577.

(111) A respeito de tudo quanto segue e que diz respeito mais à Groenlândia, cf. DALAGER, *Relationer*; EGEDÉ (menos preciso), *Perlus.*, p. 81; CRANZ, III, 3, 25, segundo Dalager; RINK, *T. T.*, p. 10ss.. Parece que os autores dinamarqueses referem-se todos a uma codificação feita uma vez por Dalager, Egede e os irmãos morávios, na origem dos estabelecimentos europeus, CRANZ, X, § 4, § 5, § 6 (cf. relações de Neu Herrnhut 1746, 1750); CRANZ, *History of Greenland*, II, p. 88, 142; NORDENSKIOLD, *Den Andra Dicksonska Expedition*, p. 500ss. e NANSEN, *Eskimoleben*, p. 106, só reproduzem os dados de outros autores dinamarqueses.

(112) Em todo caso, ela a leva em caso de divórcio, entre os esquimó centrais e ocidentais.

peessoa ⁽¹¹³⁾. Repugna emprestá-los, dá-los ou trocá-los uma vez que foram usados ⁽¹¹⁴⁾. São enterrados com o morto ⁽¹¹⁵⁾. Alguns, especialmente as armas, levam, no Alasca e possivelmente por toda parte, marcas de propriedade ⁽¹¹⁶⁾ que têm uma dupla função: permitem o reconhecimento e mantêm neles uma parte do poder mágico de seus donos ⁽¹¹⁷⁾. De qualquer maneira, a coisa faz parte do indivíduo, que dela não se separa, em caso de venda ou de troca, antes de haver conservado um seu pedaço ⁽¹¹⁸⁾, ou de a haver lambido ⁽¹¹⁹⁾. Graças a essa precaução, pode separar-se dela sem temer que o comprador exerça sobre ele, por meio dela, um poder maléfico. É notável que essa identificação rigorosa entre a pessoa e a coisa se restrinja aos objetos de fabricação esquimó ⁽¹²⁰⁾.

Os bens que pertencem à família restrita são mais limitados. Esta não possui nenhum imóvel e só é proprietária de um pequeno número de objetos móveis. Até a lâmpada é, de preferência, propriedade da mulher ⁽¹²¹⁾. Esse grupo só é dono da tenda, das cobertas e do trenó ⁽¹²²⁾. O barco das mulheres, o umiak, no qual é transportada a tenda e com a ajuda do qual se fazem as migrações de verão e a caça aos grandes cetáceos, talvez seja da mesma categoria, mas talvez pertença mais propriamente às famílias agrupadas no in-

(113) RINK, T. T., p. 30; HOLM, p. 118, NELSON, p. 137.

(114) CRANZ, III, 3, § 25.

(115) Não encontramos exceção a esta regra em todos os autores que trataram dos esquimó. Abstemo-nos, por isso, de fornecer as referências.

(116) A respeito das marcas de propriedade e sua extensão, F. BOAS, *Property mark of Alaskan Eskimo*, *Amer. Anthropologist*, N.-S. vol. I, p. 602ss., HOFFMANN, *The graphic Art of the Eskimo*, *Rep. U.S. Nat. Mus.*, 1895 (Washington, 1897), p. 720ss. A extensão das marcas de propriedade ultrapassa por certo o Mackenzie, PETITOT, *Grands Esquimaux*, p. 187. BOAS afirma não as conhecer na terra de Baffin nem ao noroeste da baía de Hudson (ver, todavia, E.B.L., p. 94). Porém, sem ser necessário supor as marcas propriamente ditas, é certo que um direito de caça tão preciso quanto o direito esquimó (ver, adiante) só poderia ser empregado se cada caçador tivesse meio de provar que a arma era a sua, cf. Dalager, em CRANZ, III, 3, § 25.

(117) Cf. NELSON, p. 323ss. (poderio do totem).

(118) NELSON, p. 438; cf. Narra. of a Lieut., CHAPPEL, *Voy. to Hudson's Bay*, p. 65.

(119) LYON, *Priv. Jour.*, p. 21, cf. *Narrative*, etc., p. 55.

(120) Anedota em NANSEN, *Eskimoleben*, p. 91. As raquetas (européias) não são submetidas às regras ordinárias.

(121) Enterrado com ela, BOAS, C.E., p. 580.

(122) Cf. RINK, T. T., p. 30; TURNER, p. 105; BOAS, C.E., p. 541.

verno ⁽¹²³⁾. Em todo caso, é claro que os móveis da família restrita relacionam-se exclusivamente com a vida de verão e à única parte da vida de verão que perdura no inverno. Mas o direito da família aparece de modo incontestante em tudo que diz respeito a produtos de consumo. O caçador transporta para a tenda tudo o que conseguiu apanhar, por muito longe que se encontre, por muito esfaimado que esteja ⁽¹²⁴⁾. O rigor com que essa regra é observada causa admiração aos europeus. A caça e os produtos dela derivados pertencem não ao caçador, mas à família, seja quem for o caçador. Tal altruísmo notável contrasta estranhamente com a frieza e indiferença que são testemunhadas em relação aos feridos e aos enfermos ⁽¹²⁵⁾, que são abandonados a partir do momento em que se tornam incapazes de seguir a família em suas migrações ⁽¹²⁶⁾.

Completamente diferente é o direito de inverno. A esse egoísmo individual ou estreitamente familiar opõe-se um coletivismo amplo.

De início, com os imóveis aparece o regime comunitário. A casa grande não é propriedade de alguma família das que nela habitam, e sim dos *housemates* reunidos. É construída e conservada às expensas comuns ⁽¹²⁷⁾. Parece até que há uma apropriação coletiva do terreno.

Com relação aos produtos de consumo, o coletivismo, em vez de restringir-se à pequena família, como ocorre durante o verão, estende-se à casa toda. A caça é dividida igualmente entre todos os habitantes ⁽¹²⁸⁾. A economia especial da família restrita desaparece completamente. Nem do que consegue na caça, nem das partes que recebe ela tem o direito de fazer economias em proveito próprio. Tanto os armazéns exteriores quanto os produtos congelados trazidos de

(123) RINK, T. T., pp. 28, 23.

(124) Ex. em HALL, *Life with the Esqui.*, I, p. 250.

(125) Ver p. 22, n. 75.

(126) Cf. contos em BOAS, E. B. L., pp. 172, 202, 211, 239, etc.

(127) CRANZ, III, 3, 25; RINK, pp. 10, 23; HOLM, p. 83ss.; MURDOCH, p. 85; PETITOT, *Monogr.*, p. XXXI; RICHARDSON, *Polar Regions*, p. 319; PORTER (Woolfe), *Rep. Alaska*, p. 137; PETROFF, *Rep. Alaska*, p. 125.

(128) HOLM, p. 87, *Hanseråks' Dagbog*, p. 51; CRANZ, *loc. cit.*, cf. X, 7; DALAGER, *loc. cit.*, Paul EGEDE, *Efterretninger*; RINK, T. T., p. 27 (diz formalmente que é assim o regime da estação de inverno); NANSEN, *Eskimoleben*, p. 91s. (reproduz Dalager e acrescenta-lhe alguns erros). No estreito de Smith, o comunismo parece a um tempo absoluto e restrito aos únicos *Bopladsfoeller*, anedota em RASMUSSEN, *Nye Mennesker*, p. 81; NORDENSKIOLD, *Den Andra*, etc., p. 503; BOAS, C.E., p. 577; HALL, *Life with the Esqui.*, II, p. 290, KLUTSCHAK, p. 66; KUMLIEN, *Contributions*, p. 18; PETITOT, *Monogr.*, p.

longínquos esconderijos são coisas indivisíveis. Previsões anteriores ou recentes são partilhadas na medida das necessidades comuns⁽¹²⁹⁾.

O direito comunitário, porém, afirma-se ainda mais na estação do que na casa grande. Aí é mais acentuada a oposição entre os direitos individuais e patriarcais do verão.

Já de início, há a propriedade indivisa do solo ocupado pela estação: nada, nem mesmo um aliado pode instalar-se ali sem uma tácita aceitação da comunidade⁽¹³⁰⁾. É claro que o kashmin, onde existe, é igualmente um imóvel comum⁽¹³¹⁾.

A seguir, o coletivismo de consumo é ali ainda mais notável do que na casa grande. Há certas tribos em que, não apenas nos momentos de carestia, como durante todo o tempo, toda a caça é partilhada por todos⁽¹³²⁾. A vida de inverno passa-se, assim, em uma perpétua refeição comum que os indígenas se oferecem mutuamente⁽¹³³⁾. Principalmente os animais de certo porte, como as morsas e os pequenos cetáceos, provocam sempre um festim absolutamente geral e a partilha se faz do modo mais equânime. As baleias encaçadas ou capturadas são despedaçadas em comum; todo o distrito é convidado⁽¹³⁴⁾; cada indivíduo apanha o que pode e — costume curioso — na Groenlândia, os ferimentos causados em outrem por ocasião dessa espécie de operação não são considerados delituosos⁽¹³⁵⁾.

XXXII; PORTER, pp. 103, 137, 141, etc. (Nelson e Murdoch não nos informam a esse respeito).

(129) *Hanseráks' Dagbog*, p. 51; RINK, *T. T.*, p. 26, 27ss.; etc..

(130) RINK, *T. T.*, p. 26; cf. DALAGER, *loc. cit.*, CRANZ, III, 3, § 5; EGEDE, *Perlus.*, p. 91; BOAS, *C. E.*, p. 587 (restrito ao caso de estrangeiro).

(131) NELSON diz mesmo, p. 285, que a construção do kashim pode ser feita por diversas esteiras associadas da mesma tribo e que isso reforça seus sentimentos de amizade. SIMPSON, *W. Eski.*, p. 259 diz que os kashim seriam a propriedade de indivíduos particulares (cf. PARRY, p. 360). MURDOCH diz que não é assim, p. 427.

(132) BOAS, *C. E.*, p. 577; HALL, *Secord voy.*, p. 226; KLUTSCHAK, p. 234.

(133) Cf. em RASMUSSEN, a história do esquimó da terra de Baffin que diz que sua tropa introduziu na tribo do estreito de Smith um rito comunal de passagem do osso à volta, *Nye Mennesker*, p. 32; HALL, *Life*, etc., I, p. 170, II, p. 120; *Sec. voy.*, p. 226; LYON, *Priv. Jour.*, pp. 125, 127.

(134) RINK, *T. T.*, p. 28, ou de preferência toda gente do distrito vem sozinha, DALAGER, *Grönlandske Relationers*, (ponta Barrow), MURDOCH, p. 438.

(135) RINK, *T. T.*, p. 29. Não queremos dizer que esta caça à baleia pratica-se no inverno, nem que os encalhes de baleias mortas se fazem nessa estação; pensamos simplesmente que esse direito deve ser aproximado ao direito

No que se refere aos objetos móveis, o direito que sobre eles têm, sejam os indivíduos, sejam as famílias, desaparece com muita facilidade diante de uma espécie de direito latente e difuso da comunidade. Quando um objeto é emprestado, há obrigação moral de devolvê-lo; mas tal objeto não pode ser reclamado⁽¹³⁶⁾. A devolução deve ser feita espontaneamente; se ele for perdido, a perda é atribuída a uma falta de quem o emprestou e não é necessário substituí-lo⁽¹³⁷⁾. Explica-se assim, que, nessas condições, o roubo raramente se verifique, sendo quase impossível.

Há mais ainda. Principalmente no Labrador, na Groenlândia e nas regiões centrais, é regra geral que uma família não deva possuir riquezas além de uma quantidade limitada⁽¹³⁸⁾. Em toda a Groenlândia, quando os recursos de uma casa ultrapassam o nível que é considerado normal, os ricos devem emprestar aos pobres obrigatoriamente. Rink diz que as pessoas de uma estação fiscalizam cuidadosamente para que uma pessoa não possua mais do que as outras⁽¹³⁹⁾; dando-se um caso desses, o excedente arbitrariamente fixado é dado aos que têm menos. Esse horror da *pleonexia* é igualmente muito desenvolvido nas regiões centrais⁽¹⁴⁰⁾ e é mais especialmente marcado para trocas rituais de presentes, por ocasião das festas de Sedna⁽¹⁴¹⁾: presentes aos homônimos dos ancestrais mortos⁽¹⁴²⁾, a distribuição às crianças⁽¹⁴³⁾, aos visitantes, etc.⁽¹⁴⁴⁾. A combinação desse rito com os costumes índios do noroeste, desemboca, nas tribos do Alasca, em uma instituição, sem dúvida não idêntica, mas análoga ao potlatch⁽¹⁴⁵⁾ das tribos índias. Na maioria, as aldeias dessa região possuem espécies

da comunidade reunida com referência aos cetáceos menores e que, este sim, funciona principalmente no inverno.

(136) RINK, *T. T.*, p. 29 (reproduz CRANZ e DALAGER, *loc. cit.*).

(137) RINK, *ibid.*, cf. NELSON, p. 294.

(138) RINK, *T. T.*, p. 30 (Labrador); ver STEARNS, *The Labrador*, p. 256; Esquimó do Centro Parry, p. 520; LYON, *Priv. Jour.*, pp. 302, 348, 349 (há uma ligeira falha na observação, mas a nota de que a inveja é o sentimento da comunidade é de todo pertinente).

(139) Cf. RINK, *T. T.*, p. 27; conto de Runuk, etc.

(140) BOAS, *C. E.*

(141) *Loc. cit.*, anteriormente, p. 75ss..

(142) *Loc. cit.*, p. 446, n. 3 e 4, p. 460, n. 4 e 5; principalmente WRANGELL, *Stat. Ergeb.*, pp. 132; PORTER, *Rep. Alaska*, pp. 138, 141.

(143) BOAS, *C. E.*, p. 605; *E. B. L.*, 184.

(144) Cf. anteriormente (a magia).

(145) A aproximação foi feita, PORTER (Weber), *Alaska*, p. 106; WELLS e KELLY, *Engl. Esk. Dict.*, p. 28.

de chefes ⁽¹⁴⁶⁾, cuja autoridade, de resto, está mal definida, e, em todo caso, certo número de homens ricos e influentes. A comunidade, porém, tem ciúme do poder deles, e o chefe só continua sendo chefe ou o rico só continua sendo rico e influente sob condição de distribuir periodicamente seus bens. Só a benevolência de seu grupo lhe permite essa acumulação e é pela dissipação que ele a conquista. Assim, alternadamente, ele goza e expia a sua fortuna, sendo a expiação a condição do gozo. Nelson chega a falar de chefes que foram assassinados por serem ricos demais ⁽¹⁴⁷⁾. Atribui-se uma eficácia mística a essas trocas, a essa redistribuição: elas são necessárias para que a caça seja abundante; sem generosidade não há sorte ⁽¹⁴⁸⁾. O comunismo econômico de inverno é notavelmente paralelo ao comunismo sexual da mesma estação e mostra, uma vez mais, que grau de unidade moral a comunidade esquimó atinge em tal momento.

4.º) *Reação de um regime jurídico sobre o outro*

Por opostos que sejam, esses regimes morais e jurídicos não deixam de afetar-se mutuamente, pelo simples fato de verificarem-se no seio da mesma sociedade e de terem os mesmos homens como participantes. O esquimó, durante o inverno, não pode desfazer-se completamente dos hábitos, das maneiras de ver e de agir aos quais se acostumou durante o verão, e vice-versa. Portanto, é muito natural que algo dos mores e das instituições de uma estação passe à estação seguinte.

É assim que a família restrita de verão não desaparece completamente na casa grande. As diversas famílias que ali se aglomeram conservam uma parcela de sua individualidade. A casa é comum a todas, mas cada uma ocupa um lugar distinto: na casa groenlandesa, elas separam-se por tabique ⁽¹⁴⁹⁾; na casa ocidental, cada família tem seu compartimento ⁽¹⁵⁰⁾; na casa de neve dos esquimó centrais, cada uma tem seu canto no iglu ou seu pequeno iglu especial ⁽¹⁵¹⁾; cada

(146) NELSON, p. 303ss..

(147) NELSON, p. 305; cf. JACOBSEN, *Reise*, p. 281.

(148) HALL diz formalmente, *Life with the Esqui.*, II, p. 320 (e isto explicaria talvez de modo melhor do que qualquer hipótese do próprio potlatch): "A troca de presentes tem por efeito a produção da abundância de riquezas".

(149) Ver anteriormente. Todos os autores dizem formalmente que a dependência de cada família é absoluta.

(150) Cf. anteriormente, *ibid.*

(151) Cf. n. 33 e 34; a respeito da relação interna das famílias, ver PARRY, p. 534; LYON, *Priv. Jour.*, p. 351.

uma tem seu fogo para cozinhar os alimentos; cada uma é livre de abandonar ou de reunir-se às outras nas épocas em que os esquimó deixam ou voltam a seus sítios de inverno ⁽¹⁵²⁾.

Outra instituição que por certo tem a mesma origem é a da adoção ⁽¹⁵³⁾. Os esquimó são um dos povos em que a prática da adoção é levada mais longe ⁽¹⁵⁴⁾; ora, a adoção não seria nem possível e nem útil se a indivisão de inverno persistisse durante o ano todo. Por um lado, de fato, as crianças órfãs, na sua qualidade de membros da grande família igualitária, seriam criadas pela comunidade toda; não obstante os textos e os contos ⁽¹⁵⁵⁾, em todas as regiões esquimó, são unânimes na descrição da triste situação do órfão. Por outro lado, pela mesma razão, se a família restrita não fosse periodicamente substituída pela família grande, não haveria razão alguma para que as pessoas casadas e sem filhos se preocupassem com sua sorte futura, tanto material ⁽¹⁵⁶⁾ quanto moral ⁽¹⁵⁷⁾; não teriam nenhuma necessidade de adotar um parente jovem ou um estranho para assegurar sua existência na velhice e, depois, o culto de suas almas ⁽¹⁵⁸⁾.

Inversamente, a família de inverno reage sobre a família de verão, e a moral de uma sobre a moral da outra. Na casa grande, o esquimó vive nu; vive também nu na tenda, embora faça frio e todo pudor é ali igualmente desconhecido ⁽¹⁵⁹⁾. Malgrado o isolamento e o

(152) *Contra*, CRANZ, III, 3, § 25, diz que a entrada na casa de inverno faz-se sempre simultaneamente.

(153) A respeito da adoção em geral, ver STEINMETZ, *De Fosterage*, em *Tijdschrift der Ned. Gesells. voor Ardrijksk unde*, 1891; ele indica o fato esquimó.

(154) LYON, *Priv. Journ.*, p. 303, PECK, *Life of Rev.*, etc., p. 55. É evidente, segundo as listas de Hanserâk, fornecidas por HOLM, p. 183, que a maioria das famílias integrou um ou dois elementos estrangeiros, pelo menos.

(155) (Groenlândia), *T. T.*, n.º 7, etc.; HOLM Sagn og Fortællinger, etc., em *Meddel.*, X, n.º 4, etc.; RASMUSSEN, *Nye Mennesker*, 226; (Labrador) TURNER, p. 265; (Esquimó centrais) BOAS, *C.E.*, p. 602, etc.; *E. B. L.*, p. 309, etc.; PETITOT, *Traditions indiennes du Canada Nord-Ouest*, Paris, 1886, p. 8; (Alaska) NELSON, p. 510, etc.

(156) A ausência de *provider* desempenha de fato um papel considerável na vida das pessoas idosas, que podem exigir alimentação de seus filhos, enquanto podem segui-los.

(157) Cf. anteriormente, CRANZ, III, 4, § 28, parece indicar que é esse mesmo fenômeno que, produzindo-se na Groenlândia, desemboca na adoção.

(158) Ex. em HALL *Life with the Esqui.*, II, p. 214, 219.

(159) DALAGER, *Grönlandske Relationer*, p. 96; EGEDE, *Perlustr.*, p. 88; CRANZ, III, 3, § 25, III, 4, § 41; LYON, *Priv. Journ.*, p. 349; HANBURY, *Sport*

individualismo da família de verão, um direito de hospitalidade muito ampla é praticado ⁽¹⁶⁰⁾, o que, sem dúvida, é uma lembrança da intensa vida coletiva de inverno. Em certos casos, o hóspede é até admitido no leito familiar ⁽¹⁶¹⁾. Esse direito, aliás, parece pertencer mais especialmente aos parentes da estação invernal ou aos companheiros da estação.

Reações do mesmo gênero são observadas no que diz respeito ao direito de propriedade. Já tivemos ocasião de indicar que, no interior da casa grande, cada família continua sendo proprietária de suas lâmpadas, de suas cobertas, cada indivíduo, de suas armas e de suas roupas. Ademais, a ordem segundo a qual são repartidos os produtos da caça entre os habitantes da casa tem, às vezes, a marca do direito individualista de verão. Aqui ⁽¹⁶²⁾ é o próprio caçador quem procede à divisão e, mais do que prestar contas obrigatoriamente a seus companheiros, ele dá a impressão de convidá-los graciosamente para a partilha. Às vezes, a propriedade da caça ou a ordem das partes são determinadas por um regulamento que estabelece uma espécie de compromisso entre os dois direitos em conflito: por exemplo, o arpoador que deu o último ou o único golpe é quem tem direito à cabeça da foca; seguem-se os outros caçadores e depois os parentes. Outras vezes, ao contrário, não há limitação alguma ao direito absoluto dos *housemates* sobre a presa, etc.

O que essas reações demonstram é que, em muitos pontos, as semelhanças apresentadas pelos dois regimes devem-se a espécies de sobrevivência. Sem essas repercussões, a oposição entre as duas estações seria ainda mais acentuada. Tudo se passa como se o que há de individualismo na civilização esquimó viesse do verão e como se viesse do inverno tudo quanto há nela de comunitário.

Porém, mesmo sendo necessário pensar na importância relativa dessas diferenças extremas e dessas influências mútuas, o direito esquimó, na sua totalidade, corresponde à dupla morfologia social esquimó, e só a ela.

and Travel, p. 42 (oferecimento de mulheres); PETITOT, *Grands. Esqui.*, p. 142.

(160) Para as trocas permanentes de mulheres, cf. Schanz em PORTER, *Alaska*, p. 103, para os resultados dessas trocas.

(161) Regiões centrais, orientais e ocidentais, ver BOAS, *E. B. L.*, p. 116, cf. p. 211, n. em um conto.

(162) Groenlândia, textos citados anteriormente.

Conclusão

A vida social dos esquimó apresenta-se-nos, portanto, sob duas formas nitidamente oponíveis e paralelas à sua dupla morfologia. Sem dúvida, entre uma e outra, há transições: não é sempre de modo brusco que o grupo entra ou sai de seus sítios de inverno; também, não é sempre que o pequeno acampamento de verão se compõe de uma só e única família. Nem por isso, porém, deixa de ser exato, de modo geral, que os homens têm duas maneiras de agrupar-se e que a essas duas formas de agrupamentos correspondem dois sistemas jurídicos, duas morais, duas espécies de economia doméstica e de vida religiosa. A uma comunidade real de idéias e de interesse na densa aglomeração de inverno, a uma forte unidade mental religiosa e moral, opõem-se um isolamento, uma pulverização social, uma extrema pobreza moral e religiosa na dispersão de verão.

Vê-se que, em resumo, as diferenças qualitativas que separam essas duas civilizações sucessivas e alternadas dizem respeito principalmente a diferenças quantitativas na intensidade muito desigual da vida social desses dois momentos do ano. O inverno é a estação em que a sociedade, fortemente concentrada, encontra-se num estado crônico de eferescência e de superatividade ⁽¹⁾. Porque os indivíduos encontram-se mais próximos, as ações e as reações sociais são mais numerosas, mais seguidas, mais contínuas; as idéias são trocadas, os sentimentos se reforçam e avivam-se mutuamente; o grupo, sempre ativo, presente sempre à vista de todos, tem mais o sentimento de si mesmo e ocupa também um lugar maior na consciência dos indivíduos. Inversamente, no verão, os vínculos sociais afrouxam-se, as relações tornam-se mais raras, os indivíduos entre os quais elas se verificam são menos numerosos; a vida psíquica se atenua ⁽²⁾. Há, em resumo, entre esses dois momentos do ano, toda a diferença que pode haver entre um período de societiedade intensa e uma fase de societiedade lânguida e abatida. Eis o que termina por provar que a casa grande de inverno não se explica unicamente por razões técnicas. Evidentemente, é um dos elementos essenciais da civilização esquimó,

(1) Ex. ver conto em BOAS, *E. B. L.*, todas as noites são passadas no kashim.

(2) A diferença está assinalada em CARTENSEN, *Arctic Life*, p. 127.

que surge quando ela atinge o seu máximo desenvolvimento, realiza-se integralmente tanto quanto é possível e desaparece quando ela enfraquece (3), sendo, em consequência, função de toda essa civilização.

A vida social dos esquimó obedece um ritmo regular, sem ser, nas diferentes estações, sempre igual. Tem um instante de apogeu e outro de hipogeu. Mas se surge mais manifestamente entre os esquimó, essa curiosa alternância não é particular a eles. O fato que acabamos de observar tem uma generalidade que à primeira vista não se pode suspeitar.

De início, há, na América índia, um grupo importante de sociedades, consideráveis por elas mesmas, que vivem da mesma maneira. Trata-se, primeiramente, das tribos da civilização chamada de civilização do noroeste (4): tinglit, haida, kwakiutl, aht, nootka, e até um grande número de tribos californianas, hupa (5), wintu, etc. Entre todos esses povos, encontram-se igualmente uma concentração extrema no inverno e uma extrema dispersão no verão, se bem que essa dupla organização não se deva a condições técnicas ou biológicas de verdadeira necessidade. E a essa dupla morfologia correspondem, com muita frequência, dois regimes sociais. Esse é notadamente o caso dos kwakiutl (6): no inverno o clã desaparece e cede lugar a agrupamentos de um gênero completamente diferente, as sociedades secretas ou, mais exatamente, as confrarias religiosas em que todos os nobres e pessoas livres hierarquizam-se; a vida religiosa verifica-se no inverno e a vida profana no verão, como entre os esquimó. Os kwakiutl têm até uma fórmula muito feliz para exprimir tal oposição (7): “no verão, dizem eles, o sagrado fica embaixo e o profano em cima; no inverno, o sagrado fica em cima e o profano embaixo”. Os hupa apresentam variações análogas que, presumivelmente, terão sido mais fortes no passado. Muitas sociedades do grupo athapaskan apresentam a mesma característica, que é encontrada desde o extre-

mo norte, nas tribos ingalik e chalcotin, até o platô mexicano, entre os navahos (8).

Não pertencem a esse tipo, porém, só as sociedades americanas. Nos climas temperados ou extremos, em que a influência das estações é verdadeiramente sensível, os fenômenos que poderiam ligar-se aos que estudamos são inumeráveis. Citaremos dois, particularmente chocantes: as migrações de verão das populações pastoris das montanhas da Europa (que quase chegam a esvaziar as aldeias da população masculina (9) e o fenômeno quase inverso que regulava a vida do monge budista na Índia (10) e que regula ainda a vida do asceta errante, agora que o sâmgua budista não mais conta com adeptos naquele país: na estação das chuvas, o monge mendicante interrompe suas andanças e volta ao mosteiro.

Aliás, basta olhar o que se passa à nossa volta, nas nossas sociedades ocidentais, para que sejam encontradas as mesmas oscilações. Mais ou menos a partir do mês de julho, como resultado da dispersão estival, a vida urbana entra num período de contínuo enlanguescimento de férias, que chega ao ponto final no fim do outono. Neste momento ela tende a reerguer-se, cresce regularmente até o mês de junho, para decrescer de novo. A vida rural segue a marcha inversa. No inverno, o campo mergulha numa espécie de torpor; em certos lugares, as migrações sazonais tornam a população rarefeita nesse momento; de qualquer forma, cada pequeno grupo, familiar ou territorial, encerra-se em si mesmo; faltam as oportunidades e os meios de reunião; é a época da dispersão. No verão, ao contrário, tudo se reanima; os trabalhadores voltam aos campos; vive-se fora, em constante contacto com os outros. É o momento das festas, dos grandes trabalhos e dos excessos. As cifras estatísticas não deixam de traduzir essas variações regulares da vida social. Os suicídios — produto urbano — aumentam desde o fim do outono até junho; os homicídios — produto rural — aumentam, ao contrário, desde o começo da primavera até o fim do verão, para diminuir em seguida.

(3) RINK, T. T., p. 80. O aumento do número de casas é considerado por RYBERG (*loc. cit.* anteriormente), como um progresso no sentido europeu.

(4) Ver em geral, NIBLACK, *The Indians of the Northwest Coast, Rep. U. S. Nat. Mus.*, 1888, cap. II.

(5) Ver C. R., p. 202.

(6) BOAS, *The social Organization and Secret Societies of the Kwakiutl, Report of the U. S. Nat. Mus.*, 1895; cf. C. R. DURKHEIM, ano I, p. 336.

(7) BOAS, *ibid.*, p. 419.

(8) COSMOS MINDELEFF, *Navaho Houses*, 17th. Ann. Repr. Amer. Bur. Ethn. (cf. C. R. *Année Socio.*, VII, p. 663).

(9) Para um estudo das migrações sazonais vâlicas, ver de MARTONNE, *La Moldo-Valachie*, etc., Paris, 1903, p. 107.

(10) *Mahāvagga*, III, Iss. Ver OLDENBERG, *Le Baudilha*, 1.ª ed., Paris, Alcan, 1904, p. 360; *Vinaya Texts* (Sacred Books of the East vol. XIII), p. 298ss.; KERN, *Histoire du Bauddhisme dans l'Inde*, II, pp. 5, 42, e os textos citados, *Manual of Buddhisom, Grundritss der Indo-Arischen Philologie*, 1899, p. 42.

Tudo, portanto, faz supor que estejamos assim em presença de uma lei que provavelmente tem grande generalidade. A vida social não se mantém no mesmo nível nos diferentes momentos do ano, mas passa por fases sucessivas e regulares de intensidade crescente e decrescente, de pausa e de atividade, de gasto e de reposição. Dir-se-ia verdadeiramente que ela leva os organismos e as consciências a uma violência que só é suportável durante certo tempo, chegando um momento em que eles são obrigados a atenuá-la e a subtrair-se parcialmente a ela. Daí o ritmo de dispersão e de concentração, de vida individual e de vida coletiva cujos exemplos acabamos de anotar. Chegamos mesmo a perguntar se, mais do que causas determinantes e necessárias do mecanismo como um todo, as influências sazonais não são causas ocasionais que marcam o momento do ano em que cada uma dessas duas fases pode situar-se da maneira mais oportuna. Depois dos longos excessos da vida coletiva que preenchem seu inverno, o esquimó tem necessidades de: viver uma vida mais individual; após longos meses de vida comum, em festas e cerimônias religiosas, ele deve precisar de uma existência profana; e sabe-se que, de fato, o esquimó sente-se feliz com a mudança que, em consequência, parece responder a uma espécie de necessidade natural (11). Sem dúvida, as razões técnicas que expusemos explicam a ordem em que esses dois movimentos alternados sucedem-se no ano; mas se essas razões não existissem, tal alternância, ainda que de maneira diferente, talvez se verificasse. Um fato tenderia a confirmar esse nosso ponto de vista: quando, sob a influência de certas circunstâncias (grandes pescas de baleias, grandes mercados), os esquimó do estreito de Behring e da ponta Barrow foram induzidos a aproximar-se no verão, o kashim reapareceu, temporariamente (12). Ora, com ele voltam as cerimônias, as danças loucas, refeições e trocas públicas que o kashim comumente ocasiona. É que as estações não são a causa imediatamente determinante dos fenômenos que condicionam: atuam sobre a densidade social que regulam.

O que as condições climatéricas da vida esquimó podem explicar sozinhas é o contraste tão marcante entre as duas fases, a nitidez

(11) Cf. o conto em que uma mulher sente-se feliz por deixar a estação, queixando-se de haver recebido muitos visitantes, RINK, *T. T.*, p. 189, e observar a felicidade de Jacobsen por escapar da agitação de uma casa de inverno esquimó, *Reise*, p. 241.

(12) PORTER (Woolfe), *Rep. Al.*, p. 137 (tribo do cabo Icy, na ponta Kay); MURDOCH, p. 80 (acampamento de Imekpun, 1883).

de sua oposição; como resultado, o fenômeno é mais facilmente observável nesse povo, saltando aos olhos, como se diz; mas é muito provável que seja encontrado alhures. Além disso, se esse grande ritmo sazonal é o mais aparente, é possível pensar que não é o único e que há outros, cujas oscilações têm uma amplitude menor em cada estação, em cada mês, em cada semana, em cada dia (13). Cada função social tem, provavelmente, seu ritmo próprio. Sem pretender nem por um momento apresentar essas conjecturas como verdades estabelecidas, acreditamos, contudo, que vale a pena enunciá-las (14), pois têm boas possibilidades de serem fecundas as pesquisas que visem a controlá-las.

Seja qual for o interesse dessa observação, é possível tirar deste trabalho outra conclusão geral igualmente digna de chamar a atenção.

Colocou-se como regra de método que a vida social, em todas suas formas, moral, religiosa, jurídica, etc., é função de seu substrato material e que varia com esse substrato, isto é, com a massa, a densidade, a forma e a composição dos agrupamentos humanos (15). Até agora, essa hipótese não deixou de ser verificada em certos casos importantes. Pudemos indicar, por exemplo, como a evolução respectiva do direito penal e do direito civil era função do tipo morfológico das sociedades (16), como as crenças individualistas desenvolviam-se ou debilitavam-se de acordo com o grau de integração ou de desintegração dos grupos familiares, confessionais, políticos (17), como a mentalidade das tribos inferiores reflete diretamente a constituição anatômica destas (18). Mas as observações e as comparações em que se apoiavam essas diferentes leis deixavam sempre margem a dúvidas que se estendiam *a fortiori* ao princípio geral que primeiramente era enunciado. Pois, ao mesmo tempo que as variações de ordem morfológica, muitas outras podiam ser produzidas, sem conhecimento dos observadores, e das quais talvez dependessem os fenômenos estudados.

(13) Ver alguns fatos nesse sentido em DURKHEIM, *Le Suicide*, p. 100-102.

(14) Hubert, recentemente, a propósito da idéia de tempo, chegou à hipótese de um ritmo de vida coletiva que explicaria a formação do calendário. *L'idée de temps dans la religion et la magie*, Rapp. de l'École des Hautes Études, 1905.

(15) Ver DURKHEIM, *Règles de la méthode sociol.*, 3.ª ed., p. 137s.

(16) Ver DURKHEIM, *La division du travail social, passim*.

(17) DURKHEIM, *Le Suicide*, liv. II, cap. 2-4.

(18) MAUSS e DURKHEIM, *Essai sur quelques formes primitives de classification*, *Année Sociol.*, t. VI.